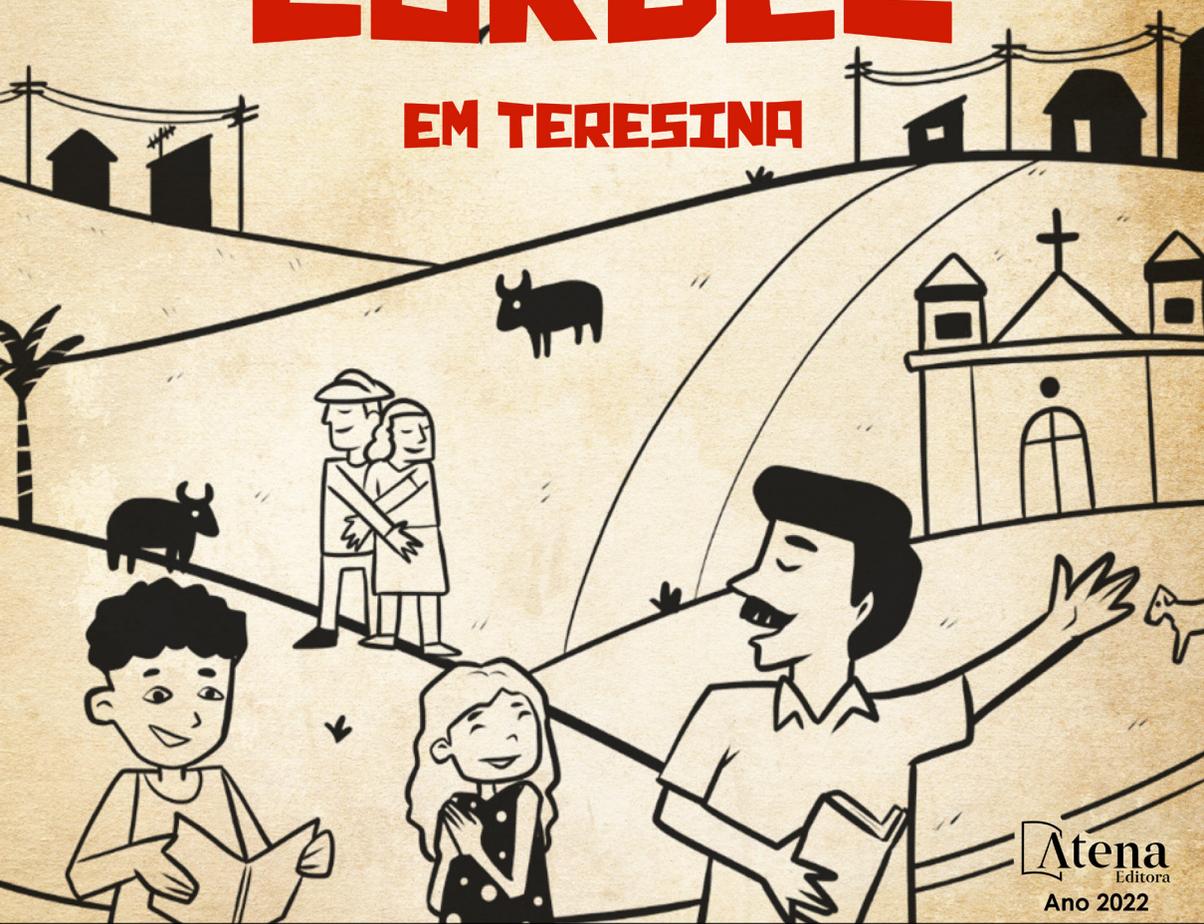
Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha
Eliane Cristina Testa
- Organizadoras -

Prefácio de
Marco Haurélio

Ilustrações por
Paulo Roberto de Jesus Costa

VIVER O CORDEL
EM TERESINA

Atena Editora
Ano 2022

Entrevistas com:

Francisco Almeida | Joaquim Mendes Sobrinho (Joames) | Joaquim Rodrigues da Matta Filho (Joaquim da Matta)
José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra) | Josefina Ferreira Gomes de Lima | Maria Luzinete Fontenele
Marina Campelo | Pedro Mendes Ribeiro | Raimundo Clementino Neto

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Ilustrações
Paulo Roberto de Jesus Costa
Edição de arte
Luiza Alves Batista

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Viver o cordel em Teresina

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: As autoras
Organizadoras: Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha
Eliane Cristina Testa
Prefácio: Marco Haurélio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V857 Viver o cordel em Teresina / Organizadoras Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha, Eliane Cristina Testa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0670-9
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.709221410

1. Literatura de cordel brasileira. I. Cunha, Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da (Organizadora). II. Testa, Eliane Cristina (Organizadora). III. Título.

CDD 398.5

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Aos que buscam viver

o cordel com amor e

alegria.

Aos participantes das entrevistas.

A cultura popular tem vitalidade
e riqueza de experiências

Hélder Pinheiro

a entrevista permite que o leitor conheça melhor
o entrevistado e suas ideias a respeito de
determinado assunto. Assim,
quem ganha destaque é o entrevistado
e suas colocações

Vanilda S. Köche
Adiane F. Marinello

Somos privilegiados em termos de tradições populares

Marco Haurélio

O gênero Cordel é parte integrante do grande caldo
cultural e sua difusão, claro, ajuda a expandir
olhares sobre o Brasil "de dentro",
o Brasil Real, de que falava Ariano Suassuna.

Marco Haurélio

PREFÁCIO

Fios quem tecem histórias

De teresina para o mundo

A literatura de cordel brasileira é um patrimônio que, por mais de um século, se manteve vivo e influente entre as camadas mais humildes do interior do Nordeste, logrando, por vezes, alcançar as casas-grandes e as periferias das grandes cidades. O nome *cordel,* com seu significado ampliado para além do objeto, sinônimo de barbante, hoje abrange o gênero da poesia popular no qual a autoria pode ser ou não identificada. Sua floração teve lugar no Nordeste do final do século XIX e início do século XX, a partir do Recife, onde se estabeleceu a empresa regular da impressão e divulgação de histórias cotidianas ou atemporais, e de lá se difundiu para o resto do país. Cordel é literatura de diáspora, e devemos a um retirante paraibano, nascido no interior do município de Pombal, numa gleba rural hoje pertencente ao município de Paulista, Leandro Gomes de Barros (1865-1918), o alicerce seguro ou, valendo-me de outra metáfora, o preparo do solo para o recebimento das primeiras sementes e de que veio abundante colheita.

Leandro, depois de migrar para Teixeira, ainda em seu estado natal, estabeleceu-se em Vitória e Jaboatão, já em Pernambuco, até fixar-se definitivamente na capital, Recife, à época uma das grandes cidades do país, perdendo em importância apenas para o Rio de Janeiro. Ao adquirir um velho prelo manual descartado por um jornal recifense que modernizava o seu parque gráfico, Leandro começava uma nova etapa na vida cultural do país. A literatura de folhetos já circulava, esparsa e carecente de um impulso sistemático, nas esquinas do Rio de Janeiro e do próprio Recife, incipiente, incapaz de capturar os eflúvios da alma coletiva, as gestas sertanejas, o drama do cangaço e as histórias imemoriais, vivas e correntes no Brasil interior. Se não nasceu ali, haja vista a circulação de folhetos no Rio e no próprio Recife, o cordel ampliou a sua área de influência e seu leque temático, em bases tão sólidas que nem as crises sazonais e a política de terra arrasada conseguiram tirá-lo de cena.

O processo de divulgação dessas histórias, criadas ou recriadas pelo gênio paraibano, amplificadas nas vozes dos cantadores, repletas de crenças avoengas e sequiosas do porvir, vetustas e atuais a um só tempo, constituiu-se numa revolução quase silenciosa, daquelas que só são percebidas no decorrer de muito tempo, quando as sementes de que falei deram origem a muitas árvores de acolhedora fronde.

Não por acaso, outros centros produtores de folhetos (o termo *cordel* era, então,

desconhecido ou ignorado) emergiriam no interior e na capital paraibana e até mesmo em Belém do Pará, onde um pernambucano, Francisco Lopes, certamente inspirado por Leandro, criou uma empresa gráfica, a Guajarina, que ajudaria a ampliar o rol de leitores da poesia bárdica do Nordeste. Literatura de diáspora, como já mencionado, o cordel teve na errância de seus autores, motivada por fatores os mais diversos, especialmente pelo depauperamento da população interiorana, a causa maior de sua difusão impressionante.

Um desses bardos, Firmino Teixeira do Amaral, nascido em Amarração, interior do Piauí, por muito tempo disputado pelo estado lindeiro Maranhão, prestou serviços à editora, por onde publicou – ou republicou – sua obra que, se não é extensa, dada a sua curta existência, é das mais consistente da literatura de cordel. Certo é que o vate, "o mais brilhante que nos deu o Piauí, um dos maiores do Nordeste"[1], nas palavras de Átila Almeida, veio a falecer, vítima de uma lesão cardíaca, com apenas 38 anos, em seu estado natal, na cidade de Parnaíba, a 9 de fevereiro de 1937. Legou-nos clássicos, como *A peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, a melhor obra do gênero, *História de Carlos e Adalgisa*, romance em que imita o estilo de Leandro Gomes de Barros, principalmente a obra-prima *A força do amor*, e o sensacional folheto de gracejo *A festa dos bichos ou as aventuras de um porco embriagado*. Firmino é o patrono da poesia popular de bancada do Piauí, e a presente publicação que ora apresento de alguma forma está relacionada ao seu influxo lendário.

*

* *

Quando a professora Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha convidou-me a escrever um texto para a presente antologia (mais que uma antologia, um registro biobibliográfico, um inventário, como pude constatar depois), tive dúvida se aceitaria ou não. Explico o porquê. O Piauí é o único estado nordestino no qual jamais pus os pés, apesar de ligado afetivamente a ele desde os seis anos de idade, quando li a *História do Valente Sertanejo Zé Garcia*, de João Melchíades Ferreira; ambientada, quase toda, na área de pastorícia do estado, embora narrada como uma balada medieval do ciclo carolíngio, a ponto de o protagonista ser comparado a Roldão.

Há ainda me conectando ao estado o fato de eu haver republicado, no breve período em que fui editor da Luzeiro, o romance *Romeu e Julieta*, de Maria Ilza Bezerra, piauiense de Fronteiras e primeira mulher a quebrar o monopólio de mais de 50 anos de publicações exclusivamente masculinas naquela que se tornou a maior editora popular do país. Há que se fazer referência, ainda, à gentileza do saudoso poeta Pedro Costa, que sempre me

---

1 ALMEIDA, Átila; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. João Pessoa: Editora universitária, 1978, p. 62.

presenteava com sua revista *De Repente*, e a Raimundo Clementino, que conheci vagando pelas feiras literárias, divulgando o seu trabalho e distribuindo a folha solta *Teresrimas* (sic). Esse elo foi reforçado pela amizade com o cordelista temporão Pedro Monteiro – natural de Campo Maior, mas residente em São Paulo há mais de quatro décadas, autor hoje nacionalmente reconhecido – e pela correspondência virtual com a professora Josefina Gomes, uma das autoras do presente florilégio, então envolvida com a sua dissertação que envolvia uma área de especial interesse para mim: a relação entre o cordel e a literatura para crianças e jovens. Assim sendo, mesmo não estando no Piauí, sempre estive com o Piauí, enleado em uma cadeia afetiva na qual, também, os imaginários da minha Bahia natal e dos gerais piauienses se misturam sem se confundirem.

Ao que foi pesquisado, e mesmo aos artigos finais de Angelita e Augusto Rodrigues da Silva Junior, que dá conta do valioso trabalho tecido a muitas mãos, eu pouco posso acrescentar. Resta agradecer a cada poeta que generosamente compartilhou conosco seus textos, podendo ser um poema singelo, como *Vestidinho de filó*, de Marina Campelo, ou uma versão rimada da saga de Tarzan, personagem presente em muitas infâncias, saído da imaginação fértil de Edgar Rice Burroughs para as pranchas dos quadrinistas, as telas do cinema e da TV e o romance de cordel de Joaquim da Matta. A constelação aqui reunida traz ainda Francisco Almeida, filosofando sobre a família, o irrequieto Joaquim Mendes Sobrinho, o Joames, líder inconteste da classe e hábil pesquisador, o decano Zé Bezerra, e a já mencionada Josefina evocando o episódio mais luzidio da história piauiense, a batalha do Jenipapo. A face feminina da literatura de cordel ainda é reforçada por Luzinete Fontenelle, que escreve sobre o empreendedorismo da mulher, mirando-se em sua própria trajetória. Fecham a antologia os poetas Pedro Mendes Ribeiro e Raimundo Clementino, reforçando o caráter polifônico da obra, com o primeiro dando um testemunho de sua profunda religiosidade e o segundo realçando o seu papel de poeta-educador por meio de uma adaptação do clássico *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint Exupéry. Fios que, tecidos por vários mãos, redundam num só, e colorido, tecido.

Aceitem, por favor, minha desajeitada saudação, que não me atrevo a chamar de prefácio, pois meu coração (*cordis*) está com vocês.

Marco Haurélio

NOTA E AGRADECIMENTOS

A literatura de cordel destaca-se como sendo uma das mais expressivas manifestações da cultural popular, apresentando em seu vasto repertório, muitas vezes, o cotidiano e/ou a “realidade” vivida por um povo. As produções cordelianas trazem ocorrências marcantes de variantes psicossociais por meio de produções orais e escritas. Não se pode falar da cultura nordestina brasileira sem falar da expressão e da importância do cordel.

Destacamos que este livro digital (e-book) Viver o cordel em Teresina, organizado por Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha e Eliane Cristina Testa, é fruto de uma pesquisa-ação desenvolvida na Escola Municipal Hermelinda de Castro, localizada na zona rural, no Município de Teresina - PI, e envolveu alunas e alunos do Ensino Fundamental (turma de 8º ano), professores e cordelistas da região de Teresina - PI. Com o desenvolvimento desta pesquisa-ação interventiva, tomamos proximidade com a cena do cordel, em Teresina - PI e, com o intuito de apresentar algumas vozes da(o)s cordelistas locais, é que propomos fazer este livro de entrevistas, para tentar contribuir com a cena do cordel em Teresina - PI.

Não poderíamos deixar de ressaltar, ainda, que a tradição com o cordel em Teresina conta com nomes de destaque, como o do cordelista Firmino do Amaral (1896-1926), que recebeu o título de o mais famoso poeta popular piauiense, legando, assim, uma história e uma memória para a Capital do Piauí, além de Hermínio Castelo Branco (1851- 1889), uma das maiores expressões da poesia popular nordestina, autor da famosa obra “Lira sertaneja” que deu nome à biblioteca da Cordelaria Chapada do Corisco, em Teresina (PI).

Acreditamos que quando cada entrevistada(o) nos revela suas memórias, implicadas de afetividades e de suas singularidades poéticas, conseguimos compreender um pouco mais deste imenso, complexo e rico universo do cordel. Além disso, este e-book representa uma materialidade que expressa uma parte da história de vida destas/destes que se dedicam vivazmente à produção cordeliana.

As transcrições presentes neste livro digital foram realizadas pelo mestrando João Victor Ferreira dos Santos, aluno do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL/UFNT), Campus de Araguaína, em setembro de 2019, e seguiram as normas para transcrição de textos orais (normas adotadas pelo Projeto NURC/RS), a quem agradecemos imensamente.

Também nossa gratidão aos poetas cordelistas por conceder as entrevistas e pelas generosas contribuições na pesquisa-ação, aos jovens estudantes envolvidos no projeto,

aos gestores e professores da Escola Municipal Hermelinda de Castro (localizada na zona rural do município de Teresina, Piauí), ao prefaciador e cordelista, Marco Haurélio, ao professor Augusto Niemar, pelo ensaio inédito e ao Paulo Roberto de Jesus Costa, pelas ilustrações que compõem esta obra.

Desejemos àqueles que se disporem a ler este e-book que apreciem os caminhos que fazem muitas e muitos cordelistas dedicar seu amor às produções de cordéis. Que os cordéis de cada poeta presente, neste volume de entrevistas, possam as/os instigarem a buscar mais sobre a vida e a obra de cordelistas de Teresina. Assim, recomendamos a leitura! Boa viagem!

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha e Eliane Cristina Testa

As organizadoras

APRESENTAÇÃO

Este livro digital (*e-book*) "Viver o cordel em Teresina", organizado por Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha e Eliane Cristina Testa, apresenta uma série de entrevistas com cordelistas da região de Teresina-PI, poemas de cordéis e dois textos ensaísticos que versam sobre o cordel em perspectivas diferentes. Esta obra revela percursos de vida de cordelistas que se dedicam a arte de viver e de produzir cordéis encantadores. É um livro que busca captar a memória, a voz e a força daqueles que formam um grupo de cordelistas atuantes na cena literária de Teresina-PI, conseguindo, assim, se tornar um importante registro histórico, com depoimentos preciosos que revelam as singularidades e a identidade de cada cordelista entrevista(o) pelas organizadoras deste *e-book*. Desta maneira, as/os poetas cordelistas nos legam significativas falas de suas vidas, em um tom vivo e informal, que, certamente, nos leva a participar um pouco de suas vidas.

Ainda a(o)s leitores interessada(o)s por esta obra poderão encontrar poemas de cordéis Francisco Almeida Joaquim Mendes Sobrinho (Joames), Joaquim Rodrigues da Matta Filho (Joaquim da Matta), José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra), Josefina Ferreira Gomes De Lima, Maria Luzinete Fontenele, Marina Campelo, Pedro Mendes Ribeiro e Raimundo Clementino Neto, com temáticas variadas e envolventes.

Também, neste livro digital, encontram-se dois textos ensaísticos; um de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha, que apresenta um relato de experiência de uma pesquisa-ação realizada em uma escola da zona rural de Teresina-PI; outro de Augusto Rodrigues da Silva Junior, que traz reflexões sobre a geopoesia do cordel a partir de sua performatividade cultural, conceituando o cordel como um gênero de rexistência –, que abarca o anseio da publicação, mas que não nega suas origens populares. Destacamos, ainda, que no texto de Cunha, a/o leitor poderá se deparar com a prática do cordel em sala de aula e como essa modalidade de literatura pode engajar jovens alunas e alunos para o despertar à poesia. E, no de Silva Junior encontramos um vigoroso e rico ensaio no campo literário alimentado pela palavra que circunstância a amplitude do gênero cordel, no qual revitaliza "A autoconsciência de um discurso indefinidamente aberto em que o humano aparece em constante formação e transformação evoca uma prática ruminante do verso que cogita profundamente os temas da tradição e forja novas condições para a existência da arte".

Este volume ainda traz uma série de ilustrações (de caricaturas) de Paulo Roberto de Jesus Costa e um valioso e articulado prefácio de Marco Haurélio.

SUMÁRIO

FRANCISCO ALMEIDA - nasceu em São João da Serra (PI) em 14 de agosto de 1956. É registrado como filho de Castelo do Piauí, município do qual São João da serra foi desmembrado. É casado com Zenaide e pai de duas filhas: a médica pediatra Luana e a advogada Camila. Dr. Francisco Almeida, como é conhecido, é Advogado da União e é cordelista há mais de 10 anos já tendo escrito mais de cem cordéis. Filho de Joaquim Francisco de Almeida e Expedita Rosa de Almeida. Cursou Direito na UFPI, trabalhou no extinto Departamento Nacional de Estradas de Rodagens, trabalhou no Banco do Brasil, é membro da Advocacia Geral da União. Poeta popular, autor de diversos cordéis, já com mais de 100 obras publicados/não publicados. É membro da Academia Piauiense de Literatura de Cordel e sócio fundador da Cordelaria Chapada do Corisco. Já fez diversas apresentações e entrevistas sobre cordel, em TV e rádios em Teresina, bem como já se apresentou na TV – Justiça, no Programa Iluminuras, falando sobre cordel, principalmente do cordel que fez em homenagem pelo aniversário de dez anos da TV Justiça.

ENTREVISTA COM FRANCISCO ALMEIDA

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Onde o senhor nasceu?

Entrevistado (Francisco Almeida): Eu nasci no... no município de São João da Serra... Piauí... que na época essa região era município de Castelo... então, sou registrado como filho do Castelo Piauí... pois é...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Como foi sua infância?

Entrevistado (Francisco Almeida): Então, vim do interior já com doze anos... estudei em São João da Serra... depois fui para Alto Longá... depois vim pra Teresina... e sempre em colégio público...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Desde quando o senhor mora em Teresina?

Entrevistado (Francisco Almeida): Eu moro em Teresina desde setenta e dois... vim morar aqui na Casa do Estudante... estudar ainda... a segunda série do antigo ginásio, né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar quando iniciou o seu gosto pelo cordel?

Entrevistado (Francisco Almeida): Tá... meu gosto por cordel... fui há uns dez anos... quando... éh: uma comadre...minha cunhada pediu pra contar história do meu irmão... em cordel pra... pra o aniversário de cinquenta anos dele... pra dar de lembrancinha... aí, depois... AGU... que é onde eu trabalho completou dezoito anos... eu fiz também... aí, me chamaram lá em Brasília... fui na TV Justiça... aí, me empolguei e me apaixonei pelo cordel...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos dizer quais são suas obras?

Entrevistado (Francisco Almeida): Minhas obras aqui num... num dá pra (declinar) tudo... porque tenho muito bem mais de cem já, né?... Então, por exemplo, Sorriso com ternura não é remédio, mas cura... tem também o direito, né? Com o doutor [...] sem paz... eu tenho mandado de segurança para não perder a esperança... tenho sobre o profeta gentileza... aquele que era andarilho... profeta gentileza... Zé [...] foi beleza... eu gosto de botar meus... meus títulos já rimando, né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Qual o seu tema preferido na literatura de cordel?

Entrevistado (Francisco Almeida): Eu gosto muito de... fazer... como é? um (científico)... um (jurídico)... que traga algum ensinamento... meu tema preferido... nossa... por exemplo, aqui... nosso sofrimento é proporcional ao lamento... aí, vou atrás lá e tudo... como... tem alguns jurídico e eu tenho também muita bibliografia que o pessoal pede, né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Qual sua última obra?

Entrevistado (Francisco Almeida): Minha última obra publicada foi... a felicidade ardente reside dentro da gente... mostrando que é muito fácil ser feliz... só se confirmar com o que conseguiu...com sua família ser feliz... sua aparência... tudo que você conseguiu... e continua lutando... você já tá feliz [rindo] mais... melhor ainda... mais felicidade...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Atualmente o senhor está escrevendo algum cordel? Poderia nos contar?

Entrevistado (Francisco Almeida): Atualmente estou escrevendo do... terminei agora... sobre a história do Beto... cidadão lá de (Pedreiras) do Maranhão... que o aniversário de sessenta anos dele é no dia onze... de janeiro de dois mil e vinte... vou tá lá presente... e também tem do Valdomiro de Deus Sousa na humildade repousa... é um artista da Bahia... artista plástico... que já expôs mais de vinte e cinco país... uma história muito bonita... o cordel em Teresina têm... eu acho que tem evoluído muito... teve assim uma parada... mas ultimamente tá em alta... apesar do nosso... grande Pedro Costa ter falecido...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O que é preciso fazer para aprender a produzir cordéis?

Entrevistado (Francisco Almeida): Eu podia definir finalmente o cordel, né? Cordel como... cordel é cultura viva... e também cangaço forte... indo a qualquer lugar... partindo de sua morte... podemos louvar a vida ou mesmo temer a morte... então, cordel está em todo tema... que se possa discutir... que antigamente era mais restrito aquela questão amores impossíveis... de crimes hediondos... mas hoje ele tá em tudo...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia comentar sobre o cordel em Teresina.

Entrevistado (Francisco Almeida): Foi criada a Cordelaria Chapada do Corisco que tá ali crescendo com todo vapor... promovendo o cordel... então, o Pedro Costa foi duma contribuição imensurável no cordel... com o projeto cordel nas escolas... eu vi também no âmbito nacional... ganhou concurso nacional... fazia parte da academia nacional de literatura de cordel... academia brasileira de literatura de cordel que a sede é no Rio, né?... As perspectivas aqui em Teresina são as melhores pro cordel... até porque teve essa ascensão agora... eu acho que também... os cordelistas estão motivados... no ano passado, o cordel foi reconhecido pelo IPHAN... como patrimônio cultural nacional... então, tudo bem... tem muitas entidades... os colégios... as escolas... então, tem muita...muito... muito ramal... né? Fomentando o cordel...

Família sem Quizília

“DEUS FIEL TAMBÉM LOUVADO EM CORDEL”

Depois de criar o mundo
Deus logo compreendeu
De botar procurador
Pra cuidar do que é seu
Mister que coube a Adão
Que sozinho entristeceu.

De uma costela de Adão
Deus criou a companheira
A primeira mulher: Eva
Não para fazer barreira
Mas para contribuir
Em tudo como parceira.

Varão deixa a família
Ficando com sua mulher
É uma missão divina;
Não é um fato qualquer
Tudo que parte de deus
Seguirá como ele quer.

O casal não é plural
Constitui uma unidade
Longe de contradição
Deve ser cumplicidade
Duas forças engajadas
Geram mais prosperidade.

O casal deve seguir
Orientação divina
Sob pena de viver
Em situação clandestina
Aquilo que Deus criou
Nenhum humano elimina.

Nos belos planos de deus
A família tá presente,
Pois quando enviou Jesus
Mesmo todo onipotente
Fez parte de uma família

Como faz todo vivente.

A casa deve ter base
Em alicerce sagrado
Sem a proteção divina
Tudo é desmoronado
O amparo do senhor
Deve ser sempre buscado.

A família é o suporte
De qualquer progresso
Sem esta grande coluna
Ninguém atinge sucesso
A escola boa ajuda
Mas nem todos têm acesso.

Perdoamos dos estranhos
Até mesmo grande ofensa
Porém de nossa família
A gente pouco dispensa
Vamos fazer o contrário
Que com certeza compensa.

O melhor presente exposto
Na árvore de Natal
Não é ouro nem brilhante
Tampouco qualquer metal
É a família feliz
Cheia de amor fraternal.

Os desafios são grandes
Que a família se depara
Nestes tempos avançados
A tentação tá bem clara
Sem o auxílio divino
Qualquer casal quebra a cara.

O correcorre é demais
A educação tá em baixa
O respeito não existe
A moral não se encaixa
Só mesmo a força divina

Pro casal manter a faixa.

Com nossos parentes próximos
Devemos ter fino laço,
Pois nas horas mais difíceis
Perante certo embaraço,
É mesmo nossa família
Que nos vem dar um abraço.

Toda doutrina adotada
Que prega contra a família
É movimento maléfico
Fomentador de quizília
Não dê ouvidos a ela
Mantenha sempre vigília.

Os filhos são recompensa
Que o senhor nos gratifica
Podem servir como pena
Se você não qualifica
Teremos o galardão
Como Deus nos classifica.

Não existe regra escrita
Para criação de filho
Cada um é diferente
Tendo defeitos e brilho
Mesmo com muito cuidado
Poderá sair do trilho.

Ter um diálogo constante
Com muita sinceridade
É a boa medida
Sempre exaltando a verdade
Violência não resolve
Só desgasta a amizade.

O que se almeja do filho
No mínimo se há de dar
Sem um exemplo concreto
Não é decente cobrar
No mundo há equilíbrio

Só se colhe se plantar.

Para educação do filho
Todo exagero é nefasto
Não o mime em demasia
Seja moderado em gasto
Não dê tudo que ele quer
Invista em exemplo vasto.

Não subestime seu filho
Apenas o oriente
Inclua – o na sociedade
Não o ensine a ser valente
Deixe que siga seus sonhos
Só lhe dê bom ambiente.

O que de tão bom fizemos
Aos nossos pais queridos!
Pra cobrar dos nossos filhos
Que sejamos assistidos?
Exigir é muito fácil,
Custoso é sermos polidos.

O amor é como uma rosa
Que carece ser regada
Se não há constante zelo
Mais afeição afinada
Com o tempo se destrói
Transformando tudo em nada.

Sem a presença de Deus
Será em vão o trabalho
Não há produtividade;
O que fizermos é falho
Mesmo labutando muito
Ficaremos no borralho.

O trabalho honra a Deus
Traz nossa sustentação
O erro está no excesso
E quando há ambição
Deverá haver descanso

Pra boa renovação.

Pra manter o vigor físico
Comemos todos os dias
Nossa alma também precisa
De certas mercadorias
Oração e “adoração”
São estas as iguarias.

A bondade soberana
É de pureza inconteste
Não lhe conduz a local
Indo do Leste ao Oeste,
Aonde possa encontrar
Algo que de ruim lhe reste.

O fato é importante
Mas não vence a intenção
Antes da maior ofensa
Será possível perdão
Até em infração grave
Pode ter absolvição.

Defender é muito fácil
O trabalhoso é fazer
Boa mensagem é útil
Mas não passa de “um dizer”
Sem atitude segura
Nada vai desenvolver.

A vida é vela acesa
Neste mundo turbulento
Siga as leis naturais
Não remando contra o vento
Ninguém se livra do risco
Mas reduz, sendo provento.

O escritor não fabrica
Qualquer que seja a palavra
Aje como o jardineiro
Que recolhe a flor da lavra
Usa as palavras que encontrar

Como um passeio de *zavra.

A mais importante bênção
Que o humano pode ter
Primeiro, amar a Deus
Como onipotente ser
Depois a si e ao próximo
Para a paz absorver.

Burilei essas estrofes
Como se lapida ouro
Deslizei na poesia
Não pensando em um agouro
Afinal, família unida,
Não terá maior tesouro.

Que a família se comporte
Conforme as ondas do mar
Que usam de cada recuo
Novo ponto a avançar
Como a firme convicção
De a perfeição alcançar.

(Francisco de Almeida, 2021)

JOAQUIM MENDES SOBRINHO (JOAMES) – é piauiense de Pedro II, mas reside em Teresina, desde o ano de 1968. Além de fazer parte da Associação dos Violeiros e Poetas Populares do Piauí e da Associação dos Poetas Populares de Timon e Região dos Cocais, sediada em Timon (MA) é presidente da COCHACOR. Joames é autor das obras "As proezas de Konaré", "Ajuricaba", "Como fazer versos" e organizador da "Antologia dos cantadores e poetas populares do Piauí". Organizou, também, em parceria com Messias Freitas, a revista "As dez piores drogas do mundo". Joames escreveu dezenas de cordéis e poesias avulsas, dentre eles, "O cordel e o repente por caminhos diferentes", que foi trabalhado em sala de aula. Homenageado em 2016, com a "Medalha do Mérito Renascença", comenda outorgada pelo governo do Piauí àqueles que mais têm contribuído com a cultura do estado e do país na área das letras.

ENTREVISTA COM JOAQUIM MENDES SOBRINHO (JOAMES)

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Onde e quando o senhor nasceu? Como foi sua infância e juventude? Desse tempo, do que o senhor sente saudades?

Entrevistado (Joames): Muito bem... eu nasci em Pedro II, no ano de mil novecentos e cinquenta e um... a minha infância foi trabalhando com meu pais na roça... né? Trabalhando na roça... com meus pais... a partir dos doze anos eu comecei a frequentar uma escolinha particular... lá no interior mesmo de Pedro II... Quando eu já desenvolvia mais ou menos a escrita e a leitura... meus pais me mandaram pra cidade de Pedro II pra fazer o que a gente chamava de primeiro ano... segundo ano... terceiro ano naquele tempo... que hoje é... é. basicamente o ensino fundamental... não é, professora? Depois eu cursei... um.. fiz um curso chamado de exame de admissão... que valia... éhh: dava acesso ao ginásio... que seria.. o segundo período do ensino fundamental, hoje... né? aí, eu terminei o ginásio e aí, parei de estudar... vivi em Pedro II até... trabalhando com meus pais... até os dezoito anos... aos dezoito anos... em mil novecentos e sessenta e nove... a infância... apesar de ter sido muito sofrida no interior... por mais sofrida que seja a infância de todos nós... a gente não consegue apagar todas as lembranças...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar sobre seus estudos na escola e fora dela.

Entrevistado (Joames): Eu vim pra Teresina... chegando em Teresina... passei ainda bastante tempo sem frequentar escolas... trabalhando pra sobreviver aqui... em várias atividades... eu pratiquei várias atividades... aí, depois eu me matriculei pra fazer o ginásio lá na escola Álvaro Ferreira... na Piçarra... né? aí, eu fiz o ginásio... né? terminei o ginásio... e fiz o primeiro científico. Naquela época, o científico era o primeiro do ensino médio hoje... né? éhh: eu fiz lá no Colégio Lourival Parente... lá no bairro Lourival Parente... parei de estudar novamente... e posteriormente, agora... falando dos estudos... depois a gente fala dos outros assuntos... agora. Dois mil e onze... depois disso, eu parei de estudar e fiquei estudando só como autodidata... certo? eu era muito interessado pela leitura... eu comecei a ler vários autores... autores brasileiros e também autores clássicos da antiguidade... e mesmo modernos... de Portugal... espanhóis e franceses... e: em dois mil e onze... por incentivo de um amigo...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Desde quando o senhor mora em Teresina?

Entrevistado (Joames): Vivi em Pedro II até... trabalhando com meus pais... até os dezoito anos... aos dezoito anos... em mil novecentos e sessenta e nove...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?

Entrevistado (Joames): Tive... eu tive contato com o cordel e com o repente... porque... meu pai era repentista... né? Meu pai era repentista... e além de ser repentista... tinha uma particularidade dos repentistas daquela época... professora... que hoje... não é mais uso... corrente... é que os cantadores... os repentistas daquela época... eles cantavam muito folhetos de cordel que eles chamavam de romance... né? eles iam pras cantorias e cantavam um periodozinho de repentes... improvisados na hora... e as pessoas... ficavam pedindo pra se cantar os cordéis que eram famosos na época... né? os clássicos.... né? (Pavão misterioso)... (Valentão do mundo)... (Capitão do navio)... (Lampião)... e outros mais... e em virtude de haver muita exigência pra cantar cordel... os romances... meu pai comprava cordel nas feiras... os romances... pra decorar... pra cantar nas cantorias quando alguém pedisse... e nós... eu e meus irmãos... como nós já tínhamos aprendido a ler um pouco... a gente lia bastante... lá em Pedro II... a gente lia bastante... e eu era o que tinha me destacado mais na leitura...eu gostava... porque tinha aquele serviço caseiro que era debulhar feijão de noite... meu pai botava um monte de feijão na sala... que dava dois metros de altura... aí, aquela vizinha que gostava de ouvir os cordéis... vinha tudo pra ouvir os cordéis e ajudava, debulhava o feijão e eu ficava só lendo... era a minha missão... e eu tinha preguiça de debulhar feijão e aproveitava pra ficar lendo... né? pra divertir as pessoas... eu tive esse contato muito ligado com o repente e o cordel na minha infância e juventude...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor se declara o poeta engajado. Explique-nos por que o senhor se diz ser um poeta engajado? Como sua obra retrata esse fato?

Entrevistado (Joames): Certo... eu me considero... primeiro... vamos por itens... primeiramente, eu me considero um poeta muito razoável... agora, por quê? Porque eu sou uma pessoa muito cuidadosa... eu sou uma pessoa muito [...] naquilo que escrevo. Pode ser que haja... Sei que há poetas melhores do que eu aqui em Teresina... agora mais cuidadoso do que eu pra escrever não tem... a senhora pode pegar meus livros ali... a senhora não encontra erro, não... a senhora não encontra erro de métrica... erros ortográficos a senhora não encontra... a não ser que haja erros de digitação... que as vezes passa... o digitador deixa passar... e eu fico muito bravo... depois de um livro editado... um trabalho já editado que eu encontro um erro... sabe? eu fico muito aborrecido... então, eu talvez... eu não sou o melhor poeta do Piauí... mas eu sou o mais cuidadoso... eu já observei... não é me vangloriando, não... é porque eu analiso as obras dos outros... os outros são mais desleixados... embora conhecendo as regras... e tudo mais... até uma cultura mais superior do que a minha... uma formação mais... uma formação superior... mas tem menos cuidado... são mais desleixados do que eu... então, eu capricho... eu me considero um bom poeta... não pela inspiração... mas pelo/ porque a poesia ela não é só a prática... ela não é só a correção gramatical... não é só a correção métrica... precisa que você tenha uma capacidade de colocar sentimentos na poesia... aquele poeta que coloca sentimento na poesia é o melhor poeta... eu não digo que eu sou o melhor poeta do Piauí... porque talvez eu não tenha essa capacidade de colocar sensibilidade... uma

grande sensibilidade na minha poesia... capaz de sensibilizar todo mundo... mas no ponto de vista de correção... eu me considero um dos melhores... quanto ao que a senhora falou... engajado eu sou... eu sou engajado completamente na arte da poesia popular... eu vivo a poesia popular... tanto do cordel quanto do repente... eu vivo nesse meio há muito tempo e não trabalho com outra coisa... eu sou completamente entregue a essa arte... e quanto ao ponto de vista que a senhora falou de crítico literário... esse problema de crítico literário é uma função que requer muito capacidade intelectual pra ser um crítico literário... certo? as pessoas até... às vezes, me pedem pra prefaciar livros... eu até, às vezes, eu declino dessa responsabilidade... porque prefaciar um livro é fazer uma análise da obra... uma análise bem resumida pra se colocar no começo do livro pra que o leitor possa ter uma visão lendo o prefácio... possa ter uma visão geral de toda a obra... e não é todo mundo que é capaz de sintetizar uma vasta obra dentro de poucas páginas... poucas palavras... né? mas eu... já tenho feito isso... eu não me considero um crítico literário... eu me considero um estudioso... da poesia popular... certo? é que eu estudei... há algum tempo... eu li... sobre o sofrimento dos negros no período da escravidão aqui no Brasil... e depois da abolição dos escravos não melhorou muita coisa para os negros... né? não só para os negros como para a sociedade pobre... né? os mais necessitados... os menos favorecidos... e aqueles problemas sociais que tocavam essas pessoas... que 'martirizavam' essas pessoas... né? tocaram minha alma... então, eu achei que/ existe um provérbio que diz assim... "evite ser um moleque... um canalha... porque se você evitar o mundo tem um canalha a menos..." então, eu pensei assim... eu vou dar o meu grito... se todo mundo não ouvir... mas se alguém ouvir já é alguma coisa... certo? é como eu digo também... que se por acaso... eu levar o cordel nas escolas... com a temática de prevenção e combate as drogas é muito importante, sabe por quê? num universo de mil alunos... se tiver duzentos alunos com tendência a usar drogas... e eu conseguir tirar dez alunos do mundo das drogas... já é uma vitória... é uma vitória por quê? Porque eu vou evitar a família daqueles alunos de ter problemas... vou evitar a justiça de ter problemas de andar correndo atrás de drogado e bandido... porque as drogas transformam qualquer pessoa em/ éhh: primeiro transforma num dependente... doente... e mais tarde num bandido... porque ele/ a droga faz com que ele se torne bandido, por que ele sente necessidade das drogas... [inaudível] assalta... rouba e tudo mais... bom... eu evito problema pra a aquela família daquela criança... eu evito problema pra justiça... pra polícia... eu evito problema nos hospitais pra tá pagando/ tratando de drogado e de doente... e tudo mais... então, num universo de duzentos alunos... se eu conseguir tirar dez do mundo das drogas...eu já acho que é uma vitória... então, eu tenho um projeto muito importante que é... O cordel como ferramenta (de) prevenção no combate as drogas... eu tenho o projeto... só falta ser aprovado... né? bom... então, eu/ voltando ao assunto aí, das minhas obras... eu tenho essa preocupação com os menos favorecidos... e vi que o negro é menos favorecido... continua sendo aqui no Brasil... como acho que quase no mundo todo... o índio foi muito massacrado... foi muito massacrado e continua sendo... então, eu elevei meu grito também em defesa do índio... né? o [...] foi um herói que lutou em defesa da causa indígena... e eu centralizei um poema no [...]

ele é o protagonista principal dessa obra que eu escrevi... porque ele foi um herói que lutou pelo seu povo... contra... contra a invasão... e contra a escravidão que os brancos... os portugueses... e alguns brasileiros tentaram... tentaram não... eles conseguiram... éhh: fazer com que... escravizar os índios também... né? então, eu... e eu ainda tem outras classes sociais que eu pretendo trabalhar por ela... tem a mulher... tem outras mais...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor é reconhecido como crítico literário. Explique-nos o que é ser um crítico literário do cordel.

Entrevistado (Joames): Éhh: até certo ponto/ agora/ no ponto de vista... porque o crítico literário... em se falando de crítico literário... tá abrangendo a literatura em geral... agora um crítico de cordel eu sou... né? crítico de literatura de cordel eu sou... por quê? Porque eu conheço o cordel que está correto e o cordel que está errado... eu conheço... eu conheço o cordel que tem mais sensibilidade e menos sensibilidade... então, eu sei falar desses pormenores da literatura de cordel... no ponto de vista da particularidade em literatura de cordel eu sou um crítico... sou um crítico da literatura... mas sou mais estudioso... quer dizer... eu vivo mais pesquisando... onde eu vejo um novo autor... qualquer tipo de trabalho de um novo autor... a biografia de um novo autor, eu tô lendo e tudo mais... pra me inteirar do que está acontecendo no mundo do cordel... não é só aqui no Piauí, não... e no Brasil todo... né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Que obra ou versos seus mais marcaram a sua vida? Por quê?

Entrevistado (Joames): Oh: os cordéis... eu li muitos cordéis... mas tem alguns clássicos que são... são lembrados... são memorizados até com muito prazer... né? Porque... foi uma leitura muito agradável... e um trabalho muito bom... alguns trabalhos muito bons... eu tenho pra indicar pra quem não conhece... é... ler os cordéis do Pavão misterioso... é... ler o cordel de O valentão do mundo... ler o cordel de O príncipe e a fada... é um dos melhores cordéis que eu já li até hoje... de Leandro Gomes de Barros... tem também José de Souza Leão... tem... éhh: A chegada de Lampião no inferno é engraçado... porque é um tema humorístico... né? lúdico... né? muito engraçado... apesar de ser... aliás... esses cordéis... todos do passado, eles são ficção... né? são ficção... e eu admiro muito os autores daquela época... né? que são... eles foram umas pessoas muito criativas... eles tinham uma facilidade impressionante de engendrar um roteiro bonito... maravilhoso... chamativo ,que despertava a atenção do ouvinte e do leitor... do leitor e do ouvinte... né? então, eles tinham aquela capacidade imensa engendrar um roteiro muito bonito... né? O que está faltando hoje... hoje... as pessoas... eu não sei se é consequência da mídia... a mídia é muito realista e imediativa... éhh: imediatista... eu não sei se é porque as pessoas só querem ver as coisas reais e não estão mais acreditando em lendas... histórias... assim... fantasiosas... né? mas que são bonitos esses cordéis que eu citei... são... éhh: falando mais aqui... dois clássicos... até tem um que eu escrevi também... já me espelhando em um deles... é a história do João Grilo... As proezas de João Grilo... né? muito engraçado também... e a história de cancão de fogo... cancão de fogo era... éhh: as ações dele eram

bem idênticas as do João Grilo... né? só que ainda mais engraçada... e eu escrevi a história de cancãozinho... filho de cancão de fogo... e nós, essa história foi até transformada em filme... né? a casa do cantador filmou esse cordel... pois é... então, eles são muito bonitos... né? esses cordéis...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Sobre literatura de cordel, o que precisamos fazer para aprender a produzir cordel?

Entrevistado (Joames): O que é preciso pra aprender... primeiro você tem que se adaptar a leitura... do cordel... né? Porque... você se adaptando a leitura... eu não sei se com a senhora acontece isso... olha... eu não era... eu não escrevia soneto... eu escrevia qualquer tipo de poesia popular e tal... mas menos o soneto... eu consegui um livro de Bocage... duzentos sonetos escolhidos... né? e eu comecei a ler o livro... os sonetos de Bocage... aí, com a metade do livro eu já tava ansioso pra fazer soneto... né? e hoje eu faço sonetos também... né? então... precisamos ler primeiro pra nos pegarmos o ritmo do cordel... porque o cordel/ aliás não é só o cordel... e toda poesia... ela é ritmada... nem que ela não seja metrificada.... mas ela tem um ritmo... se a poesia não for ritmada... ela perde aquela... aquele... digamos o cerne da poesia... ela deixa de ser poesia e passa a ser prosa... então... quando eu pego um poesia... quando nós pegamos una poesia...a primeira coisa que nós devemos fazer... é descobrir qual é a musicalidade da poesia... qual é a métrica da poesia... o ritmo da poesia... porque você vê que o martelo a galopado tem um ritmo... o galope a beira mar tem outro ritmo... os versos [...] tem outro ritmo... por quê? Por causa da métrica... né? nós temos que nos adaptar primeiro a leitura e depois que nós estivermos bem gastos na leitura da poesia de cordel... aí, nós podemos escrever imitando mais ou menos aquilo que nós/ aquela maneira que nós lemos... aquelas formas dos versos que nós lemos... isso com as nossas palavras é claro... embora que nós não consigamos fazer a métrica perfeita... e tudo mais... mas aquilo a gente vai... a métrica a gente vai aprimorando com o tempo... mas a primeira coisa é a prática da leitura... como... pra você se tornar um bom escritor... ou... um bom orador... você tem que ler bastante... leitura... né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Fale-nos sobre sua última obra escrita e se o senhor está escrevendo alguma obra no momento. Poderia nos contar sobre sua antologia? Qual a importância dela para o cordel em Teresina?

Entrevistado (Joames): Cordel... né? minha última obra escrita em cordel... que eu fiz agora mesmo... por último... ainda não foi nem publicada... ela vai ser publicada agora em breve... são duas... tem uma... O quadro mal assombrado é cordel... né? e tem o Monstro... são duas obras que são bastante parecidas... por exemplo... eu faço uma crítica aos/ o quadro mal assombrado é quase uma crítica aos poetas que não têm... que não têm primor pela arte... né? eles são desleixados... são aqueles que não ligam pra melhorar... pra se aprimorar... que não estudam... né? é o quadro mal assombrado... e o monstro é um retrato do homem moderno... certo? o monstro é o homem moderno... que diz assim... “sou a mais temível fera... oriunda das quimeras... eu mato... eu devoro... eu roubo... eu furto... eu destruo a natureza... e faço tudo mais... eu tenho egoísmo... só faço o que é bom pra mim...

e o ruim para os outros...” [inaudível] e no fim quem é esse monstro? esse monstro somos nós... né? chamados de raça humana... é isso... e esse outro... O quadro mal-assombrado... que é uma crítica aos poetas que não se interessam pela arte... eu idealizei como se eu fizesse um quadro e botasse aqui... né? eu botei assim... “para assombro dos [...] infiéis... vou agora pintar um grande quadro... pego a régua o compasso e o esquadro... nesse quadro farei grandes painéis... pego a tinta macabra e meus pincéis... nesse quadro meu [...] se concentra... nesse quadro sinistro mal adentra... e depois dele pronto bem pintado... lá em casa na sala pendurado... o cantador vendo o quadro lá não entra...” porque eu vou colocar um bocado de/ de/ digamos assim de monstros no quadro e tudo mais... só que quando o cantador ruim... o poeta ruim chegar aqui... no final eu invento lá um (estratagema) que quando o cantador for entrando aqui ou o poeta... aí, as feras que estão no quadro eles ganham forças vitais... pulam na frente e devoram o cantador ruim... a antologia... a antologia dos cantadores foi... olha professora quando nós quisermos ou queremos realizar um feito... uma obra... nós temos que idealizá-la e pôr as mãos à obra... temos que trabalhar... se nós tivermos uma ideia e ficarmos inativos... a gente não consegue... eu comecei a estudar literatura de cordel... e eu comecei a pesquisar cordel do Brasil inteiro... daqui do Nordeste... e tudo mais... Paraíba... Ceará... Pernambuco... de todos esses estados eu encontrei fontes... né? eu fazia pesquisa sobre os cantadores e os cordelista e encontrava fulano de tal... nasceu em tal lugar... viveu em tal lugar... morreu em tal ano... produziu isso e aquilo... aí, eu vou... procuro agora do Piauí... não tinha ninguém... não tinha fonte de pesquisa nenhuma... a senhora acredita? aqui no Piauí... fonte de poetas que eu colhi informação aqui no Piauí só tinham dois... Firmino Teixeira do Amaral... que foi um dos percursores... mas o percursor... principalmente... foi Hermínio Castelo Branco... né? ele escreveu aquele livro Lira sertaneja... o nosso primeiro poeta popular... é... poema de cordel muito bonito... a senhora não conhece não? Lira sertaneja é pra senhora conhecer... eu comprei lá... eu não tenho mais esse livro... porque me roubaram aqui... mas eu comprei... eu já comprei aquele livro duas vezes e me roubam... porque eu vivo só... e tem umas pessoas que me visitam aqui que são ladras de livros... né? são ladrões... [inaudível] eu até cheguei a dizer pra um que ele ficou me criticando que eu tinha pouco livro... né? aí... “rapaz... tu tem pouco livro...” eu tenho ali uns sete... é porque a senhora não viu ainda... eu tenho mais ou menos uns quinhentos livros... aí... ele disse “rapaz... tu tem quantos livros? uns quinhentos...” ele disse “eu tenho uns três mil lá em casa...” “tem razão... porque eu faço é comprar e você faz é roubar...” ele pegou e devolveu tudinho aqui... agora eu vou falar um pouquinho da antologia... a antologia foi o seguinte... eu procurei aqui no Piauí... pesquisar sobre os autores piauienses e não encontrei informação nenhuma... sabe o quê que eu fiz... nessa época eu trabalhava... eu já estudava... era muito interessante... mas eu trabalhava... eu era técnico em fogão... e eu trabalhava aqui em Teresina... eu tinha uma boa clientela aqui... a senhora sabe o que foi que eu resolvi, só pra poder colher os dados dos poetas? eu arranjei umas caixas grandes... comprei peças... enchi duas caixas grandes de peças de fogão e saí... de cidade em cidade... consertando fogão e nas horas vagas eu saia perguntando... aqui tem poeta cantador? tem poeta

cordelista? coisa e tal... tem alguém que canta? tem alguém que escreve cordel? aí, quando alguém dizia assim... "acolá tem um homem que faz lá... cordel..." eu ia lá... chagava lá... conversava com ele... oh... andei no Piauí todinho... eu andei de Parnaíba à Corrente... acredita? nesse tempo... o Piauí... faz tempo isso... nessa época o só tinha cento e vinte e quatro municípios... eu andei em todos os cento e vinte e quatro... hoje eu não conheço mais... porque foram desmembrados alguns... né? mas andei em todos os cento e vinte e quatro municípios... colhendo o nome de cantador e poeta... eu consegui... dos poetas melhores... eu consegui cento e trinta e dois... aí, eu peguei a biografia dos cento e vinte e dois... agora eu vou fazer uma antologia pro Piauí... porque as pessoas chegam aqui e vão pesquisar os poetas do Piauí e não tem... aí, eu peguei... e fiz aquele livro... agora... o livro foi feito... e pra editar... minha senhora? não tinha quem patrocinasse... ninguém patrocinava... o [...] mandou eu levar lá no [...]... eu consegui um patrocínio com um empresário de material hospitalar... aí, quando eu cheguei com um cheque lá... pra editar três mil livros... dez mil e quinhentos reais... que ele mandou eu fazer o orçamento lá na gráfica... aí, eu cheguei e o [...] disse... "oh... não posso mais receber não que o prazo venceu ontem..." eu digo... "tá aqui o dinheiro... moça... tá aqui o dinheiro que o rapaz me deu... é só depositar... aí, é só você anotar aí, pra você descontar no imposto dele lá..." aí, disse... "não... não posso não... porque o prazo venceu ontem..." eu fiquei com raiva dela... sabe? [inaudível] bom... aí, minha senhora... isso... em noventa e cinco... cê acredita? em noventa e cinco essa antologia tava pronta... aí, de lá pra cá... sempre que aparecia alguém eu ampliava um pouco... modificava... quando foi em dois mil e seis... eu fui com o Pedro Ribeiro lá... num encontro com o Wellington [...]... aí, ele ia patrocinar o Festival de Violeiros... né? aí, ele conversou lá com o doutor Pedro... coisa e tal... aí, perguntou assim... "Pedro... e os cantadores aí... não tem alguma coisa pra/ cd pra gravar... livro pra publicar não?" aí, o doutor Pedro distraído da mente... disse... "não... por enquanto não tem não... só se prepararem..." aí, eu disse... "eu tenho... governador... eu tenho a senhora não conhece não? Lira sertaneja é pra senhora conhecer... eu comprei lá... eu não tenho mais esse livro... porque me roubaram aqui... mas eu comprei... eu já comprei aquele livro duas vezes e me roubam... porque eu vivo só... e tem umas pessoas que me visitam aqui que são ladras de livros... né? são ladrões... [inaudível] eu até cheguei a dizer pra um que ele ficou me criticando que eu tinha pouco livro... né? aí... "rapaz... tu tem pouco livro..." eu tenho ali uns sete... é porque a senhora não viu ainda... eu tenho mais ou menos uns quinhentos livros... aí... ele disse "rapaz... tu tem quantos livros? uns quinhentos..." ele disse "eu tenho uns três mil lá em casa..." "tem razão... porque eu faço é comprar e você faz é roubar..." ele pegou e devolveu tudinho aqui... agora eu vou falar um pouquinho da antologia... a antologia foi o seguinte... eu procurei aqui no Piauí... pesquisar sobre os autores piauienses e não encontrei informação nenhuma... sabe o quê que eu fiz... nessa época eu trabalhava... eu já estudava... era muito interessante... mas eu trabalhava... eu era técnico em fogão... e eu trabalhava aqui em Teresina... eu tinha uma boa clientela aqui... a senhora sabe o que foi que eu resolvi, só pra poder colher os dados dos poetas? eu arranjei umas caixas grandes... comprei peças... enchi duas caixas grandes de peças de

fogão e saí... de cidade em cidade... consertando fogão e nas horas vagas eu saia perguntando... aqui tem poeta cantador? tem poeta cordelista? coisa e tal... tem alguém que canta? tem alguém que escreve cordel? aí, quando alguém dizia assim... "acolá tem um homem que faz lá... cordel..." eu ia lá... chagava lá... conversava com ele... oh... andei no Piauí todinho... eu andei de Parnaíba à Corrente... acredita? nesse tempo... o Piauí... faz tempo isso... nessa época o só tinha cento e vinte e quatro municípios... eu andei em todos os cento e vinte e quatro... hoje eu não conheço mais... porque foram desmembrados alguns... né? mas andei em todos os cento e vinte e quatro municípios... colhendo o nome de cantador e poeta... eu consegui... dos poetas melhores... eu consegui cento e trinta e dois... aí, eu peguei a biografia dos cento e vinte e dois... agora eu vou fazer uma antologia pro Piauí... porque as pessoas chegam aqui e vão pesquisar os poetas do Piauí e não tem... aí, eu peguei... e fiz aquele livro... agora... o livro foi feito... e pra editar... minha senhora? não tinha quem patrocinasse... ninguém patrocinava... o [...] mandou eu levar lá no [...]... eu consegui um patrocínio com um empresário de material hospitalar... aí, quando eu cheguei com um cheque lá... pra editar três mil livros... dez mil e quinhentos reais... que ele mandou eu fazer o orçamento lá na gráfica... aí, eu cheguei e o [...] disse... "oh... não posso mais receber não que o prazo venceu ontem..." eu digo... "tá aqui o dinheiro... moça... tá aqui o dinheiro que o rapaz me deu... é só depositar... aí, é só você anotar aí, pra você descontar no imposto dele lá..." aí, disse... "não... não posso não... porque o prazo venceu ontem..." eu fiquei com raiva dela... sabe? [inaudível] bom... aí, minha senhora... isso... em noventa e cinco... cê acredita? em noventa e cinco essa antologia tava pronta... aí, de lá pra cá... sempre que aparecia alguém eu ampliava um pouco... modificava... quando foi em dois mil e seis... eu fui com o Pedro Ribeiro lá... num encontro com o Wellington [...]... aí, ele ia patrocinar o Festival de Violeiros... né? aí, ele conversou lá com o doutor Pedro... coisa e tal... aí, perguntou assim... "Pedro... e os cantadores aí... não tem alguma coisa pra/ cd pra gravar... livro pra publicar não?" aí, o doutor Pedro distraído da mente... disse... "não... por enquanto não tem não... só se prepararem..." aí, eu disse... "eu tenho... governador... eu tenho um livro pra ser editado... e é um livro de muita importância para o Piauí..." aí, ele disse... "que livro é esse?" aí, eu digo... "é a antologia dos cantadores e poetas populares que é muito útil para pesquisadores e estudos... né? alguém que queira colher informações sobre a poesia popular do Piauí... tá tudo contido no livro que eu escrevi..." era um dia de sexta feira... ele disse assim... "traga esse livro pra mim aqui segunda feira... quando chegar aqui... cê fale com aquela moça ali... aí, diga pra ela que vai falar comigo... não precisa falar mais com ninguém... é só entrar e falar... traga o livro..." era um dia de sexta... segunda feira quando cheguei lá... nesse tempo a presidente da [...] era a Sônia Terra... não sei se a senhora se lembra... aí, ele olhou o livro todinho ali... ligou pra Sônia Terra... aí, disse... "Sônia... eu tô aqui com o livro do poeta Joames... em mãos... vou mandar ele aí, com o livro... e você... pra você mandar editar esse livro... este mês ainda..." aí, tá bom... eu levei... cheguei lá ela recebeu... e tudo bem... passou-se um mês... dois meses... três meses... quatro meses e nada... né? quando foi com mais ou menos seis meses aí, eu fui lá e ela disse... " não Joames... a Secretaria de Fazenda nunca liberou o

dinheiro pra tu editar o livro...” eu disse... “pois olha... Sônia... me dê o livro... que eu vou sair agora aqui e vou mostrar pro governador e dizer que não foi possível editar o livro... né? Porque ele pediu/ ele me garantiu que ele ia editar esse livro... então, me dê o livro que eu vou levar...” aí, ela disse... “não... tenha paciência aí, que eu vou falar/ vou falar com o secretário e vê o que ele pode fazer... vem aqui... “ aí, eu fui lá... também por coincidência... um dia de sexta feira também... né? vem aqui segunda feira que segunda feira de manhã eu falo com ele... cê vem aqui umas onze horas... aí, eu fui... quando cheguei lá ela disse... “falei com o secretário de fazenda... ele liberou o dinheiro...” rapaz... já tava liberado... era má vontade... eu digo... “e agora?” tava pertinho do festival... né? faltava uma semana... festival de violeiro... e aí, eu queria esses livros pra ser lançado no festival... agora não vai mais dar... né? aí, ela disse... “não sei não... eu já mandei lá pra gráfica...” ... “você já mandou? pra onde?” ... (mandei... pra [...]...” “ foi?” ... “foi”... aí, tá bom... aí, eu liguei pra lá... falei com um sobrinho que é gerente de lá... eu já/ ele não me conhece não... mas eu já tinha falado com ele uma vez lá... aí, eu digo... ôô sobrinho... aqui é o Joames... e me diga uma coisa... tem um livro aí, de Joames? a Antologia dos cantadores?’ ... “ tem” ... “rapaz... esse livro era pra ser lançado no Festival de Violeiros... quando é que dá pra sair esse livro?” aí, ele disse... “não... dá pra sair daqui pra sexta feira...” [inaudível] aí, quando livro saiu eu fui lá no governador aí, eu digo... “governador... o livro saiu...” ... “saiu?” ... “saiu...” ok...aí, ele disse... agora você prepara, então, você prepara... procura um lugar bom... pra fazer o lançamento... prepare quarenta convites pra mim... que eu vou com o meu secretariado... assistir... éhh: pra ver o lançamento do livro.... e comprar os livros... e vou lhe dar setecentos e cinquenta livros... dos mil... e vou ficar com duzentos e cinquenta pra distribuir no Piauí a fora... aí... tá bom? eu digo... “tá bom...” aí, minha senhora... aí, lá no festival do violeiro foi feito o lançamento... aí, o doutor Pedro apurou lá pra mim uns três mil... lá... apurou uns três mil... aí, na outra semana eu fiz o lançamento... consegui com o [...] Campelo... cê conhece o [...] Campelo? nessa época ele era... presidente ali daquele complexo... [inaudível] aí, ele me cedeu a sala Torquato Neto... [inaudível] aí, o Raimundo Clementino com ele lá ajeitaram... o Raimundo Clementino disse “eu dou o coquetel... aí, ajeitaram lá um balcão e tudo mais... compraram um coquetel... compraram bolo... salgado... e tudo mais... [inaudível] encheram de livros aí, marcámos o dia lá... chegou lá eu fui só me sentar numa mesa acolá... aí, primeiro teve o discurso... né? primeiro teve um discurso... aí, o governador chegou... aí, o governador falou... falou... e outras pessoas lá falaram... aí, eu falei também um pouco... porque eu não sou bom orador.... mas eu sou sempre muito sucinto... eu falo pouco... porque o cabra que sabe pouco tem que falar pouco... né? [inaudível] bom aí, eu fui só autografar lá... e a moça vendendo... e eu autografando e a fila grande... né? dentro de duas horas... não foi nem duas horas... cê sabe quanto foi que a moça me entregou? isso em dois mil e seis... ela me entregou seis mil e quatrocentos e cinquenta reais... aí, na época eu tirei trezentos reais... dei pra ela... ela era a vendedora... né? ela ficou muito satisfeita... e eu fiquei com o dinheiro... eu tinha vontade de comprar um computador... não tinha condição e comprei... aí, comprei geladeira nova... [risos]

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor é presidente da Cordelaria de

Teresina, a COCHACOR. Poderia nos contar sobre a criação e o objetivo desta Cordelaria?

Entrevistado (Joames): Eu resolvi... eu tive a ideia de fundar essa entidade... é como eu falei ainda agora... a pouco pra senhora... que a gente tendo uma ideia... se a ideia for boa... põe em prática... comece logo a trabalhar.... então, quando eu tive a ideia eu pensei nisso... né? o cordel tava órfão no Piauí... né? o quê que a gente faz... só resolve se fundar uma entidade... aí, eu começo a ligar para os amigos... rapaz... eu tô com essa preocupação... "o quê que a gente faz? a gente funda uma entidade?" ... "se você começar a gente acompanha." aí, eu meti a cabeça no mundo e fundamos a entidade... e graças a vocês... né? a entidade tá aí... com pouco tempo nós já realizamos duas festas de cordel... lá... três festas de cordel lá debaixo da ponte... mesmo que não tenha sido grande/ de cordel não... de repente... mesmo que não tenha sido um grande sucesso... já realizamos também duas oficinas de cordel por conta da Cordelaria e já editamos uma coleção de cordel... também por conta da Cordelaria... quer dizer... nós estamos com dez meses de atividades... é pouco? é muito pouco... deveria ser mais... mas é muita coisa pra quem tem quarenta anos e nunca fez nada... não é verdade? e eu... e temos... agora pra este ano... de dois mil e vinte... temos algumas... alguns projetos ambiciosos... éhh: por exemplo... editar uma coleção de cordéis clássico... aqueles clássicos... que muita gente tem saudade... né? fazer uma seleção dos melhores... e editar uma coleção daquela e também realizamos um Festival de Violeiros de maior porte... numa das cidades do interior do Piauí... eu até optei pela minha cidade Pedro II... que eu sou de lá e nunca foi feito um Festival de Violeiros lá... né? pois é... estamos com esses dois projetos em pauta... né? pra realizar esses... esses dois eventos... e o nosso objetivo é continuar lutando... e se der... quando aparecer recursos... a gente não vai guardar recursos não... a gente vai produzir e divulgar...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Especialmente sobre a contribuição de Pedro Costa para o cordel em Teresina, o que o senhor pode nos informar?

Entrevistado (Joames): O Pedro Costa ele tem/ a literatura de cordel deve muito a ele... deve muito a ele por quê? Porque o Pedro Costa ele foi um baluarte... ou seja uma pessoa muito interessada e muito atuante no campo da literatura de cordel... no ponto de vista de produção... do ponto de vista até mesmo de incentivar muitas pessoas a praticar o cordel... ele tem/ o cordel deve a ele uma grande... um grande impulso que teve... né? o Pedro Costa só tem... aqui eu vou falar como crítico... literário de cordel... o Pedro Costa só não tem é qualidade... o trabalho dele... né? quantidade tem muito... ele produziu muito... agora... é... promoveu também... agora... os próprios trabalhos dele em si mesmo... dele próprio... não tem qualidade... era muito desleixado e muito inculto também e não se preocupava... e eu convivi muito com o Pedro Costa... e eu aconselhava muito... "Pedro rapaz... estuda rapaz... tu vive trabalhando nesse meio... tu precisa estudar rapaz... escreve mais correto..." ... "rapaz eu só leio aquilo que eu preciso..." ... "pois isso que você precisa é isso que você tá fazendo... né? fazendo cordel tem que aprender... tem que estudar..." então, a poesia popular... o Piauí deve muito a ele...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar sobre o repente e

o cordel em Teresina, especialmente, sobre a condução da Diretoria da Associação dos Poetas e dos Violeiros nos últimos tempo?

Entrevistado (Joames): Aqui existe a associação dos violeiros... eu sou membro lá da associação dos violeiros... conheço o estatuto lá... o estatuto da associação dos violeiros diz que os objetivos da associação é incentivar e divulgar o cordel e o repente... no Piauí... só que eu milito lá na associação dos violeiros... junto com o doutor Pedro... e isso eu falei na última reunião... não sei se a senhora estava lá... eu falei lá que o doutor Pedro... apesar de ter feito muito pelo repente... tem feito muito pouco pelo cordel... falei na presença dele... viu? Porque tem mesmo... a associação dos violeiros nunca editou um cordel... bom... aí, em virtude de nós estarmos órfãos no sentido do cordel... o repente existe aqui... existe o Festival de Violeiros... acontece todo ano... os cantadores que andam cantando pra cima e pra baixo... e a edição de cordel só tem edições pessoais... muito poucas... muito pouca ainda... né? não tem incentivo de associação/ de entidade nenhuma... porque a casa do cantador havia desprezado essa causa... né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Que avaliação o senhor faz do Projeto Lei Maria da Penha em Cordel desenvolvido nas escolas de Teresina, com a presença do cordelista Tião Simpatia?

Entrevistado (Joames): Bom... esse/ esse projeto do Tião... a senhora sabe... cada artista... cada poetisa... cada escritor... cada músico... ele abraça uma área da arte... né? uma particularidade da arte... né? eu escolhi o quê? eu escolhi a defesa dos menos favorecidos... se bem que isso se torna bem mais abrangente do que o caso do Tião Simpatia... por que o Tião Simpatia ele... abraçou uma causa muito nobre... que é a defesa da mulher através da Lei Maria da Penha... né? e através disso ele tá se tornando famoso... agora... eu aprovo muito o trabalho dele... e é meu amigo... cidadão... nós temos um bom relacionamento... mas eu não quero me vangloriar... o meu trabalho vai além do dele... no ponto de vista de abrangência... abrangência social... né? pra falar desse tema... ele é indicado... eu acho que pra falar desse tema... no Piauí não tem... é a pessoa certa... né? eu sou até contrário a se trazer poeta de fora... pra trazer aqui pro Piauí pra fazer sabe o quê? pra dar aula nas escolas... porque nós temos aqui quem dê... nós temos alguém com capacidade pra dar aula aqui... pra dar aula de cordel aqui em Teresina.. eu me considero muito bem capacitado... nos colégios... né? então... eu... acho que... as pessoas que me conhecem... diretoras de colégio... os próprios gestores... educadores do Piauí... eles não deveriam desprezar a gente aqui não... deviam nos chamar... e outra coisa... a contribuição que não podemos dar para o alunado piauiense é muito grande... viu? é muito grande... e eles estão desperdiçando essa contribuição que nós podemos dar... com esse projeto nosso projeto... e outros mais... de combate as drogas nas escolas... eles tão perdendo muita coisa... tão perdendo por quê? Porque eles tão... eles... o quê que eles deviam fazer... por exemplo... nesses/ nessas favelas... nesses subúrbios... que tem uma grande incidência de drogados... onde tem um colégio lá que os alunos... logo na adolescência... tão começando a [...] no mundo das drogas... eles levavam a gente pra lá... pra orientar esses meninos... e

nós temos um projeto muito bem elaborado... de apoio... vou até lhe mostrar o projeto... tá bom? um projeto daquele ali é muito importante... a gente poderia contribuir muito com os poderes públicos... [inaudível]

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O que o senhor tem a nos informar sobre a Academia Piauiense de Literatura de Cordel?

Entrevistado (Joames): Ah: esse é um assunto muito... digamos assim... que não deve nem ser falado... olha... o Pedro Costa veio aqui... e disse "poeta eu vou fundar a academia piauiense de literatura de cordel..." [inaudível] eu digo "e quando é que vai começar..." ... "já começou..."..."e quais são os critérios?" ... "você me dá quatrocentos reais... e aí, você se inscreve e fica pagando quatrocentos reais por ano... [inaudível] aí, eu vou cuidar da academia..." [inaudível] eu falei logo o seguinte... "Pedro... eu posso fazer parte da academia de cordel... agora... cadê o estatuto?" ... "não... não tem..." eu digo... " não... não posso... eu só vou me inscrever depois que eu ver o estatuto... eu ler o estatuto e saber quais são os objetivos dessa academia... aí, eu posso me inscrever... mas antes eu não posso..." ... "não... mas... depois a gente elabora..." ... " não..." bom... esse estatuto nunca foi feito... aí, eles juntaram um grupo de poetas e disse... "fundamos a academia..." fizeram uma reunião... a academia foi fundada... não tem estatuto... não tem nada registrado... não tem papel nenhum... dizendo que tem a academia... não existe a academia do Piauí... né? quer dizer... quem diz que é acadêmico... da academia piauiense de literatura de cordel... diz por quê? Porque participou daquela reunião... só que é diferente da nossa Cordelaria... que na nossa Cordelaria nós temos... CNPJ... registro em cartório... registro em Ministério da Fazenda... tudo... a nossa Cordelaria existe... a senhora pode dizer... eu sou ... eu sou membro da Cordelaria Chapada do [...]... por quê? Porque ela existe... nós temos toda a documentação dela... toda regularizada... [inaudível] agora a academia não existe...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Que avaliação o senhor faz sobre o cordel em Teresina?

Entrevistado (Joames): O cordel em Teresina... agora eu estou mais contente... eu estava muito... eu estive muito triste e digamos assim... sem/ sem fé de a gente continuar produzindo cordel aqui... mas... eu acho que começou com as oficinas... o que começou a me dar coragem... as oficinas do Clementino... né? Aquelas oficinas ali eu não tenho nada a ver com elas... eu vou lá... ali não é nada meu... eu vou lá apenas como participante... um ouvinte... éhh: voluntário... mas aí, eu notei que a gente poderia começar a trabalhar nossa... nossa Cordelaria ali... porque eu vi o interesse das pessoas... aqui tá faltando só um empurrãozinho... se a gente der um empurrãozinho a coisa vai... e com a fundação da Cordelaria... eu já cheguei a descobrir que nós temos cordelistas... né? Inclusive as mulheres... que a gente nem falava em cordelista mulher aqui... tinha aí, umas duas... aliás... só tinha uma... duas... a Josefina e a Elza Bezerra que produziu uma coisinha aí, muito acanhada... né? aí, de lá pra cá já apareceram outras... né? já estão evoluindo e tudo mais e agora eu estou mais confiante na nossa caminhada...

O CORDEL E O REPENTE POR CAMINHOS DIFERENTES

Entre o cordel e o repente
Há diferença infinita:
São duas formas distintas,
A oral e outra escrita
A escrita é mais perfeita,
A oral é mais bonita.

A poesia que se edita
Ao vernáculo é mais fiel,
A oral não perde tempo
Com caneta e nem papel,
A oral é o repente,
A escrita é o cordel.

Uma é doce como o mel,
Outra pura como a flor,
Uma vaza do intelecto
Do modesto cantador,
Outra agita a mão febril
Do poeta sonhador.

Geralmente o escritor
No papel vai registrando
Os eventos memoráveis
Que o tempo vai ditando,
Fonte viva de cultura,
Produzindo e divulgando.

O repente é formidando
Pois o vate não decora,
Havendo necessidade
Faz o verso sem demora,
Porque sabe o endereço
Onde a poesia mora.

Já o cordelista explora
Realismo e ficção,
Tanto educa como ensina,
Como leva informação,
O cordel foi consagrado
Mensageiro do sertão.

O repente é a expressão
Mais fecunda da eloquência,
Conquista, prende e cativa
A atenção da assistência,
Embora seu conteúdo
Tenha menos consistência.

O cordel dá preferência
À narração dos eventos,
Para apreciar os fatos
Não lhe faltam argumentos
E para ornar sua estética
Não precisa de instrumentos.

Do repente os ornamentos
Necessariamente são
Uma voz melodiosa,
A viola ou violão,
Do contrário, o improviso
Não desperta empolgação.

O cordel tem por missão
Registrar fato importante,
Subsiste atualmente
Diligente ou vigilante,
Como jornal paralelo
Hoje ainda é atuante.

O repente é mais vibrante,
Na peleja, no torneio,
Sobre tudo que acontece
Também não está alheio,
Mas às vezes se emaranha
Em profundo devaneio.

Certamente o cordel veio
Da Europa antigamente,
Fixou - se no Nordeste
E tornou - se permanente
Emissário da cultura
Desta terra e sua gente.

Os adeptos do repente
Difundiram a poesia
Pelas vilas e fazendas
Em forma de cantoria,
Porque aqui no Brasil
Imprensa não existia.

O cordel se distancia
Do repente pelo fato
Do repente ser instável,
O cordel é mais exato,
O cordel é consistente,
O repente é abstrato.

O repente é imediato
Porque vem com a ideia,
Sem recurso é a memória,
Seu tonante é a traqueia,
Seu caminho é menos longo,
Seu destino é a plateia.

Cordel é uma epopeia
Que requer maior rigor
Pois a sua composição
Mede o nível do autor,
Seu caminho é mais extenso,
Seu destino é o leitor.

O poeta cantador
Tem contato com a massa,
O seu palco é um palanque
Num salão ou numa praça,
Quem puder e quiser paga,
Quem não paga ouve de graça.

Mesmo enfrentando ameaça,
Censura, afronta e mazela,
O cordel vem delatando
Opressão, crime e sequela,
Também tem colaborado
Com música, filme e novela.

O repente se revela
De maneira popular,
Pois aquela gente simples
Que não gosta de estudar,
Entre ouvir e ler poesia
Dá preferência escutar.

Na cultura popular
O cordel tem primazia,
Bumba-meu-boi, capoeira,
Carnaval e cantoria,
São coisas que nos divertem,
Mas não se tem todo dia.

O repente, todavia,
Ganha espaço nas TVs,
Cantoria agora é show
E os discos são CDs,
Grandes poetas impõem
O valor dos seus cachês.

O cordel faz dossiês
Sobre tudo que acontece,
Apesar da mídia ativa
Concorrendo, permanece
Vigoroso, sempre em busca
Do destaque que merece.

O repente atual cresce
De forma vertiginosa,
Repentista competente
De grande prestígio goza,
Porque a sua mensagem
É vibrante e graciosa.

De maneira audaciosa
O cordel vai penetrando
Nos recintos literários,
Nas escolas se infiltrando
E em várias faculdades
Há poetas se formando.

O repentista chegando
Num ambiente qualquer,
Afina seu instrumento
E canta o que o povo quer,
Raramente alguém contesta
Os versos que ele fizer.

Se o cordelista souber
Escrever versos sadios,
Daqueles que a gente lendo
Experimenta arrepios,
Poderá não ganhar palmas,
Porém recebe elogios.

Em noites de desafios
Os poetas repentistas
Conseguem se transformar
Em atores e humoristas,
Justificando que são
Polivalentes artistas.

Antologias e revistas
Dão-nos um novo conceito
Do cordel atualmente
Caprichosamente feito,
Devido a sua importância
Merece o nosso respeito.

Há um certo preconceito
Que deve ser a abolido:
O cantador é um gênio,
O cordelista entendido,
Se ambos se criticarem
Que seja num bom sentido!

Pra não cair no olvido
O cordelista informado,
Deverá ser coerente
Quando for interpelado
E jamais polemizar
Com quem canta improvisado.

Vamos seguir lado a lado,
Resolutos, diligentes,
Cantadores e escritores
Disseminando as sementes
Do repente e do cordel
Por caminhos diferentes.
(Joames,1998)

JOAQUIM RODRIGUES DA MATTA FILHO (JOAQUIM DA MATTA) - é piauiense de Teresina. Além de repentista e embolador é também servidor público federal e já atuou como radialista apresentando o Programa Brasil Caboclo na Rádio Antares AM, onde chamava atenção especialmente para a sina do nordestino. Para Joaquim da Matta ser repentista é ser um poeta popular: “Os poetas repentistas inserem-se na tradição da literatura oral e da literatura de cordel de uma determinada região ou país e eu canto o que vivencio na realidade do sertanejo.” Praticante da Literatura e Cordel desde os 15 anos. Já se apresentou :em várias cidades brasileiras e participou de vários festivais. Joaquim da Matta tem dois livro publicados: Cordel Completo (1985) e Crepúsculo (1994) e escreveu em veros cordeliano “A lenda de Tarzan: o rei da selva”, de Edgar Rice Burrougs, além de várias participações em livros e revistas sobre Cordel. Gravou dois CD’s: Canções Fabulosas de Cordel e Nos Caminhos do Repente, em parceria com a poetisa pernambucana Mocinha de Passira. Joaquim da Matta sempre usa a viola, para dar um toque especial em suas interpretações e esteve com a turma do 8º ano na culminância do projeto que gerou as entrevistas presentes desta obra, quando mostrou na prática o que é fazer repente, contribuindo para uma manhã festiva e enriquecedora.

ENTREVISTA COM JOAQUIM RODRIGUES DA MATTA FILHO

(Joaquim da Matta)

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Joaquim da Matta Filho, fale-nos onde você nasceu e como foi sua infância?

Entrevistado (Joaquim da Matta): eu nasci aqui mesmo em Teresina... (do que muito me orgulho)... minha infância foi simples e cheia das diversões comuns às crianças da minha época... carrinhos... futebol de rua... revistas em quadrinhos... TV /(pouca)... dominó... a diferença era só a imensa facilidade que eu tinha de rimar... sempre que podia promovia disputas de rimas entre os colegas... sempre saindo vencedor ((risos))...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar sobre os seus estudos na escola?

Entrevistado (Joaquim da Matta): eu nunca fui o primeiro... mas nunca fui o último... sempre digo que não fui o pior dos ruins... e nem o melhor dos bons ((risos))... tive algumas dificuldades com matérias de cálculo... mas no final sempre dava tudo certo... em alguns trabalhos de redação eu usava meu dom e produzia tudo em cordel... isso às vezes melhorava minhas notas... às vezes era visto com indiferença por algum professor de alma insensível e anti-poética ((risos))...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Sabemos que você mora em Teresina. Mas desde que ano?

Entrevistado (Joaquim da Matta): desde o dia 11 de novembro de 1967... mais ou menos às 11:30 da manhã... que foi o momento em que abri meus olhos para o mundo... detalhe meu choro já foi rimado! ((risos))

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Você é um repentista reconhecido e também escreve cordéis. Poderia nos contar como iniciou o seu gosto pelos versos populares escritos e improvisados nas cantorias?

Entrevistado (Joaquim da Matta): Foi de uma forma curiosa... eu sabia rimar e (versejava) por brincadeira... mas não era muito fã da cantiga dos repentistas... certa feita quando eu contava uns 6 anos de idade... meus pais me chamaram para assistir a uns cantadores lá na Praça da Bandeira... eu disse que não ia... pois sabia fazer a mesma coisa que eles! Foi uma surpresa!... então de repente (olha o trocadilho)... passei a apreciar os repentistas e a sonhar com o dia em que integraria o seu grupo... cheguei até mesmo a fugir da escola para ir assistir aos cantadores que faziam ponto na parada final dos ônibus... onde hoje está localizado o Shopping da Cidade... uma coisa curiosa todo ser humano ao se descobrir repentista se apaixona pelo som da viola... essa regra não tem exceção... foi o que me aconteceu... me apaixonei de tal forma que nunca mais a abandonei...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Os jovens estudantes que leem cordel em sala de aula costumam apresentar dúvidas quanto à relação entre o cordel e o repente. O que você tem a dizer sobre isso?

Entrevistado (Joaquim da Matta): cordel se refere à escrita... tudo o que é registrado pelos poetas através da escrita... o repente é cada estrofe feita na hora sem nenhum preparo anterior... são mais de 100 gêneros diferentes... que servem tanto para o repente como para o cordel...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O que você tem a dizer aos jovens que desejam aprender a escrever cordel e/ou ser um/uma repentista?

Entrevistado (Joaquim da Matta): infelizmente não há como alguém se tornar... isso mesmo... o repente é um dom que a gente traz do berço... se a pessoa vem com esse dom... pode aprimorá-lo e aprender tudo o que os mais experientes já sabem... pode educar a voz e cantar bem... pode desenvolver novos estilos... baseando-se nos já existentes... mas sem o dom pode até tentar... mas dificilmente consegue... alguns conseguem escrever... mas improvisar versos não...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Joaquim da Matta, você poderia nos contar um pouco sobre a importância do "Festival de Violeiros em Teresina"?

Entrevistado (Joaquim da Matta): o Festival de Violeiros de Teresina é na verdade o maior do Brasil e até do mundo... é o único a reunir no mesmo palco mais de 120 repentistas das mais diversas localidades... uns já famosos e com larga experiência, outros ainda principiantes, uns profissionais e outros apenas amadores... todos no mesmo palco e cantando para a mesma plateia... nos 3 dias e 3 noites dessa realização... os apreciadores têm a oportunidade de conversar com seus artistas preferidos... tirar fotos com eles... além de adquirir CD's... livros... folhetos e outros materiais que são comercializados tanto na Praça da Bandeira como na Casa do Cantador... é como já foi dito Teresina se transforma na Capital do Repente... após o evento as rádios e bibliotecas aumentam seus acervos de registros dos grandes poetas cordelistas... novas publicações e gravações para o deleite dos fãs... é o evento mais importante do Nordeste no que diz respeito ao cordel... seja cantado ou escrito...

A lenda do Tarzan

Oh Deus, que inspira os vates
Das violas afinadas
Dê-me sua inspiração
Nessas estrofes rimadas
Pra entrar nas selvas virgens
Nunca antes desbravadas.

Vou contar uma história
De homens fortes e fracos
Que viviam pelas selvas
Morando em torpes barracos
Ao lado de aves raras
Cobras, leões e macacos.

Seria mesmo possível
Um ser humano viver
Entre as feras perigosas,
Mil obstáculos vencer?
Provar ter força suprema,
Rei das Selvas se eleger?

Um Lorde da Inglaterra
Por decreto imperial
Foi mandado a um trabalho
Na África Ocidental
Isso, por ser braço forte
Junto à Família Real.

Seu nome era John Clayton
Alice a sua consorte
Greystoke o seu sobrenome
Amor, seu maior suporte
Distante de sua terra
Encontrariam com a morte.

John dizia: - Meu amor
Quando o trabalho findar
Voltaremos para casa
Para um império fundar
E o sobrenome Greystoke
O mundo vai aclamar.

Mas ela respondeu: - Não!
Isso eu não quero prever.
Estou grávida. Ao voltarmos
Nosso filho vai nascer,
Pra felicidade dele
Nós dois iremos viver.

Ao ouvir essa notícia
O Lorde perdeu a voz
Chorando, abraçou Alice
Disse: - Deus, olhe por nós!
Pois sinto, nessa viagem
Uma provação atroz!

Foi em mil e oitocentos
E oitenta e oito, o ano
Em uma tarde de maio
Um navio erguia o pano
Deixando os portos ingleses
Adentrava o oceano.

Trinta dias de viagem
Quando a Freetown chegaram
Já pela costa africana
A um veleiro fretaram
Iam prosseguir viagem
Por isso que o contrataram.

Logo no segundo dia
Surgem gestos tenebrosos
Pois os Lordes não sabiam
Que os marujos ruidosos
Eram perversos bandidos
Os piores criminosos.

Interromperam o trajeto
Pra viagem não ter fim
Fizeram uso de armas
Organizaram motim
Ninguém pôde ganhar tempo
Com essa gente ruim.

Saquearam o veleiro
E mataram o capitão,
Humilharam os passageiros
Prenderam a tripulação,
Em duas horas de luta
Vivo não teve um cristão.

o chefe dos criminosos
Que Barganha se chamava
Para prosseguir viagem
Urna vela ele hasteava
Quando um marujo caído
Urna arma lhe apontava.

Lorde Greystoke, ligeiro
Na sua frente saltou
Com um rápido pontapé
A sua mão desviou
Depois, num potente soco
Ao mesmo nocauteou.

Barganha ficou tão grato
Que começou a falar:
- Você salvou minha vida
Por isso, vou lhe poupar.
Você com a sua esposa
Numa praia, irei deixar.

E numa praia africana
Ao casal depositou.
Roupas, mantimentos, armas
Ferramentas entregou
Munição e agasalhos
Depois, os abandonou.

Nas velas do retirante
O vento fazia açoite
John disse: - Estamos perdidos!
E já vem caindo a noite.
Vamos erguer um abrigo
Para curtir o pernoite.

Nos galhos de um arvoredo
O Lorde, ligeiro, ergueu
Um aconchegante nicho
Que, do frio, os protegeu
Foi quando o frescor da noite
Ternamente, os envolveu.

Com nervos à flor da pele
E temor no coração,
Nenhum dos dois cochilava
Temendo a escuridão
E relembrando os terrores
Passados na embarcação.

Quando o dia amanheceu,
John se pôs a trabalhar,
Construindo uma cabana
Que os pudesse abrigar
Das investidas das feras
Que haviam nesse lugar.

O tempo passava lento,
Muito o Lorde trabalhava,
Colhendo cipós nas árvores,
Madeira também cortava,
Arando a terra mais fértil,
Pequena horta plantava.

Um mês de luta pesada
Depois, mais uma semana
Lorde Greystoke lutando
Numa missão desumana
Concluíra, com afinco
Uma pequena cabana.

Na floresta, ele encontrava
As mais diversas madeiras
Lavrando os troncos, fez tábuas
Pra portas e prateleiras
Teceu palhas, fez tecidos
Pra tapetes e esteiras.

Os meses iam passando,
Crescia a vegetação,
Com a caça e com a pesca
Tinham alimentação,
Uma cerca foi erguida
Pra evitar invasão.

Só uma coisa era estranha
Para os dois, nesse lugar
Uma raça de macacos
Que vivia a transitar
Grandes, fortes e peludos
De uma mansidão sem par.

- Parecem inteligentes! -
Disse o Lorde, certa vez.
- Eu vou dar-lhes alimento
Se algum ficar freguês,
Nós seremos bons amigos
Porque nenhum mal nos fez.

Greystoke notou que o mono
Tinha algo em seu cangote,
Tão pequeno e indefeso,
Notou que era um filhote,
Disse: - Alice, é uma fêmea!
E já carrega o seu dote!

Alice falou: - Que bom!
Porém, começo a sofrer.
As contrações já chegaram.
Nosso filho vai nascer
Me ajude, meu querido
Pois não sei o que fazer!

Greystoke fez o que pôde
Mas quase nada valeu
Naquela frágil cabana
Quando a noite se estendeu
Entre rugidos de feras
Uma criança nasceu.

Seu choro ecoou distante
Bradou na imensidade
Era um menino garboso
Que, com tal vitalidade
Não viu que deixou a mãe,
Numa grave enfermidade.

Daquela noite em diante
Greystoke não pôde mais
Ausentar-se da cabana
Nem pra colher vegetais
Só cuidava da esposa
Que tinha dores demais.

Um dia Lady Greystoke
Assim que a manhã nasceu
Ao amamentar o filho
Um breve gemido deu
Muito mansa e ternamente
Deu um suspiro e morreu.

Algo estranho acontecia
Enquanto o sol rebrilhava,
A multidão de macacos
Que à cabana rondava,
Como que sentindo as dores
Mais a mais se aquietava.

A macaca vi3ta antes
Brincava pelo terreiro
Seu filhote ali morria
Devido a um tombo certeiro
Essa macaca era Kala
Tublat, seu companheiro.

E Kala não entendia
O que estava acontecendo
Quando agitava o filhote
Não o via respondendo
O colocava no peito
Via a cabeça pendendo.

Só então compreendeu
O que ali acontecia
Quando, dentro da cabana
Um choro abafado ouvia
Enquanto um filhote branco
Na rede, se contorcia.

Viu, ao lado da criança
Da mãe, o corpo estendido
Logo ao lado, estava o corpo
De seu esposo querido
Que, por doença e fadiga
Também já tinha morrido.

Kala pensou: - O filhote
Tem fome, nesta manhã.
Vou levá-lo para mim
E vou chamá-lo Tarzan
Que quer dizer “pele branca”
Na minha língua irmã.

Kertchak era o rei da tribo,
Sabendo do que se deu,
Recebeu Kala e Tublat,
Ao pequenino acolheu.
Kala estava satisfeita
Com novo filhote seu.

Parece até muito estranho,
Um ser humano criado
Por famílias de macacos,
Mas deu-se, em tempo passado
E esse viria a ser
O rei das selvas falado.

Pois o pequeno Tarzan
Cresceu, mudou a imagem
Filho dos grandes macacos
Com muita raça e coragem
Força bruta, inteligência
E a sutileza selvagem.

Vez por outra, junto ao mar
A cabana visitava
Olhava os livros do pai
Nas figuras, encontrava
Macacos brancos, iguais
Ao que seu corpo mostrava.

Colhia frutos nas árvores,
Aos nativos visitava,
Explorava a mata virgem
Nas águas frescas banhava,
Balançava nos cipós
Onde ninguém o igualava.

Um dia achou, na cabana,
Uma coisa curiosa,
Era uma faca de caça
Afiada e perigosa.
Conheceu, naquela lâmina,
Uma arma poderosa.

Nessa altura os grandes monos
Por ele tinham respeito,
O grande macaco branco
Era por eles aceito,
Como um grande caçador,
Conquistando seu direito.

Havia um grande perigo
Os deixando apavorados
Era Numa, o leão
Com seus dentes afiados
Que, quando atacava alguns
Os deixava destroçados.

Então, Tarzan resolveu
A grande lâmina usar,
Procurou logo o leão
Para o desafiar,
Entre os arbustos do chão
Luta de morte travar.

Achou ele numa clareira
Escavando alguns buracos
Nisso, saltou-lhe à frente
Com seus braços nada fracos
Rugiu o seu desafio
Na linguagem dos macacos.

Ao ver o novo inimigo
Numa, ligeiro, atacou.
Tarzan jogou-se de lado,
Do salto se desviou,
Com a lâmina afiada
Profundo golpe aplicou.

Numa rolou pelo chão
Com muito sangue jorrando,
Tarzan montou-lhe nas costas,
De novo, a faca cravando,
O leão, desesperado,
Se debatendo e saltando.

Mais outro golpe com força,
Mais outros dois em seguida,
A tribo fazia festa
Enquanto a fera temida
Pela lâmina de Tarzan
Sentia fugir-lhe a vida.

Ao ver o monstro das selvas
Sem vida, o corpo pender
Tarzan pisou-lhe a carcaça
E para sua tribo ver
Soltou vigoroso grito
Que fez a selva tremer.

Nem todos acharam bom
Um deles, raiva sentiu
Bolgani, o grande macaco
Muito humilhado se viu
Pois Tarzan fez a proeza
Que ele nunca conseguiu.

Por isso, ele arquitetou
Um plano contra Tarzan
Vingar-se do novo herói
Ele, sem ter mente sã
Mataria o pele branca
Antes do fim da manhã.

Houve festa em toda a tribo
Cada macaco o saudou
Destruindo o inimigo
E do perigo os livrou
E como rei dos macacos
Toda a tribo o consagrou.

Mas Bolgani interrompeu
A grande celebração,
Disse: - Tarzan não é rei,
Só por matar o leão!
Sei que posso destruí-lo
Num golpe da minha mão!

Tarzan respondeu: - Eu sei
Que sua força me espanta!
Venha provar minha faca,
Pois a mesma me adianta ...
Faça sua tentativa
De morder minha garganta!

Bolgani tomando a frente
Logo a luta começava
A cada golpe aplicado
A tribo se horrorizava
Mas Tarzan era imbatível
Sua faca não perdoava.

Quando a luta terminou
Com muito sangue vertido
Um de pé, outro tombado
Um vencedor, um vencido.
Tarzan, vencendo a batalha
Deixou Bolgani estendido.

Outra vitória tremenda,
Outro feito em sua história.
Pisou no macaco morto, ‘
Abriu os braços em glória
E toda a selva escutou
O seu grito de vitória.

Kertchak, o antigo rei
A grande honra lhe deu:
- Você merece a coroa
Pra guiar o povo meu;
Tarzan, o Rei dos Macacos
Hoje, a selva conheceu!

O pequenino indefeso
Que o destino abandonou
Era, agora, rei das selvas
E desde que ali chegou
Dezoito anos passaram
E ele em tudo mudou.

Dezoito anos de idade
Forte, sabido e voraz,
Ágil e muito inteligente
Alegre, vivo e sagaz,
De vencer qualquer peleja
Demonstrava ser capaz.

Mais dois anos se passaram
entre lutas e bravuras,
Às vezes, entre os combates
Desfrutava das doçuras
De Kala, a mãe adotiva
Envolvida em mil ternuras.

Entre os viventes humanos
Na selva, a aldeia Tonga
Contava com o grande chefe
Que se chamava Mibonga
Tinha um filho caçador
Que se chamava Kilonga.

Este, certa vez, estava
Na grande selva, a caçar
Na trilha de um javali
Começava a rastejar
Quando os macacos passavam
Ruidosos, a brincar.

Kilonga, então, assustou-se
Com aquela aparição.
Ligeiro, jogou a lança
Mirando pra amplidão,
Kala passava na frente
Levou-a no coração.

Tombou a grande macaca
Com o peito trespassado,
Tarzan seguia com eles
Vendo o que tinha se dado,
Abraçado ao corpo inerte
Chorava, desesperado.

Dizia: - A mãe que cuidou-me
Eu sempre hei de honrá-la!
Quem a matou, que se esconda
Pois a lança, eu vou guardá-la.
Quem matou, verá a ira
De Tarzan, filho de Kala!

Kilonga, muito assustado,
Quando a macaca tombou
Correu por entre a folhagem
Numa grota se ocultou
Mas Tarzan, enfurecido,
Rapidamente, o encontrou.

Nem precisou de sua faca
Para a luta encerrar,
Kilonga até resistiu
Porque sabia lutar.
Mas, num soco, Tarzan pôde
O seu pescoço quebrar.

Levou a aljava, as flechas,
A outra lança, o escudo,
O cinto com duas facas,
O seu alforje graúdo,
De objetos do guerreiro
Ele apossou-se de tudo.

Nos dias que se seguiram
Tarzan ficava treinando
Aprendeu a atirar flechas
Em todo alvo acertando
Também ficou muito destro
Uma lança manejando.

Havia entre os macacos
Uma língua diferente,
Numa que era o leão,
Hista seria a serpente,
Gorgo, o búfalo, Pamba, o rato
Kudu seria o sol quente.

Dako-zan era a comida,
Paco era a zebra listrada,
Goro era a lua branca,
Argos, a águia dourada
Mangani, o grande macaco
Sheetah, a onça pintada.

Tarmangani, o homem branco
Balu, o filho ou a cria
Gomangani, o homem negro
Dakul, a lagoa fria
Buto era o rinoceronte
Dan, grande pedra seria.

Sord seria maldade,
Dando é para recuar,
Gim-la era o crocodilo,
Krig-ah, cuidado tomar.
Dango seria a hiena,
Bandolo traduz matar.

Ungo seria o chacal,
Horta era o javali,
Ska seria o abutre,
Bara, o veado dali.
Manu macaco pequeno,
Vem muito mais por aí.

Tarzan agora contava
Vinte anos de idade,
Foi quando deu-se outro caso
Naquela localidade
Que veio a proporcionar-lhe
A maior felicidade.

Um outro navio inglês
Andou por aqueles lados,
Também os mesmos problemas,
Marujos amotinados,
Três homens, duas mulheres,
Deixaram abandonados.

Eram o professor Clayton,
Fillander, seu assistente,
Jane Clayton, sua filha,
William, outro parente,
Esmeralda, a empregada
Cuidadosa, obediente.

Não deixaram agasalho
E nem algum mantimento,
De arma, só um revólver.
E por não ter alimento,
Todos os cinco pensavam
Morrer ali, ao relento.

Foi então que descobriram
A cabana construída,
Há vinte anos passados
Para abrigar urna vida,
Que ali havia nascido
E agora estava perdida.

Adentraram à cabana
Os dois esqueletos viram,
Remexeram nos escritos
Assustados, descobriram
Que Lorde e Lady Greystoke
Nesse lugar residiram.

Descobriram que o filho
Do casal ali nasceu.
Professor Clayton falou:
- Esse desapareceu!
Mas, onde quer que esteja
Por certo, é parente meu.

Enquanto liam o diário,
Nenhum deles reparou
Urna leoa faminta
Que dali se aproximou,
Rugindo e mostrando os dentes
Em frente à porta chegou.

William sacou a arma,
A mesma não disparou.
De repente, ouviu-se um grito
E a leoa se assustou,
Quando um vulto bronzeado
Com a mesma se atracou.

Rolaram, os dois, pelo chão
Ferozmente, engalfinhados
Até ouvir-se um estalo
Como ossos triturados,
Eram ossos do pescoço
Da fera, sendo quebrados.

Vendo essa terrível luta
Vir a se desenvolver
Depois, um terrível grito
Fazendo a selva tremer
Ali, ninguém cogitava
O que ia acontecer.

Vendo o jovem seminu
Com a faca na cintura,
Sorrindo diante deles,
Com aspecto de brandura,
Duvidava qualquer um
De ter tamanha bravura.

Professor Clayton parou
Junto ao assistente seu,
Disse: - Será o menino
Que, há vinte anos, nasceu?
Perguntou: - Quem é você?
Mas Tarzan não entendeu.

Somente olhava pra Jane
Mostrando-se interessado,
Pois mulher de sua raça
Jamais havia encontrado,
E ninguém estranharia
Que estivesse apaixonado.

Jane sorriu calmamente,
A ele estendendo a mão,
Ele cheirava seus dedos,
Deslizava os pés no chão,
Sorria sem demonstrar
Nenhuma má intenção.

Tarzan, na mata fechada
Ligeiramente adentrou,
Passaram-se algumas horas
Depois ele retornou,
Conduzindo carne e frutas
A todos alimentou.

Os cinco a noite passaram
Em total satisfação,
O rei das selvas estava
A sua disposição,
Afugentando os perigos
Garantindo proteção.

Quando o dia amanheceu
E Jane se aproximou
Do grande homem-macaco
Conversar até tentou
Mas Tarzan nada entendeu
Do que ela lhe falou.

Numa parte da conversa
Os dois tiveram efeito,
Ele dizia: - Tarzan!
Batendo a mão sobre o peito
E ela, dizendo: - Jane!
Batia do mesmo jeito.

Com jeito e muito cuidado
Um certo gesto fazia:
- Eu Jane, você Tarzan!
Alegremente, dizia.
Ficou muito satisfeita
Vendo que ele entendia.

Ele dizia o seu nome
De forma tão singular
Que Jane chamou o pai
E disse: - Vamos levar
Nosso parente até Londres.
Ele precisa estudar.

O professor disse: - Certo!
Tente convencer a ele
A ir, conosco, até Londres
Para investirmos nele
E entregarmos a herança
Que é da família dele.

Passaram-se muitos dias
Tarzan, alegre, brincava
Na companhia de Jane
Que, paciente, ensinava
A linguagem dos humanos
. Ele, a tudo, dominava.

Um dia, um grande navio
Fazendo uma excursão,
Perdeu-se do seu trajeto
Indo àquela direção,
Encontrou os cinco náufragos
Vivendo na solidão.

Ao se identificarem
Para os nobres tripulantes,
Descobriram se tratar
De pessoas importantes,
Passava, o navio, a ter
Cinco novos viajantes.

Quatro subiram a bordo
Faltava Jane chegar,
Tarzan, alegre, ajudava
A bagagem acrescentar
Algumas plantar silvestres
Que puderam coletar.

De repente, ouviu-se um grito
De Jane, desesperada.
Tarzan sacou sua faca
E saiu em disparada
Porque notou que a jovem
Estava sendo atacada.

Era Terkoz, o gorila,
Inimigo conhecido
Contra a indefesa Jane
O mesmo havia investido
E a destruir Tarzan
Também ficou decidido.

Foi a mais terrível luta
Que Tarzan realizou,
Foi mordido e machucado
Muito sangue derramou,
Mas fez bom uso da faca
E ao gorila matou.

Ficou muito machucado,
Quase até inconsciente,
Jane correu para ele
Abraçando ternamente,
Lamentando seu estado,
Terrivelmente doente.

Ele estava agonizando
Puderam, então, levar
Para dentro do navio,
Apressaram-se a tratar
Os enormes ferimentos
Daquela luta sem par.
Trinta dias de viagem,
Tarzan estando acamado,
Era tratado por Jane
Sempre meiga, ao seu lado.
Curativos e alimentos
Pra melhorar seu estado.

Quando chegaram a Londres,
Tarzan já podia andar,
Estranhou o ambiente,
O aspecto do lugar,
Tudo muito diferente
Da selva, o antigo lar.

Jane disse: - A casa é sua.
Você nunca a conheceu.
Seu avô, ainda vivo
Quer vê-lo, garanto eu.
Falou com muito carinho
Mas Tarzan pouco entendeu.

Mas o Conde de Greystoke
Ouviu o fato narrado,
Chorando, abraçou o neto
E ele, impressionado
Com todo aquele ambiente
Estava maravilhado.

o velho Conde falou:
- De você vamos cuidar!
Vai vestir roupas decentes
Vai à escola, estudar
Tudo o que é seu, por direito
Haveremos de lhe dar!

Mais dois anos se passaram
Tarzan se modificou,
Aprendeu seu idioma,
Muitas coisas estudou,
E o nome do seu pai
Como seu nome adotou.

Era John Clayton Greystoke
Um Lorde Inglês, cidadão
Herdeiro de uma fortuna
Morando em grande mansão
Com Jane Clayton, sua prima
Vivendo grande paixão.

Porém Jane reparava
- Tarzan não está feliz!
Perguntou a ele, um dia:
- Foi algum mal que lhe fiz?
Diz ele: - Não! Eu só sinto
Saudades do meu País.

- Nasci na selva africana
Lá, aprendi a caçar
Correr, lutar contra feras
Disparar flechas, nadar
Não me sinto bem em Londres
Pois a selva é o meu lar!

- Quero voltar para a selva,
Correr pelos matagais,
Beber o sumo travoso
Das plantas medicinais,
Nadar nos rios profundos,
Rever os meus animais.

- Quero soltar o meu grito
Do topo da cordilheira,
Balançar pelos cipós,
Mergulhar na cachoeira,
Mas quero que vá comigo
Pra ser minha companheira!

Jane lhe disse: - Eu irei
Com todo o meu coração,
Mas use a sua fortuna
E construa um casarão,
Onde possamos viver
Com conforto e proteção.

Tarzan respondeu, sorrindo:
- Tudo o que você quiser!
Você pedindo, eu atendo.
Diga o que mais você quer?
Diz ela: - Ir para a África
Para ser sua mulher!

John e Jane, então, partiram
Pra outra longa viagem
De volta à selva africana
Dez navios por bagagem
Fundaram seu grande império
Em um terreno selvagem.

Construíram um casarão
Em uma grande clareira,
Feito de p8dra e de barro
E da mais forte madeira,
Para habitarem, tranquilos
Tarzan e sua companheira.

Fizeram vários contatos
E círculos de amizade
Com muitas tribos vizinhas
E, em toda localidade
Os habitantes da selva
Eram amigos de verdade.

Jane enfeitou a morada
Com plantas de muitas cores
Criava aves canoras
No jardim, diversas flores
Tinham muitos empregados
Que mereciam louvores.

Tarzan, o Lorde das Selvas!
O aclama a selva inteira:
- Viva Tarzan! O seu grito
Ecoa na cordilheira!
Viva Tarzan dos Macacos
E a sua companheira!

- Viva Tarzan dos Macacos,
O maior dos caçadores!
Não teme às presas das cobras,
Nem leões devoradores,
Mantém nossa selva em paz
Expulsando os invasores!

Assim o rei dos macacos
Viveu a vida todinha,
Diziam os grandes macacos:
- A nossa selva inteirinha
Deseja uma longa vida
A Tarzan e sua rainha!

(Joaquim da Matta, 2011)

JOSÉ BEZERRA DE CARVALHO (ZÉ BEZERRA), o “Águia de Prata”, nasceu em Ipueira (CE), no ano de 1929, mas ainda menino mudou-se para o Piauí. Radicado em Teresina há muitos anos, Zé Bezerra desenvolve uma intensa atividade cordeliana no Piauí, seja declamando ou escrevendo folhetos e canções em que tematiza poeticamente o amor, o bem e a religião. Aos nove anos já gostava de estórias de “Trancoso” e fatos verídicos e foi ainda menino que escreveu o cordel o cordel “O menino e o sabiá”. Aos 21 anos ingressou na Polícia Militar do Piauí e hoje é reformado como 1° sargento. Em 1985, começou a publicar as suas obras e até hoje não deixou de produzir. Tem mais de 100 títulos editados. Suas principais obras são: “Nascimento, Vida e Morte de João Batista e Jesus Cristo”, “Poemas e Poesias” e “Histórias do Passado”.

ENTREVISTA COM JOSÉ BEZERRA DE CARVALHO (ZÉ BEZERRA)

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Zé Bezerra, poderia nos dizer onde e quando o senhor nasceu? Como foi sua infância e juventude? Desse tempo, do que o senhor sente saudades?

Entrevistado (Zé Bezerra): Nasci em Ipueiras (CE), no dia 13 de março de 1927. Não sinto saudades, porque já nasci trabalhando. Fui dado para uma família rica do Piauí, que morava em Campo Maior e também em Teresina, onde eu só trabalhava.

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Zé Bezerra, poderia nos contar da época dos seus estudos?

Entrevistado (Zé Bezerra): Não frequentei escola. Tive apenas três meses de aulas particulares, mas pegava tudo o que a professora ensinava.

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Desde quando o senhor mora em Teresina?

Entrevistado (Zé Bezerra): Desde o ano de 1936, quando passei a morar com minha família, porque precisava trabalhar para dar comida, porque meu pai ficou doente (aleijado).

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?

Entrevistado (Zé Bezerra): Tenho de nascença o dom da poesia: "no dia em que eu nasci que a parteira me pegou foi pegando e foi dizendo é o rei dos cantadores. Fiquei mala acostumado que nem no roçado eu vou. A poesia é um dom, uma graça, ninguém aprende". Nunca me prendi às técnicas que os críticos do cordel exigem,

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor escreve sobre a realidade. Fale-nos sobre as realidades presentes em sua obra.

Entrevistado (Zé Bezerra): Escrevo sobre a realidade, mas com um toque de poesia. Ainda menino escrevi o cordel "O menino e o sabiá" que foi uma situação que vivenciei em que o sabiá morreu, mas não coloquei a morte para não tirar a beleza da história. Então, é isso: é realidade com fantasia.

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): A religiosidade também está presente em sua obra. Conte-nos por qual motivo o senhor escreve sobre a fé.

Entrevistado (Zé Bezerra): Minha religiosidade é por amor a Deus. Se não amasse, não importava a fé. Tem que provar o amor. Aprendi a rezar o Pai Nosso, de joelhos, com meus pais. Jesus ensinou: orai e vigiai. Eu sou ministro da eucaristia e amo minha religião, mas respeito todos os credos. Escrevi "O pão que não acabou" com base num folheto que uma moça evangélica veio deixar aqui. Ela andava evangelizando. Eu recebi e escrevi um cordel. As universidades já estudaram minha religiosidade. Muitos estudantes vêm aqui

saber sobre a minha literatura religiosa.

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Por que o senhor construiu sua biblioteca popular?

Entrevistado (Zé Bezerra): Com a finalidade de incentivar o conhecimento da cultura popular, às pessoas e, em especial, aos estudantes como vocês que estão me entrevistando.

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Sobre a literatura de cordel, o que precisamos fazer para aprender a produzir cordéis?

Entrevistado (Zé Bezerra): É preciso que tenha vocação. É um dom. Escreva o que lhe venha à mente. Não escreva sobre o que você não conhece.

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor poderia nos dizer que obra e/ou que versos seus mais marcam a sua vida?

Entrevistado (Zé Bezerra): "Tudo o que fez permanece nele". É como um filho.

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor poderia comentar sobre sua última obra de cordel? O senhor está escrevendo alguma obra cordeliana neste momento?

Entrevistado (Zé Bezerra): A última obra foi "Saulo que virou Paulo". No momento, não estou escrevendo. Quero dizer que também escrevi o cordel para o meu velório, porque já sou de idade avançada.

O menino e o sabiá

José era o seu nome
Um menino gordo e forte
Gostava de passarinho
Era este o seu esporte
Corria pelas campinas
Gritava como coiote.

Levantava muito cedo
Pelos campos passeava
Assobiava nos dedos
A todos os pássaros imitava
E só ficava quieto
Quando um sabiá cantava.

Passavam horas e horas
Ao sabiá escutando
Virando folha por folha
E o menino olhando

Enquanto o sabiá ciscava
Todas as folhas virando.

O menino e o sabiá
Foram se acostumando
Chegando um perto do outro
Assim ficavam se olhando
O menino assobiava
Ao sabiá imitando.

Saltando para um galho
Uma lagarta pegava
E depois de engolir
Para outro galho saltava
E o menino observando
Do que ele mais gostava.

Foi se passando o tempo
E um do outro gostando
O menino trazia comida
E para o sabiá ia dando
Terminando de comer
Agradecia cantando.

O menino muito alegre
Para o sabiá dizia
Gosto muito de você
Quero te ver todo dia
O sabiá se calava
Ouvindo o que ele dizia.

Quando o menino calava
O sabiá de contente
Abria assim o seu bico
Soltando um canto dolente
E o menino se admirava
Ficava também contente.

E foi crescendo a amizade
Que um pelo outro sentia
O menino assobiava
E o sabiá respondia

E quando os dois se encontravam
Aumentava a alegria.

O menino se escondia
E o sabiá procurava
Então não vendo o amigo
Num galho seco pousava
E como quem estava triste
As suas penas fofava.

Ali ficava parado
Para todo lado olhando
Procurando o companheiro
De galho em galho saltando
De vez em quando cantava
Ao seu amigo chamando.

O menino vendo tudo
Com pena dele ficava
Saía do esconderijo
E ao sabiá imitava
E ele vinha ligeiro
No ombro dele pousava.

E os dois muito contentes
Um voava outro corria
De um lado para o outro
Era grande a alegria
E enquanto um cantava
O outro alegre ouvia.

O menino vinha pra casa
O sabiá também vinha
Pousava numa laranjeira
Bem pertinho da cozinha
E lá ficava cantando
Enquanto a noite não vinha.

O menino foi crescendo
Era preciso estudar
Resolveu contar ao amigo
Que iam se separar

Dizendo eu vou para a escola
Mas eu não tardo a voltar,

E o sabiá escutando
Tudo que ele dizia
Ficava alegre cantando
Como quem compreendia
Um muito alegre cantava
E o outro alegre sorria..

No galho da laranjeira
O sabiá fez um ninho
O menino foi para a escola
Estudava com carinho
Enquanto o menino estudava
O sabiá chocava no ninho.

E quando o menino chegava
Ao sabiá ia olhar
Este deitado no ninho
Os seus ovinhos a chocar
O menino em seus livros
Começava a estudar.

Assim foi passando o tempo
E como já se esperava
Nasceram três filhotinhos
E o menino admirava
E trazendo lagartinhas
Para os filhotes ele dava.

E o sabiá muito alegre
Aos filhotes ia criando
E o menino na escola
Continuava estudando
E ao cair da tarde
Estavam os dois cantando.

Quando era bem cedinho
O sabiá ia caçar
Comida para os filhotes
O menino ia estudar

Mas quando chegava da escola
Os dois iam brincar.

Mas como tudo no mundo
Já tem traçado o destino
E ninguém pode mudar
Seja grande ou pequenino
O sabiá adoeceu
E se entristeceu o menino.

Uma febre muito forte
Que o menino pegou
Era uma tal de bexiga
Que ao menino atacou
E o sabiá muito fraco
Na cama dele pousou.

Um ao lado do outro
Cada qual o mais doente
O sabiá e o menino
Se olhavam tristemente
Quem olhava aquela cena
Chorava amargamente.

Cinco dias depois
Era de cortar coração
Cada qual mais doente
Mal era a situação
Dos dois amigos queridos
Era grande a compaixão.

O menino disse amigo
Para nós não tem mais jeito
Sente aqui na minha mão
O sabiá veio com jeito
E o menino o pegando
Botou em cima do peito.

O sabiá quis cantar
Mas a força lhe faltou
O menino também quis imitar
Mas também não imitou

E naquela mesma hora
A vida dos dois se acabou.

Então os pais do menino
Muito tristonhos a chorar
Mandaram sepultar o menino
Junto com o sabiá
Debaixo da laranjeira
Onde os dois iam brincar.

Dizem que ainda hoje
Quem por ali vai passando
Houve o sabiá cantar
E o menino assoviando
E todos que têm ouvido
Sempre sai dali chorando.

Dizem que muita gente
Promessas vivem fazendo
E milagres valorosos
Todos veem recebendo
Paralíticos estão andando
E cegos que estão vendo.

E eu estou acreditando
Tudo isto ser verdade
Porque quem ama a Deus
Nunca pratica a maldade
O menino era um inocente
Só conhecia a bondade.

Como todo inocente
Do céu já é um herdeiro
Foi Jesus Cristo quem disse
E pregou no mundo inteiro
Que no céu entra os justos
E nunca os desordeiros.

José Bezerra de Carvalho (1985)

JOSEFINA FERREIRA GOMES DE LIMA - Josefina Ferreira Gomes de Lima, nasceu em Cambraia, município de São João do Piauí (Hoje João Costa). É filha da professora Maria Gomes Ferreira e de Faustino Ferreira de Sá, marceneiro, lavrador e nas horas vagas tocador de violão. Cursou o primário em sua casa, cuja professora era sua mãe. Cursou 5ª e 6ª séries ainda em São João do Piauí, no colégio Frei Henrique em 1981/1982. Mudou-se para Brasília em 1983, onde viveu por 14 anos e concluiu o ensino fundamental e médio. Casou-se com Paulo Alves de Lima, ficando viúva 7 anos depois. Tem 3 filhos: Mírian, Paula e Lucas. Graduada em Licenciatura Plena em Letras/Português, pela UESPI. Mestre em Letras/Literatura pela Universidade Estadual do Piauí. É professora da rede estadual de educação do Piauí desde 2000. É escritora de cordel com os seguintes folhetos: História da escrita, das paredes da caverna à tela do computador; Aventura Maldita; Fragmentos da Cultura de São João do Piauí; Apague o cigarro antes que ele te apague; O Bolo dos Cem anos; Parque Eliane em cordel: lutas, aprendizagens e desafios; Batalha do Jenipapo: a peleja piauiense pela independência do Brasil. Integra a Academia Piauiense de Literatura de Cordel, Associação dos Violeiros, Repentistas e Poetas Populares do Piauí, Casa do Cantador, Academia Piauiense de Poesias e COCHACOR (Cordelaria da Chapada do Corisco).

ENTREVISTA COM JOSEFINA FERREIRA GOMES DE LIMA

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Josefina, poderia nos contar como você se tornou cordelista?

Entrevistada (Josefina): Bom eu me tornei cordelista... primeiro como ouvinte... ouvindo a minha mãe... recitar os cordéis pra gente em casa como lá na sala de aula que... quando juntava muitas pessoas crianças inclusive... [...] minha mãe lia o cordel... pra crianças da escola... lia também no outro momento que não era na sala de aula... para a vizinhança... que comprava os romances, né? E a partir daí, levava esses romances para minha mãe fazer a leitura... e durante essa leitura eu fui tomando gosto... aí, mais tarde passei a fazer a leitura pras pessoas que nos procuravam para isso... ou seja, de ouvinte para leitora... e aí, depois com o tempo eu fui escrevendo algumas estrofes sobre acontecimentos da região... sobre fatos... sobre a seca... sobre política... eleições... temas engraçado pra região... e a partir daí, comecei a escrever... e aí, num parei mais... fui pra Brasília passei um tempo por lá... escrevi sobre Teotônio Viléla... sobre a seca de oitenta e três... perdi esse material todo e aí, depois continuei já no curso de Letras... em mil novecentos e noventa e sete... a escrever e aí, foi daí, que foi nascendo aí... os cordéis outros folhetos que eu tenho até hoje... história da escrita... aventura maldita e muitos outros...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Josefina, a senhora poderia comentar o que é preciso fazer para ser um cordelista?

Entrevistada (Josefina): Eh: o que é possível... o que é preciso sermos cordelista? A primeira coisa é gostar de literatura de cordel... a ser cordelista primeiro tem que ser leitor de cordel... de gostar também de cordel... então, uma das coisas importante para isso é estudar também o cordel... conhecer grandes cordelistas... conhecer as técnicas de como fazer um verso de cordel... as técnicas em relação ao seu formato... suas rimas... métricas... ritmos... temas, né?... Então, o que é preciso é justamente isso... além de conhecer o cordel... estudar, né? Teoricamente, porque o cordel num é só os versos prontos... nós temos também a teorias cordelianas... conhecer grandes autores e procurar esses textos também na internet e outros espaços... a partir do momento que faz a... que se pretende ser cordelista tem que ter todo esse exercício... pesquisa diária, né? Pesquisa leitura apresentação pra depois você produzir...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): A senhora poderia comentar sobre a presença da mulher na produção de cordel em Teresina?

Entrevistada (Josefina): Em relação à presença da mulher na produção de cordel em Teresina... o que eu posso dizer é que aqui em Teresina eu conheço cordelistas... a primeira que eu conheci aqui foi Maria Ilza Bezerra... professora da rede estadual... que escreveu Romeu e Julieta em cordel... Maria das tiras... Antônio dos (Andores)... e muitos outros, né?

Essa foi a primeira pessoa que eu conheci... Marina Campelo, que também é professora da rede estadual aqui em Teresina... e ela escreveu Memórias dos Gomes... escreveu a história das memórias da vida dela lá em (Pedro II)... escreveu essas histórias essas memórias... e escreveu também As lendas de Teresina em cordel... e vários outros textos que ela já tem espalhado por aí... mas os que mais conheço são esses... e depois eu fiquei conhecendo a Luzinete... que é... funcionária do Sebrae, né? E que começou a produzir seus textos inspirado em temas aí... com a questão do empreendedorismo... conheci lá na Academia Piauiense de cordel no dia... da fundação... essas aqui são do Piauí... outras... éh: eu não conheço outras além da gente... e assim, nacionalmente... principalmente no Nordeste temos grandes cordelista como Dalina (Catunda)... Ivonete Morais, cordelista... Ritinha... [...] e muitas outras... nós temos muitas mulheres cordelistas na região Nordeste... mas aqui exclusivamente no Piauí eu conheço essas...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Na sua opinião, qual a importância do seu cordel para a cultura de Teresina?

Entrevistada (Josefina): Eu acho que o meu cordel importante para a cultura do Piauí... viu gente... anotem isso aí... porque eu falo das coisas da terra... eu escrevo temas da sala de aula... por isso que ele é importante... porque eu falo de várias coisas da nossa terra... como vocês viram aqui... é tão importante que mais de dez mil livros desse aqui foram distribuídos no Piauí todo... [...] internet...por isso que ele é importante... porque eu resgato várias histórias do Piauí... várias situações do Piauí... e também do dia a dia e coloco no cordel... por isso que meu cordel é importante... porque alguns textos falam do Piauí... falam do sertão... falam do nosso povo e falam principalmente das nossas coisas... por isso que vocês viram a ... [inaudível] ... que conta a história de nordestinos que por falta de oportunidades vão embora daqui... e aí, nós estamos falando de uma coisa muito importante que é a questão social...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Na sua trajetória de cordelista, poderia nos dizer quais são as/os principais cordelistas que a influenciaram?

Entrevistada (Josefina): Na minha trajetória de cordelista, os principais cordelistas que me influenciaram foi primeiro esses mais antigos como Leandro Gomes de Barros... Marquinhos Ataíde...Zeca Melo... Patativa do Assaré... como poesia cabocla parecida com o cordel, mas um pouco diferente... e outros mais... e os mais novos foi uma inspiração muito grande... Joames pela sua técnica apurada e pela sua excelência na poesia e tem o Pedro Costa como uma pessoa que também me influenciou pela resistência que ele tinha em manter o cordel vivo... com o cordel nas escolas assim como Pedro Ribeiro que foi quem criou coronel nas escolas projeto... primeiro projeto cordel nas escolas... com as escolas do município... e o Pedro Costa com as escolas do Estado... então, esses dois Pedros aí, também foram muito importante na minha vida em relação a essa produção cordeliana... até porque me incentivaram também a publicar, né? No jornal diário do povo... e foi influência muito boa... porque além de me mostrar o cordel através da revista de repente... através de jornal diário do povo onde eu publicava... tivemos oportunidade de

ver os cordéis também nos dias das... dos grandes festivais [...] na praça da bandeira aí, a gente tinha acesso ao cordel... não só o folheto como a antologias trazida por vários poetas e isso foi importante pra mim também...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): A senhora poderia citar alguns versos cordelianos que marcaram sua vida?

Entrevistada (Josefina): Eu tenho alguns versos da minha infância que eu ouvia na sala de aula... quando a minha mãe estava ensinando essa cultura pra gente... aí, no livro mesmo... no livro didático tinha algumas estrofes de alguns repentistas em relação aos desafios... e tem um que estou lembrando com três versinhos... que... que fiz mais ou menos assim... diz assim "sou Veríssimo do Teixeira furo pau furo tijolo... se manda a mão beija a queda... se pé vejo rolo... na ponta da língua eu trago noventa mil desaforos"... aí, o outro responde "Sou Pedro Ventania morador lá nas gangorras... se correres não te assombres... se te assombrares não corras... se correres não corras... se correres não te assombres... se te assombrares não morras" eu acho que eu errei um pouquinho aí... e o outro é assim "eu não tenho inveja disso sou Valente e valentão... cangaço é meu cavalo... cascavel meu cinturão... eu engulo brasa viva pego corisco com a mão... e o empurrão do meu dedo... bota dez morros no chão"... então, foram esses três... essas três estrofes uma até andei errando aí, né? Que eu me lembro assim que a minha mãe recitava pra gente na escola, né? Então, mais ou menos isso...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Josefina, que relação você estabelece entre o cordel e a sua profissão?

Entrevistada (Josefina): Em relação a... a esta questão do cordel e à minha profissão... eu realmente eu não sou uma profissional cordelista... num vivo do cordel... em relação à profissão, eu trabalho muito cordel na sala de aula... minha profissão é muito aberta para a questão do cordel... ou seja, ser professor está na sala de aula ou não... minha ajuda muito porque os meus temas... a maioria dos meus temas nasceram na sala de aula... como por exemplo o Livro velho o livro novo...que foi texto trabalhado em sala de aula para incentivar os alunos a apresentar o livro didático e gostar de ler... e a história escrita das cavernas ao computador... e também onde está a leitura?... que estimula justamente os alunos a entenderem a importância da leitura em todos os dias e todos os espaços, né? e também pra ver a importância que foi a história da humanidade até a escrita que temos hoje... então, são temas que nasceram em sala de aula... é que eu vejo na tv... a reflexão sobre importância de assistir com moderação... navegar com segurança em relação a internet... também apague o cigarro antes que lhe apague... foi justamente uma campanha contra cigarro... tudo isso em sala de aula... então, ele tá bem relacionado com a minha profissão... porque muitos temas nasceram na sala de aula... e é justamente isso... já em relação a minha experiência de escrever cordel essa experiência é como eu já disse... ela começou lá na casa da mamãe...na sala de aula... ....depois de ouvir os cordéis e se ampliou depois que eu tive um acesso maior aos meios de produção... principalmente gráfica pudesse imprimir o cordel bunitim no folheto... participar em antologias de livros...

como a antologia transcultural de poesia feminina... eu participo com dois cordéis um sobre mamãe... falando [...] biografia da mamãe... e o outro da história da escrita... e depois a antologia (vários) folhetos... então, essa produção ela continua...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar um pouco da sua experiência com a escrita de cordéis?

Entrevistada (Josefina): Quando... eu já escrevi biografias, inclusive vai ser lançada uma biografia em breve... chamada trajetória do mestre da Academia Piauiense de Letras que são seis estrofes que eu faço a biografia de uma grande educador Padre [inaudível] então... você ver que além dos temas eu gosto mesmo de temas mais livres que você pode inventar mais... a ficção por exemplo... mas tem também temas como biografias... esse último que eu fiz por exemplo foi um pouco da história da Maria Bonita só que em forma de epitáfio... e também reescrever a história da batalha do jenipapo... né?... Ou seja, passei da história para literatura... cordel, né?... E é mais ou menos isso... o mais importante é que mesmo num tendo vocação... as pessoas têm que seguir a técnica... quando tem vocação melhor ainda, porque mistura as duas coisas... a técnica e também aí, a questão da vocação...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Atualmente, a senhora está produzindo cordel? Se sim, qual o tema?

Entrevistada (Josefina): Eu estou com livro aí, pra ser lançado, Os escritores da floresta... estou agora com um chamado Uma onda de poesia, que eu estou formatando pra lançar ano que vem... dois livros...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Josefina, poderia comentar o que é escrever cordel? Na sua opinião, o cordel exige vocação ou trata-se de técnica? O que a senhora acha que é necessário para se escrever um cordel?

Entrevistada (Josefina): E sobre escrever cordel... você pergunta aqui o que eu tenho a dizer... eu digo assim... você até pergunta se existe a vocação ou trata-se de técnica... eu digo que são as duas coisas... escrever cordel éh: muito interessante você ter a vocação também... que, às vezes, a pessoa num gosta... faz um cordel até porque a pessoa mandou aí, tem que fazer de todo jeito... então, exige um pouco da vocação... a vocação - - tem pessoas que dizem que num tinha vocação começou fazer e gostou achou interessante... achou um excelente exercício de memorização... organização do conhecimento... e continuou a escrever... seja por vocação ou seja simplesmente porque alguém sugeriu é preciso usar técnica... porque a técnica faz o cordel ser bom... como ele é um produção... fixa, né? De forma fixa que nem o soneto, por exemplo... ele não pode ser escrito sem a rima e sem a métrica... se o cordel não tem rima e nem métrica, então, não é considerado cordel... é chamado poema que não tem nenhum problema, eu fiz um poema... então, ele tem que ter se é a sextilha ela tem que ser em redondilha maior... tem que os versos rimarem... rimarem os ímpares entre si... aliás, pares... os ímpares não rimam... e quando se sextilha aí, já tem outro esquema, porque vem rimando éh: os versos pares e depois... [...] que rima entre si... e assim os demais... os demais formatos...os demais estilos... aí,

vai seguindo... as oitavas... as décimas né? As décimas também em redondilha maior que são... os versos com sete sílaba... aí, vem o mote, né? Os décimos com motes... aí, depois vêm os galopes... e as outras formas... mas esse mais simples que trabalhamos que são a sextilha e septilha... ele tem que ter toda essa organização... a técnica... e aliás todos os versos da cultura popular eles tem rima e tem métrica e tem cadência... e também oração... é isso que faz o cordel que é necessário pra fazer o cordel... é justamente essa questão de estudar as técnicas... saber escolher os temas... buscar por exemplo temas que as pessoas - - sejam bons... que seja de seu interesse... porque o tema que não é do seu interesse dá mais trabalho... quando o tema é do seu interesse você tem mais gosto de fazer... e isso faz com que a pessoa pesquise e busque muito coisas sobre o assunto... eu por exemplo acho muito bom escrever temas sobre a natureza... temas mais livres, né?

Batalha do Jenipapo: A peleja piauiense pela independência do Brasil

Preste atenção, meu leitor,
Na história que vou contar
Uns contaram de um jeito,
Doutra forma vou narrar
Batalha do Jenipapo
Em cordel vou registrar.

História de resistência,
Heroísmo e valentia
Dum povo bravo e guerreiro
Que liberdade queria,
Enfrentando o português
Sem medo da tirania.

Batalha do Jenipapo
O nome que recebeu
Assim se chamava o rio
Onde tudo aconteceu:
Fidié vence a batalha,
Mas a guerra não venceu.

Foi em mil e oitocentos
E vinte e dois o tal ano,
E o sete de setembro
Bem na Primeira semana
Em que o Brasil passa a ser
Uma nação soberana.

Das margens do Ipiranga
Assim Dom Pedro gritou:
“Independência ou morte!”
E o Brasil se libertou
Do domínio português
E o povo comemorou.

A sonhada independência
Só foi no Sul e Sudeste,
A intenção de Dom João VI
É que o Norte e Nordeste
Continuassem colônia
E naquele plano investe.

O governo Português
Que já tinha consciência
Que o Piauí queria
Também a independência,
Tratou então de tomar
Uma séria providência.

Mandou para o Piauí
Um major experiente.
Nas guerras napoleônicas
Foi exímio combatente
E no comando de tropas
Consagrou-se competente.

É João José da Cunha
Fidié, assim se chama
O major que aqui chegou
Trazendo uma grande fama
De ser guerreiro que enfrenta
Mata, fogo, ferro e lama.

Mas Fidié não sabia
Da coragem e bravura
Do povo piauiense
Que enfrentou a aventura
De lutar mesmo sem arma
Sem preparo e estrutura.

Na capital da província
Chega no mês de agosto,
Enviado por D. João VI
Fidié assume o posto
De governador das armas
Para luta está disposto.
Embora não existisse
A polícia militar
Ou qualquer instituição
Com formação similar,
Os heróis improvisaram
Exército pra lutar.

Qual o motivo da guerra?
Alguém pode perguntar.
O Brasil é independente
Vi Dom Pedro proclamar,
Mas o Nordeste não era
Em versos vou te mostrar.

Portugal não aceitou
A total independência
Da colônia que dava
Poder, fama e opulência,
Por isso que seu exército
Reagiu com violência.

O Piauí ostentava
Um bom quadro financeiro
Agropecuária crescia
Exportava pro estrangeiro,
Portugal ficava com
A metade do dinheiro.

O ideal de liberdade
Na mente do povo aflora
A vila da Parnaíba
Sai na frente e sem demora
Proclama a independência
E o Piauí comemora.

O dezenove de outubro
É marco na nossa história!
Data em que o Piauí
Traça sua trajetória
Na luta por liberdade
Banhada de sangue e glória.

Quando soube da notícia
Foi grande a irritação
Fidié deixa Oeiras
Com toda sua guarnição
Seguindo pra Parnaíba
Com armas e munição.

A dezoito de novembro
Em Parnaíba chegou
Declarou que estava nula
O que a câmara aprovou
Lealdade a D. João VI
Aquele povo implorou.

Depois da proclamação
A vila ficou vazia
Fidié chegou e viu
Que a calma ali existia
As lideranças fugiram
Com medo da tirania.

Piauienses que foram
No Ceará se esconder
Começam recrutar gente
Pra lutar e combater
A tropa do Fidié
Para a batalha vencer.

Co' a ausência de Fidié
O povo de prontidão
Percebe que chega a hora
De declarar decisão
À causa da independência
E foi esta a decisão.

Vinte e quatro de janeiro
Dia de festa e de glória
A capital da província
Fica gravada na história
Oeiras estava livre
E festejou a vitória!

Sabendo do movimento
Que ocorreu na capital,
A tropa de Fidié
Seguindo seu ritual
Prepara-se pra voltar
Com todo seu arsenal.

E assim marchou armado
Com reforço e artilharia
Da guarnição maranhense
Apoio receberia
Para retomar Oeiras
Com ódio e tirania.

Enquanto isso ocorria
Grande movimentação
Líderes independentes
Preparavam guarnição
Recrutando cearenses
Pra defender a nação.

Tentando buscar apoio
No estado do Maranhão
Leonardo Castelo Branco
Cai numa cilada, então,
Sendo rendido e depois
Colocado numa prisão.

Isto não enfraqueceu
O aguerrido brasileiro.
As tropas independentes
Em vinte de fevereiro
Tomava Campo Maior
Terra de homem guerreiro;

Chegam tropas cearenses
E maranhenses também.
Campo Maior, Valença e
Piracuruca vão além,
Recrutando o povo simples
E sem dispensar ninguém.

Capitão Luiz Rodrigues,
Já sabendo dos rumores,
Que a tropa de Fidié
Causaria seus horrores.
Com poucos soldados pede
Ajuda dos moradores.
No dia treze de março
Estão ali reunidas
Mais de duas mil pessoas
Que estavam decididas
A enfrentar Fidié
Arriscando as suas vidas.

Foi em frente à igreja
De Santo Antônio o lugar
De onde partiram prontos
Para o inimigo enfrentar
Sabendo que ninguém tinha
Um preparo militar.

Pra enfrentar o inimigo
Oe escravos e roceiros
Artesãos, comerciantes
Velho, jovem e vaqueiros
Mostrando pra Portugal
A força dos brasileiros.

Com facão, foice e machado
O nordestino enfrentou
A maior carnificina
Que a história registrou
Escrita em gotas de sangue
Que cada herói derramou.

Moradores enfrentaram
O canhão e o fuzil
O exército improvisado
Somava mais de dois mil
Numa batalha sangrenta
Para ver livre o Brasil.

Nas armas de fogo estava
A força de Fidié,
A força dos nordestinos
Era no braço e na fé
Não temendo nem a morte
Dali não “redaram” o pé.

Nove horas da mnhã
A batalha começou
E só às quartoze horas
O conflito terminou
Com mortos, presos, feridos,
A história assim registrou.

Para matar ou morrer
Enfrentaram o arsenal
Preparado muito antes
Pelo Rei de Portugal
A História aqui nos mostra
Que a luta foi desigual.

As perdas incalculáveis
Foi um severo castigo
Duzentos guerreiros mortos
Por não temer o perigo
Cerca de quinhentos homens
Presos pelo inimigo.

Feridos e revoltados
Renderam a guarnição
Destroem casa de pólvora
Levam arma e munição
Fidié enfraquecido
Desiste da marcha então.

O exército enfraquecido,
Sem arma e sem munição,
Faz Fidié desistir
E seguir pro Maranhão.
Meses depois capturado
E posto numa prisão.

Logo depois da prisão
Pra Oeiras foi levado,
Em seguida para a Bahia
E de lá foi transportado
Para o Rio de Janeiro
Pra depois ser deportado.

Batalha do Jenipapo
Trouxe uma grande lição:
Pra lutar por liberdade
Não precisa munição.
Um povo unido é quem faz
A grandeza da nação.

Uma batalha importante
De um povo resistente
Foi crucial pra se ter
A nação independente.
Um museu foi construído
Em memória ao combatente.

O que registrei em versos
Da luta de sangue e glória
São apenas fragmentos,
Parte da nossa memória
Que você deve buscar
Pesquisando nossa história.

Josefina Ferreira Gomes de Lima (2016)

MARIA LUZINETE FONTENELE (LUZINETE) é piauiense (de Piracuruca), é analista do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) no Piauí. Trabalha em Teresina, desde o ano de 1991, tem formação em Biblioteconomia. Luzinete foi professora do curso de Secretariado Executivo da Faculdade Centro de Ensino Unificado de Teresina (CEUT), por dez anos, e professora adjunto do Instituto Federal do Piauí (IFPI). É sócia da “Cordelaria Chapada do Corisco” e faz parte da diretoria da entidade. Escreveu vários cordéis dedicados à cultura popular, mas também com a temática do empreendedorismo. A cordelista Luzinete esteve na turma do 8º ano, no dia 29 de outubro de 2019, com o intuito de transmitir algumas informações pessoais, para que os alunos pudessem produzir versos cordelianos sobre suas memórias.

ENTREVISTA COM MARIA LUZINETE FONTENELE (LUZINETE)

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Luzinete, poderia nos contar como você se tornou cordelista?

Entrevistada (Luzinete): A minha relação com o cordel começou muito cedo… por volta de cinco… seis anos de idade… o meu avô, que era representante comercial… ele costumava levar na bagagem dele da cidade pro sertão onde eu nasci… e nas noites de lua, né? Às vezes, até na luz da lamparina… ele lia aqueles cordéis… ele tinha uma entonação muito bacana … ele tinha uma oralidade muito boa… e ele fazia uma leitura daqueles cordéis de tal forma que me deixa muito feliz e despertava um pensamento crítico… despertou isso muito cedo em mim… eu perguntava pra ele… por exemplo… por que as sandálias do Lampião eram quadradas e não no padrão convencional que é hoje?… e outras perguntas tais que eu lembro que as pessoas ao redor ficavam se perguntando… como era que ainda tão pequena eu já fazia pergunta que até os adultos ficavam impressionados… e quando eu ia contar para as minhas coleguinhas eu queria contar acompanhando o desenho, né? Que é a xilogravura que tinha na capa… e, às vezes, em algumas páginas, né? De dentro do cordel… e eu lembro que a minha mãe me ensinava muitas palavras… muitos termos… que eu lia no cordel, né? Fazendo com que aquilo fosse minha alfabetização… ali minha sala de aula… então, eu devo muito esse gosto pela leitura e pelo cordel ao meu avô Doquinha… meu avô paterno…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Na sua opinião, o que é preciso fazer para ser um/uma cordelista?

Entrevistada (Luzinete): O que eu preciso para ser uma boa cordelista? Eu preciso ter inspiração… preciso gostar do que faço… e saber que o cordel tem três regras que são principais… que é a oração o conteúdo… saber sobre o que eu vou escrever… saber rimar… e saber que o cordel tem uma regra básica e muito importante que é a métrica, né? Então, eu posso, por exemplo…escolher a sextilha… que é o tipo de poesia que eu mais gosto de fazer… e com ela eu narrar um assunto… eu narrar um enredo… e saber qual é a mensagem que eu quero passar pro meu leitor, né? Então, é principalmente isso…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Luzinete, poderia comentar sobre a presença da mulher na produção de cordel em Teresina?

Entrevistada (Luzinete): A literatura de cordel tem demonstrado grande participação de mulher no Brasil e em Teresina… e esse avanço e crescimento a gente tem percebido a olhos vistos… um exemplo é nossa oficina de cordel… que a gente faz aqui em Teresina… que tem possibilitado a gente conhecer quem são as cordelistas e como são feitos seus trabalhos… e isso tem sido muito bom agregar esse valor a nossa literatura, né? Porque à medida que a gente se encontra e se percebe… a gente consegue também se somar…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Qual a importância da sua produção cordeliana para incentivar o empreendedorismo da mulher na sociedade?

Entrevistada (Luzinete): Cordel e empreendedorismo… por que eu gosto de escrever sobre esse tema? Eu sou bibliotecária de formação… e tive a sorte de trabalhar no SEBRAE… uma instituição que faz fomento ao empreendedorismo… então, neste contexto eu tive a possibilidade de ler muitas obras, né? No meu acervo… no acervo do SEBRAE… sobre essa temática… e de ver acontecer muitos negócios aqui dentro… e acompanhar os meus clientes… então, eu até escrevi um cordel intitulado: mulher, o desafio de ser empreendedora… por ter conhecimento de que o Piauí é um celeiro de mulher de negócio… então, o meu desafio ao escrever esse tema é dispertar o pensamento crítico nos meus leitores… e em especial nas mulheres… para que elas possam tomarem decisões mais acertadas em seus empreendimentos…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Na sua trajetória de cordelista, quais os principais cordelistas que lhe influenciaram?

Entrevistada (Luzinete): Eu gosto e costumo ler a obra de muitos poetas cordelistas brasileiros… mas os que mais me chama atenção são os que colocam humor nas suas narrativas… eu acho que de influência eu tiro muito da obra do Ariano Suassuna… O Auto da Compadecida e A Pedra do Reino… e também gosto muito do Patativa do Assaré… inclusive, eu acabei de escrever agora um cordel intitulado “O cigano e o engano” … onde eu me assemelho muito o meu tipo de narrativa com a narrativa do Ariano Suassuna…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia citar alguns versos de cordel que marcaram sua vida?

Entrevistada (Luzinete): Ahhh são tantos versos que eu gosto de memorizar… mas tem um… A triste partida, do Patativa do Assaré… eternizada pelo Luiz Gonzaga… esse eu gosto muito de lembrar… “setembro passou, outubro e novembro… já estamos em dezembro, meu Deus, que é de nós?... assim fala o pobre do seco Nordeste, com medo da peste da fome feroz… a treze do mês fez experiência perdeu sua crença nas pedras de sal, mas noutra experiência com gosto se agarra pensando na barra do alegre natal”…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Luzinete, que relação você estabelece entre o cordel e a sua profissão?

Entrevistada (Luzinete): A minha relação com o cordel é bem estreita… é bem significativa… porque quando bibliotecária que eu sou… me possibilita essa profissão… a ter acesso a muitas fontes de informações… e daí, eu pude conhecer vários assuntos ou me aprofundar em um… e isso é muito bom pro meu crescimento enquanto cordelista…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia comentar um pouco sobre sua experiência com o cordel?

Entrevistada (Luzinete): Na minha experiência com o cordel… escrevendo eu cheguei a jogar muitas coisas fora… porque eu tive um pensamento pesado de que aquilo que eu

escrevia não servia de nada… eu escrevi e deixei de publicar muita coisa que merecia ser melhorada… apenas isso… depois eu vi… que ao final de contas… tudo era uma questão de intimidade… o cordel tem a parte técnica que é muito importante… mas ele não se limita a isso… daí, agora eu resolvi escrever e publicar… mesmo errando, acertando… eu vou publicando o que me vem à cabeça… eu sei que essa trajetória tem me dado uma certeza muito grande que eu estou no caminho certo… e eu tô muito orgulhosa do meu crescimento nessa arte…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?

Entrevistada (Luzinete): Ter participado das oficinas de cordel e ter conhecido trabalho de muitos outros poetas que estão fases iguais a minha… de crescimento ou de melhoria do processo produtivo… me ajudou muito no meu crescimento… eu produzi bastante… e os meus títulos mais recentes fora… O amor quando amanhece não envelhece, amadurece… Mulher, o desafio de ser empreendedora… Provérbios uma cultura popular… Sobre equidade de gênio e o engano do cigano…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Luzinete, o que você tem a nos dizer sobre a produção do cordel? Exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?

Entrevistada (Luzinete): E sobre o que é preciso pra escrever um cordel… é preciso vocação, sim… mas existe as técnicas… e essas você pode aprender… e depois se apaixonar… como minha colega Angelita Fontenele e se torna uma cordelista de sucesso… e falar sobre cordel em Teresina… é muito fácil… porque a gente tem visto o crescimento a olhos vistos… tanto no número de poetas que tem se mostrado… quanto na qualidade da produção de suas obras…

Mulher: o desafio de ser empreendedora

Precisou entendimento
Pra conhecer a história
De como a mulher cresceu
E se fez vista, notória
Uma tragédia se deu
Para ficar na memória

Em Nova York, o fato
Espantou a humanidade
Quando mais de cem donzelas
Sofreram atrocidade
Por buscarem segurança

Trabalho e moralidade

Também homem foi pra guerra
Deixando filhos sem chão
E, para não passar fome,
Mulher com motivação
Pensou no que o filho come
Também na educação

Não foi da noite pro dia
Foi com muita embromação
Porta fechava sem jeito
E travava a formação
Mulher ficou sem direito
Pois lhe faltou a ação

Por isso, caro leitor
Escrevi nesse cordel
Para que leia, reflita
Coloque até no papel
Uma pista, aqui bem dita
Desse mercado cruel

Pra garantir seu lugar
Junto às empreendedoras
Juntei e envio as dicas
Que as farão vencedoras
Não sei se ficarão ricas
Ou só observadoras

São dez características
De bom empreendedor
Buscar oportunidade
É um bom indicador
O produto é novidade
Ou, no caso, inovador

O sucesso do negócio
Está em sua sapiência
Não tendo medo do risco
É preciso persistência
E faça sempre um “rabisco”

Garantindo eficiência

Correr risco calculado
E metas para atender
Não esqueça a validade
Se o produto vencer
Mostrando maturidade
E sutileza ao vender

Se quiser permanecer
Tenha comprometimento
Procure informações
Reveja o planejamento
Elabore cada ação
Não caia no julgamento

Sempre acreditar nas metas
Arrojar, não esquecer
A curto, ou a longo prazo
Delinear, precaver
Pra cliente, sem atraso
Bem feliz permanecer

Boa rede de contatos
Característica a lembrar
Encontrar fornecedores
E saber como chegar
Trazer pra quem empreende
O caminho pra traçar

Um outro ponto importante
É saber persuadir
Impondo mais confiança
Relação que vai surgir
Criando uma liderança
Para o negócio emergir

O fator independência
É porta para o acesso
Busca por autonomia
Indicação de progresso
Empresário se apropria

Toma posse do sucesso

Pro negócio prosperar
O bom empreendedor
Conhece fluxo de caixa
E entrada de valor
Precisa saber dar baixa
Retorno que vai dispor

Mercado é o ponto forte
Merece observação
Comércio é uma tática
E também a promoção
Exemplos de boa prática
Que merecem atenção

Grande sacada é o marketing
Apostar na propaganda
Sendo a alma do negócio
Ela aumenta a demanda
Reduz custo beneficio
E o negócio não desanda

Pro negócio ganhar rumo
E você não ver tropeço
Agregue no seu produto
Mais valor que só o preço
Importante não é lucro
Mas, do cliente, o apreço

Lembre da inovação
Nunca caia na rotina
Buscando a informação
Sempre com adrenalina
De ter o melhor na mão
Nem que vá buscar na China

Se você seguir as dicas
Dessa colaboração
Poderá não ser mais uma
Perdida na multidão
Terá oportunidade

Pra ver outra direção

Piauí é um celeiro
Muita mulher de negócio
No campo ou na cidade
Não importa se tem sócio
Todas têm capacidade
E sabem sair do ócio

Faça parte do jardim
Seja a mais bela rosa
Levante esse nosso Estado
Demonstre-se talentosa
Um perfume no mercado
Com inspiração honrosa

Maria Luzinete Fontenele (2019)

MARINA CAMPELO – Marina Gomes Campelo nasceu em Pedro II (PI), em 22 de outubro de 1958. Filha de José Gomes Filho, agropecuarista e ex-vereador (in memoriam) e Filomena Gomes Campelo – costureira e dona de casa aposentada. A poetisa é cordelista e haicaísta e está presente neste cenário desde os anos 70, quando já publicava em revistas da capital Teresina. É contista, cronista e professora de Língua Portuguesa do estado do Piauí, onde tem realizado ações com projetos literários. Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí e pós-graduada em Literatura pela mesma Universidade. Tem participação ativa como ministrante de oficinas de cordel, workshops e palestras. Obras publicadas em cordel: Memórias de minha infância, Lendas de Teresina, Chico Mendes, o defensor da natureza, O finado Pau-de-Lenha, entre outros. Marina Campelo trabalha com memórias, destacando-se como mulher ativista quanto à cultura popular, além de ser membro da diretoria da COCHACOR.

ENTREVISTA COM MARIA GOMES CAMPELO (MARINA CAMPELO)

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Marina Campelo, poderia nos contar como você se tornou cordelista?

Entrevistada (Marina): Primeiro, quando eu comecei a escrever cordel... eu baseei me na minha origens que é o cordel de Pedro II, Piauí... aquelas histórias da infância que a gente ouve... e acaba internalizando bem... e motivando pra... contar histórias... então, quando eu resolvi escrever... minha história de éh: de vida de criança... foi... resolvi fazer com o cordel e trabalhar dentro do espaço memória... fui muito feliz... com isso... tenho esse livro Santos do Gomes... memórias da minha infância... esse... é história da minha vida... quando crianças... depois escrevi sobre as lendas de Teresina... escrevi em cordel... também gosto muito desse meu livro...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Marina, poderia comentar qual é a importância do cordel na sua vida e na cultura de Teresina?

Entrevistada (Marina): O cordel tem uma importância muito grande na minha vida, assim como no espaço de Teresina, como eu já citei que eu escrevi as lendas em cordel, então, eu considero de fundamental importância... até porque eu tô dentro do cenário... eu estou dentro do cenário cultural de Teresina... como incentivadora, né? Como fomentadora da cultura...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Na sua trajetória de cordelista, Marina, quais foram as/os principais cordelistas que lhe influenciaram?

Entrevistada (Marina): A minha trajetória como cordelista... éh: foi influenciada por muitos cordelistas também... como Joames, que é meu conterrâneo... o Raimundo Clementino Neto... como Patativa do Assaré... como Leandro Gomes de Campos... então, toda essa... esses cordelistas me influenciaram... o seu bom cordel... e é neles que eu tento me basear quando escrevo meus cordéis, né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Marina, que relação você estabelece entre o cordel e a sua profissão?

Entrevistada (Marina): O cordel e minha profissão... a relação que eu estabeleço entre o cordel e a minha profissão... é também de fundamental importância visto que eu, como professora... posso ensiná-los, né? Usando algumas técnicas simples em oficinas...e por eu ser cordelistas isso já facilita bastante, né?

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?

Entrevistada (Marina): Atualmente eu continuo produzindo cordel... acabei de publicar um livro com os ditados populares... as citações... provérbios... vinte e oito estrofes... foi publicado pela Cordelaria Chapada do Corisco... da qual eu faço parte... e outros temas também... eu agora estou escrevendo um cordel (chamo) Piauí... né?... É uma descrição totalmente histórica, né? Fundamental... fundamentada toda na história do Piauí... estou escrevendo também... conversa de terreiro... que é outro cordel onde eu faço um resgate das memórias... das conversas que eram dos ferreiros de antigamente... entre outros...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar o que é escrever cordel? O cordel exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?

Entrevistada (Marina): Escrever cordel exige técnica, sim... muito... o cordel é muito exigente... dentro da rima... da métrica e da oração... então, escrever cordel... acaba aprimorando você como poeta pela exigência que o mesmo tem... então... é necessário que se conheça as técnicas... exigidas pelo cordel, né?

Vestidinho de Filó

Filomena é u'a menina
Linda como ela só!
Pra completar a beleza
Tem vestido de filó
Que ganhou num dia mágico
Da sua querida avó.

Para cima e para baixo
Vive assim a desfilar
Com o belo vestidinho
Branquinho da cor do ar
Leva flores pra vovó
Para também agradar.

A vovó já bem velhinha
Na mente fez confusão:
"O vestido de Filó
Não será de algodão?
Pois Filó é minha neta
Não pode ser roupa, não!"

E avó começa a rir
Da confusão que ela fez

De repente bem se lembra
Do dia que “Era uma vez
Que apelidou a netinha
De Filó,
Que insensatez!”

Filó com seu vestidinho
Ao lado da vovó moca
Fazia um funil com as mãos
E esse levava à boca
Falando bem alto: “Vó,
A senhora ficou *broca?”

As duas se divertiam
Com a confusão da avó
Que não sabia separar
O vestido de filó
Da netinha Filomena
Que era o maior xodó.

Marina Campelo (2019)

PEDRO MENDES RIBEIRO - nasceu no povoado Baixão dos Ribeiros, município de Teresina, hoje Monsenhor Gil (PI), no dia 29 de junho de 1931. Filho de Manoel Ribeiro Soares e Filomena Mendes Ribeiro. Professor universitário, formado em Filosofia, político, estatístico, jornalista, cronista, radialista e poeta. Pedro Ribeiro recebeu, pelo trabalho realizado em prol da cultura piauiense, as seguintes condecorações: "Medalha do Mérito Policial Militar", concedida pela Polícia Militar do Piauí; "Diploma do Mérito no Grau de Colaborador", concedido pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social" e "Medalha do Mérito Cultural Da Costa e Silva", concedida pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí. Em agosto de 1971, realizou o I Festival de Violeiros do Norte e Nordeste, com grande sucesso; evento que vem se sucedendo a cada ano. Em 1977 fundou a Associação dos Violeiros e Poetas Populares do Piauí, entidade que congrega a maioria dos profissionais da viola no Piauí. Autor de várias obras consagradas, entre elas: "Segredos do Repente", "Casa do Cantador", Mané Xudu, o imortal do repente"; "Bodas de Prata no Repente" e "Nos Caminhos do Repente".

ENTREVISTA COM PEDRO MENDES RIBEIRO

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Pedro Mendes Ribeiro, poderia nos contar onde e quando nasceu?

Entrevistado (Pedro Mendes): Eu, graças a Deus... nasci no dia vinte e nove de julho de mil novecentos e trinta e um... [inaudível] eu nasci... cresci e estou vivo... (vendo) cordel... fazendo cordel... apreciando cordel... transmitindo cordel... por que é a maior cultura na face da terra... estou falando [inaudível]...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Ribeiro, o senhor poderia comentar um pouco sobre a sua infância e juventude. Desse tempo, do que sente saudades?

Entrevistado (Pedro Mendes): A coisa que mais me encantou na vida foi o dever e o direito de ajudar... como nasci e morava numa comunidade de interior... [inaudível] eu visitava aquele pessoal doente... eu levava comida pra quem não tinha o que comer... eu aprendia com os mais velhos as noções de vida... de dever... de felicidade... de seriedade e de (serviço)... porque quem desconhecer essas virtudes da vida... pode se conscientizar que não vive... (passa) pelo mundo... e passar pelo mundo é o maior dos pecados que cada um pode cometer... [início inaudível] Certa vez, discordei lá dos conceitos de uma irmã que tava dando uma aula de religião... e fui chamado pelo então arcebispo de Teresina... Antônio Severino Vieira de Melo... conversei com ele durante uma manhã completa... ele ficou entusiasmado e disse... [inaudível]

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar sobre o seu tempo de escola?

Entrevistado (Pedro Mendes): Sou formado em filosofia... mas o cordel é a maior expressão de cultura [...]... por quê? Porque tudo o que é escrito em cordel... é entendido e compreendido numa rapidez tremenda... tanto pelo mais sábio dos homens quanto pelo mais analfabeto deles... é a única cultura que não precisa professor para ensinar... não precisa professor para analisar o que está sendo dito... porque o cordel já diz numa linguagem que cada um sabe... cada um entende... cada um pratica... cada um vive... cada um realiza... cada um conversa... cada um mostra que essa é a grande realidade [...]... não estou aqui dizendo bobagem... eu para responder uma pergunta que fiz... “será que a gente podia levar o cordel e colocar na cabeça de uma criança?” Veja a pergunta.. eu ficava impressionado para ver um cantador analfabeto... cantando para um homem formado... a noite inteira... e ele fazendo estrofes e mais estrofes... [inaudível] assisti muitas cantorias de analfabetos com doutores... e me impressionou o que os analfabetos diziam... por que isso... qual é a importância do cordel, que ele é capaz de ser compreendido por um papa, qual é um dos homens sabidos... e pelo analfabeto... daí, eu me interessei e lancei em Teresina o projeto Cordel nas escolas...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Desde quando o senhor mora em Teresina?

Entrevistado (Pedro Mendes): Em Teresina eu/ eu comecei a morar em Teresina... [inaudível] o ano... mas a professora pode calcular depois pra vocês... eu tenho oitenta e oito anos... (e vim estudar em Teresina meninozinho...) talvez tivesse de sete pra oito anos... [inaudível]

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Ribeiro, o senhor poderia nos dizer como iniciou o seu gosto pelo cordel?

Entrevistado (Pedro Mendes): [...] iniciado o meu gosto pelo cordel no dia em que nasci... eu nasci no [...]... no dia vinte e nove de julho de mil novecentos e trinta e um... mais ou menos às 18 horas... quando meu pai estava acendendo a fogueira e o violeiro afinando a viola... aí, nasceu Pedro Mendes Ribeiro...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos revelar que obra, ou versos, ou autores que mais marcaram a sua vida? Por quê?

Entrevistado (Pedro Mendes): Olha... na minha vida... tem muita gente... não só autores... primeiro meu pai... um homem que não tinha [...] das universidades... mas era um grande líder... tanto que foi ele... o único brasileiro que recebeu os revoltosos de mil novecentos trinta... mais ou menos... e os hospedou em sua casa... a gente foi se esconder em cima da serra... [inaudível] ele foi o comandante da tropa... [inaudível] "comandante... por que que o senhor não tá em cima da serra como os outros?" Ele respondeu... "eu só saio da minha casa quando eu quero... e eu não estou querendo sair... [inaudível] mas você tá convidado a desmontar... entrar e sentar..." nessa conversa toda... [...] foi muito simples... terminaram todos almoçando na casa do meu pai... [inaudível] mas não levaram um centavo... nada... coisa nenhuma... por quê? A verdade quando ela é bem vivida... ela se transforma em uma defesa imensurável... seja daqui pra frente... se nós tiver sido daqui pra trás... um jovem sério... brinque quando for necessário brincar... respeite a todos que tiverem mais idade do que a sua...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Sabe-se que o senhor resgatou o cordel em Teresina. Como foi isso?

Entrevistado (Pedro Mendes): Esse resgate tá baseado em uma coisa importante que eu aprendi conversando com os velhos... tudo que eu fiz... eu fiz nos fundamentos essenciais da fé... o que que é a fé? A fé é a sua credibilidade... é a sua aceitação que você tem... [inaudível] é acreditar nos conceitos... vivê-los acima de tudo... porque você vivendo... você cresce... você crescendo... você cresce os outros... cada um de nós é como uma árvore... produz frutos e produz sombra... [inaudível] e tudo isso é fundamental... [inaudível] eu comecei em mil novecentos e setenta e um... eu fiz o primeiro festival de violeiro do [...]... em Teresina... porque a cultura do cordel havia desaparecido em Teresina... desaparecido no resto do Brasil e no mundo há tempos que está extinto...

Que sejas feliz

O dia amanheceu mais lindo,
Os amigos festejando,
Na terra e no céu há festa,
João aniversariando
E o relógio do tempo
Sua data vai marcando.

Uma alegria profunda
Nos deixa muito contente,
Orações, preces e pedidos
A Deus, Pai Onipotente,
Para alongar os seus anos,
É esse o nosso presente.

Sua vida é preciosa,
Cheia de muita bonança,
Os tempos de Uiraúna
Voltam à sua lembrança
Nos lábios do Piauí
Mensagem de esperança.

Deus lhe cubra de saúde,
Paz, amor e alegria,
Cada minuto de vida,
Cada jornada do dia,
Seja tudo iluminado
Na proteção de Maria.

Sua vida é de trabalho,
Mas o trabalho é de luz,
Toda a sua inspiração
Nasce nos braços da cruz,
Cada obra que constrói
Tem proteção de Jesus.

Claudino não vive só,
Sua marcha é de união,
Pois o progresso que faz
É sempre partindo o pão
E cada empregado seu

É tratado como irmão.

Neste dia hilariante,
De paz e prosperidade,
Vamos fazer uma prece
Pedindo ao Pai de Bondade
Que reserve a João Claudino
Eterna felicidade.

Em sua casa cantou-se
Hino santo de louvor,
A natureza enfeitou-se
Desabrochando uma flor
E nós lhe ofertamos
Um mundo cheio de amor.

Pedro Mendes Ribeiro (2016)

RAIMUNDO CLEMENTINO NETO - Raimundo Clementino Neto nasceu em Bocaina (PI), no dia 17 de setembro de 1959. Ainda adolescente foi morar em São Paulo, onde formou-se em Engenharia. Após 15 anos, voltou ao Piauí e montou a Gráfica Rima. Ex-bancário, formado em Engenharia Elétrica, pós-graduado em Engenharia de Controle de Poluição, professor de rede estadual de ensino e empresário gráfico. É autor do livro "Futebol e Vida - Qualquer semelhança é mera coincidência". Segue escrevendo seus folhetos como passatempo e lazer. Publicou dezenas de folhetos de cordel, inclusive dois que foram vencedores de concursos instituídos pela Casa do Cantador, em Teresina. Editou os livros "O Famoso Martim-tim" (infantil), "Ditames Divinais", (de bolso), "Mãe! Eternamente Mãe..." (poesias), "Doce de Palavras", (poesias) e "Protótipos de Redação com Métrica, Rima e Inspiração" (prosa e versos. O cordelista esteve na turma do 8º ano, no dia 9 de agosto de 2019.

ENTREVISTA COM RAIMUNDO CLEMENTINO NETO

Por Angelita Cunha e Eliane Testa

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo Clementino, onde o senhor nasceu?

Entrevistado (Raimundo Clementino): certo… eu sou do Piauí… eu nasci na cidade de Boicana… só quando eu nasci não era cidade… lá era uma vila Picos... quando eu fui tirar os documentos com quatorze anos… aí fui tirar tudo como Boicana… então eu nasci no ano em que a cidade não existia… aí eu sou natural da cidade que não existia… hoje ela existe… tá até ameaçada de sumir no mapa... burocraticamente nos documentos eu sou de Boicana… eu nasci em cinquenta e nove… ela não era cidade... ela era uma vila de Picos… quando eu fui tirar os documentos que era eu mesmo que tirava… a gente que tirava lá… aí ela era cidade já… então nasci na cidade de Boicana… aí...

Entrevistadora (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo, poderia nos contar como foi sua infância e adolescência?

Entrevistado (Raimundo Clementino): não sei… o destino foi muito… muito gentil… porque até os treze quatorze ano eu vivi lá… na cidade natal... então eu tinha… contato direto com a natureza… com aquela grandiosidade… então a gente trabalhava na roça… a gente ajudava ((inaudível))… isso… isso ainda muito criança… o tanger boi e engenho era serviço de menino pequeno… (engenho de pau a gente montava)... ajudava em moagem em desmanche… num tinha sossego… era trabalhando direto… aí eu fui um dos primeiros assim… a ter a oportunidade de sair pra estudar… saí assim frequentar a escola quando aparecia um professor particular… num mês aí ele ia embora… até chegar na cidade da Bocaina tinha escola da prefeitura… na sede do município… aí eu comecei estudando por ali… mas morando nesse fim de mundo… e fazendo todos os serviços da roça… serviço pesado né? enfrentando gado… cobra que tinha muito lá… medo… correndo atrás de gado… tirando ((inaudível)) d'água… sabe? então isso aí… o que foi mais importante nisso…

Entrevistadora (Angelita Cunha e Eliane Testa): Desde quando o senhor mora em Teresina?

Entrevistado (Raimundo Clementino): eu saí de Picos fui para São Paulo… fiquei quinze anos… eu posso dividir em quinze e quinze… um arroba… meus primeiros quinze anos foi no sertão… naquela luta braba… na enxada… com quinze fui pra São Paulo… foi em setenta e cinco… aí foi mais quinze… aí com noventa… aí em mil novecentos e noventa… quinze em São Paulo e quinze aqui… aí eu voltei… aí eu fiquei quinze aqui em Teresina… aí esses quinze já passou outros quinze… agora vai fazer trinta ano…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo, poderia nos dizer como foi que iniciou o seu gosto pelo cordel?

Entrevistado (Raimundo Clementino): é porque tinha a diversão do pessoal… que era… através da canturia… através do reisado… e aí isso sempre tinha… reza também tinha muito… ((inaudível))... isso sempre tinha lá… eh era feito pelos homem… os homem grande… e os minino pequeno eles brincavam muito feriado… domingo… quando pudia… aí a gente imitava os grande… fazia o reisado só com os mininos… aí eu botava dois lá na ((inaudível)) pra cantar… a gente cantava… então aí foi onde começou… assim… o primeiro… o primeiro contato… a primeira… embora que eu nem quisesse mas esse negócio de fazer o reisado com os mininus… eu comecei a… a mexer com isso… com o cordel... e uma estrofe do reisado que eu aprendi com homem grande lá do careta... eu cantava… construindo ((inaudível)) um modelo pra eu começar a escrever… e eu ainda hoje eu uso essa mesma estrofe… sim… o careta… ele ia cantar na (toalha) da burrinha… né? aí ele cantou… eu era muito criança… logicamente eu não ia decorar nem nada… mas depois quando a gente ia apanhar algodão… sei lá… fazer um serviço mais leve… catar arroz panhar algodão… você vai cantando assobiando… então o pessoal decorava… os mais véi decorava… e ficava conhecido no reisado… aí vendo alguém falar essa estrofe… eu aprendi essa estrofe é mais ou menos assim apresentando a burrinha… pro meu amo… o dono da casa… o careta falava assim… “o meu amo se a burra… que o careta me informou… toda enfeitada de fita com a toalha de flor… é um encanto de beleza que vem lá de fortaleza só visitar o sinhor…” ainda hoje eu uso essa estrofe… pra… pra… pra medir as sílabas… aí o processo foi evoluindo… hoje eu num conto… nunca gostei de contar as sílabas… hoje eu metrifico mais por substituição... quando força ou quando demora… aí eu troco uma palavra duas sílabas por de três pra ver o que acontece… ao invés de ficar contando no dedo… no lápis… dá certo não…

Entrevistadora (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar por que escreveu O Pequeno Príncipe em Cordel?

Entrevistadora (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar, por que escreveu O Pequeno Príncipe em Cordel?

Entrevistado (Raimundo Clementino): quem escreveu foi o francês… eu entrei no meio [mas em cordel foi você que escreveu… porque escreveu? foi a adaptação… [assim… quando eu cheguei em São Paulo[quando eu cheguei lá e me afastei do pessoal do nordeste… aí no Banespo… uma moça que trabalhava comigo ((inaudível)) “se você ler esse livro aqui… você vai gostar”... aí era O Pequeno Príncipe… aí ela falou se você lê você vai gostar… por que? “nam num sei… seu jeito...”... aí eu num entendi muito bem… e aí eu comecei a me vestir de personagem né… do garoto… do príncipe… sabe? longe do planeta… meu planeta era meu sertão em que nasci… então aquilo marcou muito… aí eu li tudo… depois eu comentando ((inaudível)) aprofundei mais os estudos… e o pequeno príncipe sempre citado… sempre em evidência… quando foi em dois mil e dezesseis… aí ele caiu em domínio público… não que eu tivesse contando… nesse intervalo aí... nesse intervalo aí… aqui no Piauí… morando aqui… eu tinha lido ele novamente… mas aquela sensação de príncipe lá… de garoto que eu era… nessa segunda vez que eu li não consegui

mais encontrar… eu já me vi dentro do livro mas como piloto do que como príncipe… aí eu li… aí tipo em dois mil e dezesseis...completou lá setenta anos de publicação… coisa desse tipo… o autor morreu… alguma coisa assim… setenta ano… caiu em domínio público… quando caiu em domínio público… por ele ser muito citado… famoso e tal… aí as editoras começaram a lançar… reeditar… e eu fui convidado pelo Leonardo… ele é ((inaudível)) naquela bagunça lá… ele falou “oh vou precisar do pequeno príncipe adaptado em cordel ((inaudível))... fez as camisetas… “vou trabalhar essa obra e tal”... “aí é pra você fazer” é… aí eu disse “não… não tenho condições de fazer… até porque o ((inaudível)) começa no final da semana… só tem cinco dia…” aí ele falou assim “você conhece a obra num conhece”... “conheço”... “você já leu?” “já”... ele disse “pois então tá bom… eu vou embora você disse que conhece… então eu também lhe conheço… e daqui cinco dia eu quero pra começar o serviço… se não tiver impresso caça um lugar aí e imprime… chega no meio do ((inaudível))”... aí nesse dia pronto… não dormi mais… aí mexe aqui tal… aí comecei a fazer e tal… e no outro dia… com dois dias ou três trouxe o rascunho[

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo, qual é o seu tema preferido para criar cordéis?

Entrevistado (Raimundo Clementino): seria de vida… tanto que já escrevi… só tenho um livro que me dar passaporte pra outro mundo… tranquilo que é o futebol… esses outros aí… esse da mãe que fiz agora… pra mim eles estão muito atrás… o de futebol

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor poderia comentar sobre as suas participações nas Bienais do Livro no Brasil?

Entrevistado (Raimundo Clementino): [acaba O pequeno príncipe… em Fortaleza não porque a segunda edição dele… adaptada foi feito em Fortaleza… aí o editor… ele tem um monte lá… aí na bienal do Ceará ele tem muito rendagem também... mas aí... ele tem um estoque grande… agora em São Paulo… o Ceará vai arruma um espaço… aí vende os dele tudo… aí eu chego lá com os meus… aí boto lá… aí quando acaba os dele ele vende o meu… aí sempre acaba… nunca deu em São Paulo… aí até pretendia ir nesses lugares aí… Rio de Janeiro… pra ver também… mas sozim a gente não vai...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Clementino, além de produzir cordel, você gosta de ensinar a compor cordéis. Como você faz para ensinar a literatura de cordel?

Entrevistado (Raimundo Clementino): é… eu num sei… eu acho uma coisa tão simples… que às vezes eu fico me perguntando por que que todo mundo me (percebe)... num sei… as minhas coisas… eu vou morrer sem conseguir (optar por nada… tudo é o destino)... quando eu estava estudando professor… particular lá no fim do mundo… que era da palmatória… ((inaudível))... aí eles fazia muito de pegar o quadro que tinha no livro… um resumo… chamado de vocabulário… um negócio assim… botava pra gente decorar… “oh você vai decorar isso aqui… quando for meio dia você vem e diz a lição sem óia”... era coisa pequena… eu acho que isso aí talvez… foi abrindo… aberto sei lá… a mente para essas coisas entrar… porque aí… eu acabei memorizando com mais facilidade tá certo?

e a questão da métrica… você mesmo sem cantar nada… sem entender nada de tom você percebe que entrou forçando… rasgando… você percebe que aquilo não deu… aí você percebendo isso… aí você vai lá e substitui e pronto… agora o livro… não ensina desse jeito… o livro manda você corta com lápis e contar… parece uma conferência… hora de produzir… sabe? no hora eu até pensei em uma coisa mais… mais dinâmica... [considerando o cordel… o quê que a regra diz? se tiver duas vogal átonas… pega e junta… então a regra diz isso… mas isso é o que geralmente a gente fala… a gente não vai falar (uma)... aí quando tem uma átona… aí já não deve fazer a junção… mas isso aí é o que se fala…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia comentar sobre o processo de produção de um cordel.

Entrevistado (Raimundo Clementino): pois é… o que que você tem que fazer? pega a regra e junta… e abre… de acordo com o que se fala… a gente (fala) que quem fez a oficina ele saí metrificando em qualquer idioma… porque a gente trabalha mais o fonema do que palavra… agora fonema num é dada atenção… eu nunca entendi fonema - - nos cursos que eu andei por aí… nunca entendi fonema… agora na métrica é o que você acaba sabe? pega uma sílaba sei lá… (referência tira o i bota o h) fica referência ((inaudível)) e às vezes a gente dependendo da pronúncia você tem que abrir como lha… muitas vezes juntar… como ditongo… a mesma palavra pra completar a métrica… por isso que escrevo ((inaudível)) você pode fazer as duas coisas… agora o que a regra manda fazer é o seguinte… duas vogais átonas… pega e junta e fica uma só… duas vogais átonas… isso de contar com os dedos e lápis é muito demorado… desestimula muito…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo, especialmente, acerca da contribuição de Pedro Costa para o cordel em Teresina, o que o senhor pode nos informar?

Entrevistado (Raimundo Clementino): o Pedro… eu conheci o Pedro antes de começar a escrever mesmo… (até imitava) né? aí o Pedro… logo que ele começou a escrever… ele largou tudo… então ele dedicou ((inaudível)) então é uma pessoa que teve bastante movimento… né? ia num lugar… ia noutro… vai e volta amanhã… ele num tinha esse negócio de trabalho de entrar num sei que horas e sair num sei que horas… aí ele fez muito isso… ia mexer ((inaudível)) aí ele falava pra mim “rapaz eu… eu trabalhei num caminhão… eu vendia picolé… até que um dia eu tava vendendo picolé…” aí ele disse num sei o que lá… em um grupo de teatro… aí começaram a perguntar se eu fazia e tal… aí aquilo foi um toque… aí eu comecei a escrever aí veio outras coisas[é ele fazia tudo… ele chegou no cordel… aí ele disse assim “bom… aqui agora tudo que é possível vou fazer”... então ele fez tudo que era possível… não vou questionar aqui a qualidade dessas coisas… ele era repentista… mas ((inaudível)) mais… ele botava a viola e ia desafiando cantador… e num enganchava estrofe não… ((inaudível)) os cordel ele sempre procurava mostrava como era que tava… num sei o que e tudo… era muito criativo… mas ele não tinha muita paciência… assim pra metrificar... é porque ele vivia só disso mesmo… e cada evento daquele… ia acabar rendendo alguma coisa… [financeira também… ele só vivia

daquilo [o sustento[[ele se sustentava através da [ele fazia um evento… sempre sobrava uma coisa né? [é de carreira… ele ia atrás de projeto… projeto cordel nas escolas… ele trabalhou com [

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): O senhor poderia comentar sobre o repente e o cordel em Teresina, especialmente sobre a condução da Diretoria da Associação dos Poetas e dos Violeiros nos últimos tempos?

Entrevistado (Raimundo Clementino): a associação ela trabalha... embora não queira/ não assuma isso... ela trabalha cem por cento pra violeiro... cordelista lá não tem... ohh:: eles tem recursos que dá pra fazer alguma coisa... mas nunca fizeram... nunca foi feito nada... em mil novecentos e noventa e três apareceu lá um diretor... eles fizeram lá uma eleição não sei o quê... apareceu uma pessoa lá... que era presidente... não sei o quê... diretor de cultura... não sei o quê... é até gringo... Hector não sei o quê lá... aí o Hector... não sei se pagou do bolso dele... promoveu lá um concurso de cordel... né? em pleno festival de violeiro... aí mandaram a história pra lá e tudo... aí eu fiz um cordel... em noventa e três... aí foi eleito... né? ganhou em primeiro lugar... aí tinha uma premiação lá... no valor dos cachê lá dos ‘cantador’.. era cento e cinquenta reais no tempo... e também a casa do cantador ia imprimir um milheiro... aí recebi o cachê e o milheiro nunca foi impresso... quando foi no ano seguinte ele promoveu de novo... né? esse primeiro que eu ganhei... tinha o nome de... o cordel... a casa do cantador e sua função social... no segundo ano eles promoveram um com o título... o nordeste terra de violeiros... em noventa e quatro... aí eu consegui também... não é que eu seja essas coisas... é que pouca gente participou... aí a premiação era a mesma... um cachêzinho lá... do tanto dos cantador lá... e a impressão de mil folhetos... só que os folhetos nunca foram impressos... e o cachêzinho eu recebi lá... assinei os papéis e ficou por isso... então tudo o que ela faz.. a casa do cantador e direcionado aos violeiros exclusivos... o cordel... nada... tá certo? então se for... falando da associação... nada... agora o que eu percebi aqui é que tinha um monte de gente produzindo... através da gráfica ((inaudível))... e aí não sabia o que fazer com aquilo... sei lá... não tinha quem estimulasse... porque o (Pedro) tinha muito interesse nas coisas dele... o (Pedro) conversava com todo mundo... mas ele se identifica muito... em quem podia patrocinar alguma coisa... ajudar... esse pessoal que ficava escrevendo... não... né? nem tanto... então o pessoal as vezes escrevia e nem sabia o que fazer com aqui... é mais ou menos os ((inaudível)) que nem o carro... você vai chegando de carro no interior... né? devagarzinho... pra enxergar os buracos... (na roça...) aí o cachorro tá lá e levanta e sai latindo... corre pra perto do carro... o carro em chegando e o cachorro vai latindo... quando você chega que para o carro... aí parou o carro... aí o cachorro que tava latindo não sabe mais o que fazer... então aqui existia muito desse tipo de gente... poeta... que escrevia e não sabia o que fazer.... aí eu mesmo fui um... eu não sabia pra quê... pra quê que eu ia escrever cordel... totalmente desmotivado... aí... daí... veio aquela história de fazer jornalzinho... “bom... eu vou fazer... mas aí eu faço um jornalzinho... a cada dois meses eu faço um... eu já tenho um público que era o (BANESPA) que começou lá dentro... aí vai quando eu sair do (BANESPA) eu vou sair com um jornalzinho... ((inaudível)) e alguém que interessava lá dentro... né? e

muita gente não se atentou nem pra esse jornalzinho... eu tinha facilidade de impressão... então comecei fazendo ele... e hoje tá no cento e sessenta e três.. que é o que eu tô fazendo... então são cento e sessenta e três... ((inaudível)) mas muita gente fazia e tentava parado naquilo... depois eu comecei sentir a necessidade de interagir... porque São Paulo... quando eu imprimi meu primeiro folheto... quando eu... quando Franklin Machado um poeta famoso... ((inaudível)) ele foi fazer uma apresentação na faculdade que eu estudava... aí quando eu vi aquele monte de cordel lá e aquele maluco lá no meio.. eu disso "olha... eu tenho um pra fazer e quero saber se você faz também..." ele disse "faço... eu só tenho que ver primeiro pra mim saber... aí eu faço..." aí assim eu fiz o primeiro... ((inaudível)) aí eu senti essa necessidade... né? de interagir... ((inaudível)) só violeiro... não dá atenção pra você... não faz diálogo... não tem nada... e o Pedro ((inaudível)) mais interessante nas coisas dele e aí... o quê que aconteceu....

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar um pouco sobre a fundação da Cordelaria Chapada do Corisco – COCHACOR (Teresina-PI).

Entrevistado (Raimundo Clementino) : eu comecei antes da (cordelaria) um ano antes... fazer oficina aqui no Leonardo... e arrumei o espaço com ele e tal... aí a associação de ((inaudível))... eu pedi pra eles o CNPJ pra mim colocar no certificado o nome... e o CNPJ pra algum eventual quando precisasse... aí deu certo... aí eu fiz a primeira... fizemos a segunda... e tudo... aí no ano seguinte que foi dois mil e dezenove... aí o (Joanes) inventou a cordelaria... eu mesmo não ia inventar a cordelaria não... e tomara que ele fique lá... porque ele me botou como vice... mas eu não pretendo assumir aquilo lá não.... agora eu sinto muita falta da oficina... eu sinto muita falta do espetáculo musical... bom... aí... a cordelaria... tudo bem... tá num patamar aí... mas a oficina... ela pegou... [eu acho a oficina mais importante... porque a oficina... ela começou a levar esse monte de gente que tá produzindo aí pra/ pra imprimir... pra interagir com os outros através da cordelaria...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo, que avaliação o senhor faz do Projeto Lei Maria da Penha em Cordel, desenvolvido nas escolas de Teresina - PI, com a presença do cordelista Tião Simpatia?

Entrevistado (Raimundo Clementino): olha... nota dez... nota dez pro Tião... nota dez pra trazerem ele de fora porque ele é realmente competente... se a gente tivesse ilustrador aqui e músico... não precisava trazer o Tião... né? só que a gente não tem... então 'vamos ficar na deficiência? então o Tião foi se apresentar em Pernambuco... Recife...((inaudível)) e aí tinha um pessoal da prefeitura de Teresina lá nesse encontro... e aí pra lá conheceram o Tião... assim ele me contou... né? e aí perguntaram e tal... se ele fazia... como era que fazia e tudo... aí deram os contatos e tudo... e aí tá com seis anos que ele trabalha cordel nas escolas aqui e eu acho que pagam bem... porque ele vem de avião ((inaudível))

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo, o senhor poderia falar sobre a Academia Piauiense de Literatura de Cordel?

Entrevistado (Raimundo Clementino): o que existe mesmo é a academia brasileira de

literatura de cordel com sede no Rio de Janeiro… presidida por Gonçalo Ferreira o que existe mesmo é a academia brasileira de literatura de cordel com sede no Rio de Janeiro… presidida por Gonçalo Ferreira ((inaudível)) então em função dessa academia brasileira… presidida por Gonçalo… poeira antigo do Ceará… em função dessa brasileira… aí as pessoas que nem o Pedro… ele fazia tudo… nem sei se tem em outros estados… ele foi lá no Gonçalo pleitear cadeira na academia… aí Gonçalo disse que precisa disso… disso… e tal… e Pedro era membro da academia brasileira de [então mesmo ele sendo membro da academia brasileira… porque não cada estado do Brasil ter a sua academia? todas sendo associadas… né? pela brasileira né? só que nos outros estados você não tem notícias se tem… talvez alguns devem ter… aí o Pedro foi lá e disse não eu quero abrir uma academia piauiense de literatura de cordel… vinculada a essa aqui seguindo a mesma norma e tal… aí Gonçalo fez o estatuto e num sei o que lá… "aí você vai e atrás das pessoas e tal"... inclusive ele foi lá falar comigo… que era para eu ocupar uma cadeira dela e tal… aí eu discordei das opinião dele tal tal tal… e eu acabei não participando… e o Gonçalo é meu velho amigo… eu tava até sem jeito pra assistir dia cinco de dezembro de dois mil e quatorze se eu não me engano… foi empossado aí… deram posse e começou a funcionar… em dois mil e quatorze dia cinco de dezembro… aí Gonçalo veio e tudo… mas aí no outro dia eu encontro ele no centro artesanal aí lá nós conversamos né? bastante inclusive sobre esse assunto… e aí eu fiquei assim… mas aí eu disse "amanhã tô indo para o Ceará pra bienal o senhor não vai não"... aí ele disse "vou não"... eu eu tinha encontrado ele na outra bienal… aí quando eu perguntei pra ele assim "mas rapaz a acadêmia do Ceará você já tá aqui… no seu estado você não vai?" ((inaudível)) aí discordei… aí fiquei assim… "não amanhã depois eu entro na academia do Pedro"... mas o Pedro fazia tudo e depois ele não dava continuidade…

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Que avaliação o senhor faz sobre o cordel em Teresina?

Entrevistado (Raimundo Clementino): então... a cordelaria... as oficinas principalmente... trouxeram esse povo... que escrevia... né? pra ver o resultado... né? da coisa escrita... porque a coisa pior que tem é você escrever e não ter pra quem mostrar... sabe? eu escrevo... as vezes eu acho que tô escrevendo difícil... aí chega alguém me interrompendo eu mal olho pra pessoa... mas na hora que eu acabo de escrever aí saí atrás... ((inaudível)) quando a gente escreve tá doido pra mostrar... pois é... aí o cara tá escrevendo... não tem pra quem mostrar... não tem utilidade... em noventa e quatro eu descobri uma fórmula que sabia o dia da semana de qualquer ano... se você quisesse saber o dia treze de maio de mil oitocentos e oitenta e oito... da libertação dos escravos... eu falava "foi um dia de tal..." aí depois eu descobri que aquilo não servia pra nada... e aí se a pessoa pegasse uma data mais recente ele sabia... e se eu falasse errado eu ia ficar era mal... aí eu esqueci... então é a mesma coisa... você escreve e não tem pra quem mostrar... você desestimula... a cordelaria... a oficina principalmente... ela trouxe um monte de gente pra produzir junto... né? pra aglomerar... pra mostrar uns aos outros... então... eu comecei a cordelaria mais ou menos só com poetas... alguns que eram simpatizantes... eu conhecia

das primeiras oficinas... e aí depois começou aparecer essas pessoas que a gente não sabe... né? de onde viveram... a dona Angelita... o Chico ((inaudível))... o Orlando lá do porto... o Francinaldo... né? um menino novo...

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Poderia nos contar sobre a importância da gráfica Rima para o cordel em Teresina?

Entrevistado (Raimundo Clementino): só que foi só ele… a poesia também...porque na gráfica a gente tem mais facilidade de fazer os livro… quando eu comecei lá… quando eu comecei a gráfica… eu fazia oitenta por cento do serviço… era pra empresa… era impresso comercial… era papel timbrado… envelope… cartão de visita… era cartão de natal que se fazia naquele tempo… era tudo pra empresa… nota fiscal… nota de serviço… pra empresas… pra prefeitura… nota fiscal da fazenda… então a gente trabalhava oitenta por cento com esse tipo de impressão… e vinte por cento… pra cordel… só que aí… o pessoal chegava pra fazer livro… a primeira coisa que a gráfica diz "pode ser mil?... vamo fazer mil?... por que se for mil saí mais em conta… agora se você quiser só quinhentos dá pra fazer mas… fica ruim… fica caro a unidade…"... se for menos de quinhentos não faz… aí ninguém costumava fazer livro… aí as coisas vai mudando né? aí acabou a nota fiscal da prefeitura… de serviço… ficou eletrônico… aí o estado também com modificações também… cortou um monte de nota fiscal… e aí apareceu a internet essas coisas… e foi sumindo... cartão de natal ninguém nem fala mais… e aí foi sumindo o impresso… o impresso sumiu… aí quando eu percebi essa defasagem esse negócio… aí a saída foi tentar de adaptar… aí largar o comercial não todo… deixar… só que aí abriu espaço pra o impresso de livro… impresso de cordel… esse impresso que num é puramente comercial… aí hoje [

Entrevistadoras (Angelita Cunha e Eliane Testa): Raimundo, poderia nos contar sobre os Projetos da COCHACOR (Teresina-PI).

Entrevistado (Raimundo Clementino) : da cordelaria eu não tô muito autorizado a falar... porque tem o presidente... não... éhh:: eu tô falando autorizado... mas é informado... né? realmente eu não sei... eu acho que do dia vinte e três de Março pra cá... não tem um ano ainda... aí fez um monte de coisa... que eu acho até impossível... que determinou o ano até foi o resultado positivo... três mil reais no caixa... com aqueles folhetos que a gente fez... aí teve umas desavenças... e tudo... aí eu não sei... esse ano... como é que a gente vai fazer... o (Bira) tá meio doente... e eu tô muito ocupado aí com as minhas coisas agora... agora eu sinto uma saudade imensa das oficinas... elas são meio trabalhosinhas, mas eu sinto uma saudade imensa... eu particularmente... tenho mais vontade de investir na oficina... se o Felipe tivesse tempo e se dedicasse mais a gente já tava com a oficina trabalhando... porque sempre vai ter um lugar pra apresentar...

O Pequeno Príncipe em Cordel

O livro expõe claramente
Um sentimento oculto,
Que registra na memória
Algum vestígio ou vulto
Da criança que habita
Dentro de cada adulto.

Revela as dificuldades
- Com muita sabedoria –
Do adulto em perceber
O mundo de fantasia
Que encontrava a criança
Que ele próprio foi um dia!

Um certo dia, um piloto
Enquanto sobrevoara
Um espaço isolado
No deserto do Saara
Fez um pouso de emergência
Depois de uma pane rara.

Aflito o grande piloto
Depois do susto passado
E após dormir uma noite
Surpreso, foi acordado
Por uma voz esquisita
De um garotinho ao seu lado.

Era um garoto sério,
Sua voz dizia assim,
Moço. Por favor...Desenhe
Uma ovelha para mim.
O Piloto observava
E nada entendia... Enfim,

Como é que uma criança
De rosto fragilizado,
Com ares de inocência
Havia ali chegado,
Naquele lugar distante

Além do mais isolado.

Tinha um jeitinho dócil,
Tão pequena criatura,
Os cabelos cor de ouro,
Uma afeição de ternura,
Era mesmo apaixonante,
Ingênua, inocente e pura.

Aproximou-se um pouco
Para melhor conhecer,
Ficou impressionado,
Julgou um mistério ser;
Seria de mais alguém
Ousar desobedecer.

Desenhe uma ovelha
Para mim – ele insistia;
É que lá no seu planeta
Tão pequeno, ainda havia
Grandes árvores ocupando
O espaço que existia.

E a ovelha, comeria
A planta ainda novinha,
Evitando o crescimento
Da espaçosa plantinha,
Resolvendo de uma vez
Sério problema que tinha.

O Piloto tinha traumas
Na hora de desenhar,
Porque os adultos nunca
Sabiam interpretar
Sua arte e criticavam
Ao invés de incentivar.

Mas atendeu o pedido,
Desenhou o tão sonhado
Animalzinho, que foi
Em seguida reprovado,
Pois o desenho mostrava

Um carneiro adoentado,

Ali, os dois discutiram
E passaram por apuros,
Novo desenho foi feito
Com detalhes obscuros
Que mostravam claramente
Um caixote com três furos.

O Príncipe enxergava a caixa
E via uma ovelha dentro
Bastava imaginação,
Olhar de desenho "adentro"
Pra ver aquele animal
Deitado ali, bem no centro.

Dentro da caixa estava,
Não com muita exatidão,
A ovelha desenhada,
Com ela, a sábia lição
De ver o mundo, dos seus
Vários ângulos de visão.

O Piloto dedicava
Compreensão e carinho
Àquela criança pura
Que tinha meigo rostinho
E parecia ser um
Pequeno Principezinho.

Então por Pequeno Príncipe
Começou a ser chamado,
Selaram grande amizade
Bom diálogo foi travado,
Contaram experiências
Pelas quais tinham passado.

E foram se conhecendo
Fazendo indagações,
Embora o Príncipe sendo
Avesso a explicações,
Disse que habitava longe,

Com uma rosa e três vulcões.

Conversaram, porém nunca
Entenderam as mudanças
De um comportamento adulto,
Destruidor de esperanças,
Já que as pessoas grandes
Foram um dia crianças!

Sobre o Pequeno Príncipe,
De história fabulosa,
Ele era feliz na
Companhia de uma rosa,
Atendendo às exigências
Dela, uma flor vaidosa,

Zelava bem a florzinha
Limpando, tirando os lixos,
Protegendo ela do frio,
Livrando ela dos bichos
E mesmo sendo orgulhosa
Atendia a seus caprichos.

Sofria, mas aceitava
A ordem criteriosa;
Existiam controvérsias
Entre o Príncipe e a rosa,
Quem sabe, eram espinhos,
Da relação amorosa.

Em um desentendimento
O Príncipe aproveitou,
Limpou todo o seu planeta,
Em seguida viajou,
Estrelas e asteroides
De perto observou.

Contava tudo ao Piloto
Fazendo rica abordagem,
Descrevendo com detalhes,
Um ou outro personagem
Que cruzou pelo espaço

Durante a sua viagem,

Como a figura de um Rei
Poderoso, que pensava
Que reinava o mundo inteiro,
Mas as ordens que ele dava
Não tinham sentido e quase
Ninguém, por ali morava.

Encontrou também um bêbado
Bebendo para esquecer
Os seus problemas da vida
E a vergonha de beber,
Achando que o vício iria
A tal questão resolver.

Viu um homem de negócios
Completamente envolvido
Nos cálculos, lucros reais,
Por isso mesmo ter sido
Alguém que nunca viveu
E acabou esquecido.

Encontrou um outro homem
Que era muito vaidoso,
Era o único habitante
Do seu planeta vistoso,
Mesmo único se achava
O melhor e mais famoso.

Em órbita analisava
Pessoas e profissões,
Viu geógrafo, viu um homem
Que acendia lampiões;
Notou as mentes adultas
Todas com perturbações.

Já em terra ele encontrou
Uma terrível serpente,
Julgou ser animal frágil,
Mas, viu que era valente,
Perguntou pelos humanos,

Queria mesmo ver gente.

A serpente respondeu,
Nós estamos num deserto,
Aqui nas proximidades,
Não existe gente perto;
Se havia alguém ali
Ninguém sabia, ao certo.
Ainda disse que era
Uma cobra poderosa
Com uma simples picada,
Ou mordida venenosa
Levava o Príncipe de volta
Para juntinho da rosa.

Encontrou uma raposa
Com muita sabedoria,
Uma grande amizade
Entre os dois nasceria,
Esta ensinou para ele
Noções de filosofia,

Com valiosas lições,
Frase, como essa à frente,
Só o coração consegue
Enxergar corretamente,
Ao ouvir isso o Príncipe
Saudades da rosa sente.

A raposa disse ainda
Que as pessoas são nocivas
Quando adultas. Não percebem
Que enquanto estiverem vivas,
Cada um é responsável
Por tudo quanto "cativas".

Seguiu o pequeno andando
Pelo deserto sozinho,
Depois de escalar montanhas,
Enfim, achou um caminho,
Que levaria aos humanos
Tão meigo, Principezinho.

Passou em um roseiral
Florido e viu uma flor
Que era igualzinha às outras,
Se lembrou do seu amor,
Que por ser única teria,
Agora, bem mais valor.

Passaram-se oito dias,
Foi quando a água acabou,
Já meio desesperado
O Piloto convidou:
Vamos procurar um poço!
E o Príncipe concordou.

A sede ia aumentando
O desespero. E pelas
Belezas do firmamento
Foram contemplar as estrelas,
Sorrir com o riso delas,
Apreciá-las ao vê-las.

O Príncipe pensou na rosa,
Lacrimejou ao lembrar,
Ora... o risco de chorar
Um pouco toda vez quando
Nos deixamos cativar...

Por sorte, afinal, um poço,
Uma verdadeira mina,
Que alívio! Eliminaram
Aquela sede assassina.
E a serpente aguardava
Por traz da velha ruína.

Foi aí que o Pequeno
Príncipe e a serpente,
Com a missão de regresso
Se encontraram novamente
E ao ser mordido o garoto
Voltou repentinamente.

Não reclamou nem chorou,
Não gemeu nem deu arroto;
Cumpriu a sua missão
O Principezinho, garoto;
Deixando eterna saudade
No coração do Piloto.

Raimundo Clementino (2016)

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PESQUISA-AÇÃO EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE TERESINA (PI)

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha

Mestra em Letras (UFT). É professora do ensino fundamental no município de Teresina (PI), Brasil. https://orcid.org/0000-0002-5224-7887. E-mail: angelitafontenele@hotmail.com

Neste texto, apresentamos um breve relato de experiência de uma pesquisa-ação e de intervenção acerca da literatura de cordel realizada numa escola da zona rural de Teresina (PI), que resultou na Dissertação de Mestrado Práticas de leitura e de escrita: o cordel no ensino fundamental (2020).

Esta pesquisa-ação foi desenvolvida em uma turma de 8º ano, do Ensino Fundamental. O foco do trabalho foi investir em ações pedagógicas para a efetivação do letramento literário, compreendido, por nós, como uma prática social. A experiência contou com visitas da(o)s seguintes cordelistas à escola: Josefina Ferreira Gomes de Lima, Raimundo Clementino, José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra), Joaquim Mendes Sobrinho (Joames), Maria Luzinete Fontenele (que também integram as entrevistas publicadas neste e-book). A pesquisa também envolveu leituras e análises de cordéis e a produção de textos cordelianos pelos estudantes participantes da pesquisa. Ressaltamos que o contato de alunas e de alunos com os cordelistas despertou nestes estudantes uma maior identificação com o texto literário, passando a aguçar mais a curiosidade deles para a literatura de cordel.

Também vale a pena ressaltar que foi realizada uma visita dos jovens estudantes da turma de 8º ano à “Casa do Cantador”, sede da Associação dos Poetas e Cantadores Populares do Piauí, que também é a sede do festival de violeiros do Piauí, para entrevistar o poeta cordelista e presidente da entidade, Pedro Mendes Ribeiro (Dr. Pedro, como ele é chamado pelos cantadores da “Casa do Cantador”). Outra visita feita por alguns dos jovens estudantes foi à “Biblioteca da Literatura Popular: a voz da poesia”, de propriedade do cordelista, Zé Bezerra, quando ele foi entrevistado pelos estudantes com a finalidade de produção de suas memórias.

As memórias dos cordelistas e a presença deles na escola, na sala de aula, nos levou a direcionar a turma para falar mais sobre a cena do cordel em Teresina (PI). Por isso, foram produzidos diferentes versos de cordéis em sextilhas, resultando numa produção coletiva final acerca do cordel em Teresina.

A partir das visitas na sala de aula, os jovens estudantes produziram cordéis sobre

as memórias dos cordelistas que estiveram na escola da região de Teresina (PI), o que consolidou sentido de uma prática significativa para eles. Ao partilharem suas lembranças, os cordelistas fizeram com que suas memórias afetivas auxiliassem em todo o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, pois estes foram munidos de informações relevantes, gerando-se, assim, possibilidades de engendrar mais conexões. Segundo Kleiman e Moraes (2002, p. 91), “[...] a principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos”.

Neste sentido, uma gama de relações e de conexões (dentro e fora da escola) foram fundamentais para ampliar a interação com a cultura local, possibilitando, assim, as produções dos cordéis com a seguinte temática: memórias da(o)s cordelistas da região de Teresina (PI). Por isso, a seguir apresentamos os cordéis produzidos de modo coletivo pela turma do 8º ano. Ressaltamos ainda que a organização das estrofes segue o modelo adotado pela Oficina de Cordel, ministrada pelos cordelistas Raimundo Clementino e Joames, em parceria com a Cordelaria Chapada do Corisco – COCHACOR.

As entrevistas com as/os cordelistas despertaram mais interesse nas/nos jovens estudantes da zona rural, pois passaram a conhecer um pouco mais da história de vida e da produção cordeliana de cada poeta, pois, como asseveram Köche e Marinello (2017, p. 100), “[...] a entrevista permite que o leitor conheça melhor o entrevistado e suas ideias a respeito de determinado assunto. Assim, quem ganha destaque é o entrevistado e suas colocações”. Assim, alunas e alunos conseguiram produzir versos sobre as memórias das poetas cordelistas Josefina Ferreira Gomes de Lima e Maria Luzinete Fontenele e dos cordelistas Joaquim Mendes Sobrinho (Joames), José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra) e Raimundo Clementino Neto.

Vejamos, a seguir os cordéis coletivos organizados com as estrofes produzidas pelos alunos e pelas alunas sobre as memórias dos cordelistas a partir da experiência que tiveram com eles, por meio da leitura de suas obras, que os estudantes realizaram no percurso da pesquisa, bem como do contato direto que tiveram com os artistas. Para melhor identificar as autorias, as estrofes foram enumeradas e seguidas de um quadro com os nomes dos autores e das autoras de cada uma delas.

Joaquim Mendes Sobrinho (Joames)

Sou o poeta Joames
Nascido em Pedro Segundo
Para entender o Cordel
Fiz um estudo profundo
Pra saber e ensinar
Poesia pra todo mundo. 01

A minha infância foi simples
Com meus pais, a trabalhar
Não vi Cordel na escola
Aprendi ao escutar
E só li por minha conta
Ao vir pra cá, estudar. 02

Na minha infância, não tive
Como vocês, diversão
Meu trabalho era na roça
Plantando arroz e feijão
Hoje, eu levo essas lembranças
Dentro do meu coração. 03

Moro agora em Teresina
Porque me apaixonei
Um lugar maravilhoso
E pra muitos já falei
Desse chão e desse sol
Eu jamais esquecerei. 04

Desde menino, aprendi
A apreciar de verdade
Por isso é que hoje escrevo
Pra toda a sociedade
Com amor e harmonia
E muita felicidade. 05

Eu combato o preconceito
Pois gosto de igualdade
Se a vida não for assim
Não terá felicidade
E só assim poderemos

Ter um Brasil de verdade. 06

Sou um poeta engajado
E faço o povo sentir
O valor da poesia
Que aprendi a produzir
Escrevo em dias de hoje
Pra garantir o porvir. 07

Eu amo fazer cordéis
Essa é minha profissão
Adoro ensinar as rimas
Pois as amo, de paixão
Aos alunos do Hermelinda
Eu falei com o coração. 08

Ensino Fundamental
Foi o que pude estudar
Mas quando faço cordéis
Para o povo apreciar
Minha vida literária
Posso em versos divulgar. 09

Nomes dos alunos e alunas	Estrofes
Ana Beatriz	1, 3
Brenda Mirelly	5, 6
Maria Jennefer	09
Maria Eduarda	4, 8
Maria Luiza	2,7

Quadro 1 – Produção coletiva sobre as memórias do poeta cordelista Joaquim Mendes Sobrinho (Joames):

Fonte: Dados da pesquisa de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha.

José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra)

Meu nome é José Bezerra
Ceará, minha ladeira
Sou nascido em 29
Em um lugar de poeira
Mas moro no Piauí
Aqui fiz minha porteira. 01

Já fiz, entre vários livros
Retalhos de Poesia
Onde eu narro umas histórias
De amor e alegria
Bondade e felicidade
E coisas que eu fazia. 02

Escrevi, entre mil temas
A Vida de João Batista
O Menino e o Sabiá
Pois amo ser cordelista
Não paro de produzir
Já é grande a minha lista. 03

Com orgulho, sou poeta
Cearense, do Sertão
Cupido, Deus do Amor
Me dá sua inspiração
Pra falar sempre o que sinto
Dentro do meu coração. 04

Mesmo na época de
Policial militar
As inspirações chegavam
Nessa mente singular
E eu buscava um poema
Para às almas alegrar. 05

Poemas e poesias
Sempre mostrando a grandeza
Das criações do Bom Deus
E, do homem, a destreza
As aspirações românticas

E a força da natureza.   06

Cresci bem alimentado
Passava bem, todo dia
Galinha caipira, ovos
Alimentação sadia
A Santa Mãe Natureza
Tudo de graça trazia.   07
Tive várias provações
Porém venci minha lida
Minha poesia mostrava
Uma alegria incontida
Registrando cada trecho
De cada história da vida. 08

Muitos temas são descritos
E até saem nos jornais
Sobre ditos populares
E problemas sociais
História e geografia
Conhecimentos gerais.   09

Nomes dos alunos e alunas	Estrofes
Ana Letícia	4,5,6
Flávia Joelma	7,8
Iasmim da Silva	9
Maria Luiza	1,2
Sara Fernanda	3

Quadro 2 – Produção coletiva sobre as memórias do poeta cordelista José Bezerra de Carvalho:

Fonte: Dados da pesquisa de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha.

Josefina Ferreira Gomes de Lima

Eu nasci em São João
E me chamo Josefina
Sou filha de professora
Grande mulher nordestina
Sai da minha cidade
Pra morar em Teresina.   01

Desde os tempos de criança
Que os cordéis vivo a ler
Agora, aos que me escutam
Eu ensino a escrever
Como eu amo fazer rimas
Ensino o povo a fazer.   02

Minha mãe era professora
Fui bem alfabetizada
Ela era quem me ensinava
Dava aula pra garotada
Sempre nos incentivando
Foi assim que fui criada.   03

Tenho minha inspiração
Nas leituras que eu faço
Nas músicas de meu pai
Memórias que me refaço
Gosto muito de poesia
Com Cordel me satisfaço.   04

Projeto Ler e Aprender
Fiz, pra o Cordel ensinar
Em mulher que faz Cordel
Sempre eu preciso falar
Por ser um tema importante,
Outras vamos encontrar.   05

Clementino e Pedro Costa
Nos caminhos, encontrei
E, inspirada por eles,
Na escrita eu ingressei
São meus amigos poetas

De quem nunca esquecerei.   06

Conto com muita alegria
Que hoje sou professora
Mas que já fui costureira
E também fui lavradora
Fui líder comunitária
Sou feliz como escritora. 07

Escritores da Floresta
Minha atual produção
Leandro Gomes de Barros
Foi a minha inspiração
Joames e Pedro Costa
Outros do meu coração.   08

Escrevi vários cordéis
Todos fiz com muito amor
Sobre temas variados
Na labuta de escritor
O que gosto de fazer
Para agradar meu leitor. 09

Nomes das alunas	Estrofes
Ana Beatriz	01, 05 e 08
Antonia Gilsilene	04
Brenda	03 e 09
Leilane	02 e 06

Quadro 3 – Produção coletiva sobre as memórias da poeta cordelista Josefina Ferreira Gomes de Lima:

Fonte: Dados da pesquisa de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha.

Maria Luzinete Fontenele

O meu nome é Luzinete
Por meus pais fui ensinada
Por Raimundo Clementino
Pra o Cordel incentivada
No trabalho e na poesia
Me acho realizada. 01

Por isso é que, hoje, faço
Meus Cordel em Teresina
Sobre empreendedorismo
Pois Cordel também ensina
E falo de minha infância
Quando eu era pequenina.   02

Também ensinando ao povo
Técnicas da profissão
Valorizando o passado
Com meus avós, no sertão
Nas brincadeiras, nas festas
Na debulha de feijão.   03

Não só faço o povo ler
Mas o levo a se inspirar
Aprender com minhas rimas
E em sua vida aplicar
Tanto é mais fácil aprender
Quanto é melhor ensinar.   04

Residente em Teresina
Encantada por Cordel
Pude escrever vários temas
Numa folha de papel
Eu escrevo, o povo entende
De forma clara e fiel.   05

A Equidade de Gênero
Minha última produção
Eu tenho, no meu trabalho
A maior dedicação
Me acho uma cordelista

De elevada inspiração. 06

Penso e acho que nasci
Para o Cordel escrever
Ao escutar os romances
Que o vovô vivia a ler
Hoje, o meu cordel ensina
O povo a empreender. 07

Com a minha inspiração
Fiz do Cordel o meu hino
Meus influenciadores
Pedro Costa e Clementino
Bem felizes, colocaram
Poesia em meu destino. 08

Eu já li muitos trabalhos
De rimas, música e cores
As mais bonitas histórias
Dos mais diversos autores
Hoje, registro em meus versos
Minha vida e meus amores. 09

Nomes das alunas	Estrofes
Ana Beatriz	1, 5, 6
Maria Jennefer	7, 8, 9
Sabrina Stefany	2, 3, 4

Quadro 4 - Produção coletiva sobre as memórias da poeta cordelista Maria Luzinete Fontenele:

Fonte: Dados da pesquisa de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha.

Raimundo Clementino Neto

Sou Raimundo Clementino
Um escritor cordelista
Coisas belas, grandiosas
Compõem a minha lista
Por ser poeta e amigo
Me considero um artista! 01

Um dia, pela manhã
Eu cheguei em uma escola
Com meus ares de poeta
Tendo em mãos uma sacola
Falava sobre Cordel
Falei também sobre bola. 02

Falei sobre o futebol
Dois times do mesmo porte
Cada um mais competente
E cada qual o mais forte
Nessas circunstâncias, quem
Decide o jogo é a sorte. 03

Comecei aos 15 anos
Levado pelo amor
Por ser poeta e artista
Filósofo e pensador
Venho tentando tornar-me
Cordelista de valor. 04

Com muita facilidade
Eu sempre escrevi Cordel
Assim lancei várias obras
Fiz um sucesso fiel
Usando métrica e rimas
Para enfeitar o papel. 05

Professor da rede pública
Promovo shows musicais
Oficinas literárias
Fazendo o Cordel ser mais
Um pedacinho do Céu

Entre os artistas locais. 06

Eu tenho uma obra inédita
Que, quando for publicada
Vai agradar aos adultos
E até à criançada
Sei que todos vão amar
Minha poesia encantada. 07

Professor da rede pública
Na música, um bom letrista
Já abordei vários temas
Mostrando grande conquista
Do amor aos outros temas
Mostrei meus pontos de vista. 08

O povo conhece os livros
Que são de minha autoria
Já residi em São Paulo
Pra cursar Engenharia
Montei a Gráfica Rima
Edito o que o povo cria. 09

Nomes dos alunos e alunas	Estrofes
Ana Beatriz	1,3
Alan dos Santos	2
Francisco Ailton	4,7
Mikael dos Santos	8, 9

Quadro 5 – Produção coletiva sobre as memórias do poeta cordelista Raimundo Clementino Neto:

Fonte: Dados da pesquisa de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha.

Destacamos que os cordéis foram realizados de modo coletivo, e que cada aluna e aluno teve sua participação. Por isso, nossa pesquisa-ação se configura como um exercício para a produção de textos poéticos. A educação literária na escola também implica trabalhar o gênero textual cordel. Ressaltamos também que, com o desenvolvimento do projeto, houve um grande interesse por parte de alunas e alunos, e que esses se sentiram próximos das/dos cordelistas. A execução de toda pesquisa-ação interventiva demonstrou

que é possível ajudar a exercitar a imaginação de jovens aluna(o)s.

Gabriel García Márquez, na obra **Viver para contar** (2003), explicita que "A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente 'recorda', e como recorda para contá-la." (MÁRQUEZ, 2003, p. 5). Nesse sentido, estes discentes do Ensino Fundamental, da turma do 8º ano, terão muitas memórias para recordar.

Esta possibilidade de produção de cordéis abre espaço para o exercício da leitura e da escrita, bem como possibilita a ampliação do letramento literário dos jovens aprendizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa-ação interventiva pudemos oferecer, enquanto mediadoras da pesquisa e do trabalho com a poesia na sala de aula, aos jovens discentes da turma de 8º do Ensino Fundamental da Escola Municipal Hermelinda de Castro (localizada na zona rural, no Município de Teresina-PI), diferentes experiências de leitura e de escrita, e, ainda, vivências mais profundas com os textos de cordéis, bem como com as/os poetas cordelistas de Teresina - PI.

Por isso, acreditamos que esta pesquisa-ação foi significativa para toda(o)s a(o)s envolvida(o)s, conseguindo ampliar as emoções nos encontros entre aluna(o)s e poetas cordelistas. Estas relações com diferentes cordéis, bem como a história de vida de cada cordelista, na sala de aula ou fora dela, conseguiram fomentar um maior interesse na(o)s jovens estudantes, instigando e fazendo sentirem que a região (o local) que vivem possui uma cena rica no que diz respeito à cultura popular.

Por fim, esperamos que estes nossos registros de pesquisa, apresentados neste texto, consigam incentivar outra(o)s professores a desenvolver projetos que envolvam o gênero cordel em sala de aula. O cordel é um texto da literatura popular que pode abrir espaço para diferentes olhares e vivências. Como sabemos, a poesia é um direito de todas e todos, por isso, ela precisa ocupar a escola e as salas de aula.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da. **Práticas de leitura e de escrita:** o cordel no ensino fundamental. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína, 2020.

KLEIMAN, Ângela; MORAES Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade:** tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de letras, 2002.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **Ler, escrever e analisar a língua a partir de gêneros textuais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para contar.** Rio de Janeiro, Record, 2003.

GEOPOESIA DE CORDEL: OS AMBULANTES DAS PALAVRAS E AS PERFORMANCES DE PAPEL

Augusto Rodrigues da Silva Junior

Professor Associado de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília. Coordenador da Cátedra Agostinho da Silva (UnB). Pós-doutorado em Literatura em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP/2021); Pós-Doutorado (Bolsista CAPES/2014-2015) na Universidade do Minho - Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos - Braga/Portugal. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2008). Mestrado e Graduação pela Universidade Federal de Goiás (UFG/1996-2002). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6780-9731. E-mail: augustorodriguesdr@gmail.com

Para os meus bisavôs e avôs
Augusto Lopes, mascate em Sampa
Paulo Rodrigues, tratorista em Tupã
José Lívio Maia, fiscal em Arraias

A palavra cordel abriga uma raizama linguística: *cordis*. Versos profundos que batem, marteladamente ou não, a partir da voz e do contato com a terra, da *performance* e do discurso de feira. Ainda há uma performatividade cultural na sua condição editorial, pois é livro impresso em papel barato, normalmente em formato de folheto, com a brochura padrão medindo 11x15. Previsto para ficar na corda – agora, sim. sua raiz linguística: cord- eleva as vozes e corporalidade de ambulantes de feira.

O gênero, nele mesmo, abriga sempre essa corporalidade, essa batida (*coraçionalmente*) marcada e demarcada. Corporalidade engendra vocalidade (ZUMTHOR) e um conjunto de vozes que de tão longe vem geopoetizando (BRANDÃO; SILVA JUNIOR, 2015). O cordel move-se entre a geopoesia e o *habitus* (MAUSS) cantador, movimenta-se entre o teatro de terreiro e a dupla dramática e cômica dos gêneros antigos:

> Meu Livro de Cordel
>
> Pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de Cordel, que este livro assim o seja, assim o quero numa ligação profunda e obstinada com todos os anônimos menestréis nordestinos, povo da minha casta, meus irmãos do Nordeste rude, de onde um dia veio meu Pai para que eu nascesse e tivesse vida (CORALINA, 1976; 2012).

Também escrevemos esse ensaio por amor ao cordel. Por amor ao cordel a escritora Coralina inventa um livro sem exatamente conter esse estilo, mas abarca as diásporas que fundaram a migração das vozes e, até mesmo, das capitais.

Em toda cultura encontramos formas elementares de *aedos* e rapsodos, *griôs* e saltimbancos. Há aquele que dança, canta, pantomima e renova como portador individual da tradição (BURKE) e aquele mais predisposto a recitar (também acompanhado de instrumentos musicais e coro). Mesmo que em língua portuguesa seja possível não tecer distinções entre as palavras, é certo que a palavra *lugosi* – enquanto rizoma – presenta-se como performar e não tão somente falar. Essa memória da cultura grega perdura nas formas poéticas, mais intensamente até os séculos XIV e XV e com novas roupagens a partir do XVI. Termos como lira e versa, estrofe e concepções formais reverberam – traduzidos, é certo, pela romanização do ocidente. Mas a geopoesia amplia muito mais essa dependência de uma poética da antiguidade eurocêntrica. Sendo assim, entendemos o cordel como um gênero de *rexistência* – que abarca o anseio da publicação, mas que não nega suas origens populares.

Se a *performance* é uma espécie de limen em que ocorrem as mais diversas representações e linguagens, pensar o cordel nessa base é sentir o cordel como a arte que engloba a expressão máxima do geopoeta. Que, seria, na tradução do termo *Der Erzhaler*, de Walter Benjamin o contador e histórias, o narrador de livro editado e, ainda, o geopoeta-cantador.

A todo instante, comunidades sociais, heterogêneas e multifacetadas estabelecem diálogos através de diferenciados sistemas intersemióticos e, deste modo, potencializam suas amplitudes discursivas, interagindo com a língua em sua integridade viva e social. De forma consciente ou não, vários suportes e múltiplas formas de discurso convidam à intervenção: anônima, individual, coletiva, dialógica, monológica. As marcas do sujeito que circula estão impressas no espaço público, palco de novas possibilidades interativas com o "aqui e agora" características da *performance*.

Assim, os estudos da história e dos gêneros literários renovam-se e a consciência estética, salientada por Candido[1], nos momentos definidos como árcades e românticos da formação de nossa literatura, ganha novos contornos no início do Séc. XXI. A consciência de uma prática artística dotada de sentido histórico e comunicacional desvela a necessidade de ser a língua geral de uma sociedade. A geopoesia, assim, estabelece-se pela busca de autoconhecimento e diversidade e, dessa perspectiva, apreende-se que a expressão brasileira provoca tensões que se sustentam no âmbito privado e público, entre a missão e aldeia, a casa grande e a senzala, entre sobrados e mocambos.

Uma vez que a geopoesia enforma uma pluralidade de ideias e a incorporação de características de outros gêneros, a noção de *performance* está imbricada às imagens da voz, do corpo e das letras cordelísticas. Deste modo, não prioriza o escrito e a produção

1. CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1993.

gráfica, mas fere certas organizações da historiografia literária que sistematizam autor, obra e público. O ato performático aliado ao cordel pressupõe a oralidade e a corporificação precedendo a escrita ou, quanto ligada a ela, "dentro do [próprio] objetivo performático"[2].

No campo teórico, alguns autores podem ser considerados precursores desta aproximação: Mikhail Bakhtin e Victor Turner; Paul Zunthor e Walter Benjamin. Por mais que não tenham trabalhado exatamente nesta perspectiva, o elemento cultural dá força à articulação que intuímos naquilo que vimos definindo como geopoesia. As ações sociais adquirem formas por meio de dramas sociais e metáforas, campos e *habitus* que dialogam com a estrutura processual da ação social acontece. Nesse sentido, a liminaridade – *betwixt and between* –, ou seja, no "vão entre mundos ordenados". Segundo Turner, essas forças ocorrem nos ritos de iniciação prolongados, nos campos simbólicos em sociedades tribais, e aparecem nos "gêneros 'liminóides': a literatura, o cinema, o jornalismo sério para subverter axiomas e padrões"[3] [...]. Mikhail Bakhtin, de modo semelhante, aponta para o *limen*:

> Nesse processo de iluminação recíproca das línguas, a *época contemporânea* viva representa tudo que é novo, que não existia antes, as novas coisas, noções, opiniões, ela atinge *uma tomada de consciência de excepcional acuidade; as fronteiras dos tempos, as fronteiras das épocas, das concepções do mundo, do cotidiano são distintamente tateadas*[4].

Com os estudos sobre Rabelais, o russo provoca uma revisão na história da literatura. Seu pensamento pressupõe liminóides que se situam e desvelam fronteiras. Ao abordar o discursivo a partir da cultura popular, das manifestações não-oficiais, a aversão à perfeição definitiva, a negação de uma totalidade, e o riso, ele pressupõe a instabilidade, o rasgo na ordem, o imprevisível cotidiano, o inesperado da *performance* e o inacabamento dos discursos coletados/estilizados no instante de seu acontecimento, ou seja, em sua concretude responsiva e histórica. Exatamente aquilo que rexiste na geopoesia do cordel.

Sua perspectiva reformula concepções estéticas e ideológicas, revelando uma capacidade de "desfazer-se de muitas exigências do gosto literário profundamente arraigadas"[5] aos padrões racionalistas e formalistas. As categorias propostas por Bakhtin evocam a multiformidade e a heterogeneidade, refletem aspectos corporais, cômicos e cotidianos:

---

2. . ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a "literatura" medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Ferreira. SP: Cia das Letras, 2001, p. 109.
3. . TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Trad. Fabiano Morais, Revisão téc. Arno Vogel. Niterói: EDUFF, 2008, p. 12.
4. . BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 5.ed. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002, p. 412.
5. . BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 5.ed. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002, p. 03.

1. As *formas dos ritos e espetáculos* (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc.;

2. *Obras cômicas verbais* (inclusive as paródicas) de diversa natureza: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar;

3. *Diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro* (insultos, juramentos, *blasões* populares etc.)[6].

Essa noção de carnavalização amplia o entendimento da geopoesia de cordel, do elemento performático (e/ou teatral) na feira, do espetáculo de terreiro, nas variantes da esfera cotidiana, no âmbito religioso (*catolicismo carnavalizado*) e a festa sendo sempre uma renovação universal e liminar:

> Por seu caráter concreto e sensível e graças a um poderoso elemento de *jogo*, elas [as festas] estão mais relacionadas às formas artísticas e animadas por imagens, ou seja, às formas do espetáculo teatral. E é verdade que as formas do espetáculo teatral na Idade Média se aproximavam na essência dos carnavais populares, dos quais constituíam até certo ponto uma parte. No entanto, o núcleo dessa cultura, isto é, o carnaval, não é de maneira alguma a forma puramente *artística* do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação.[7]

Deste modo, a geopoesia arquiteta seus estudos da carnavalização, pensada como fenômeno literária fruto de transposições culturais, explorando os desdobramentos que tal aparição, no campo da escrita de cordel, obtendo no âmbito cultural da voz e do corpo as fronteiras entre o literário e o espetáculo carnavalizado e cotidiano. A geopoesia de cordel, ligada à vida e aos rituais, permite aproximação com o teórico da *performance* cultural: Victor Turner. Recorde-se que iniciou seus estudos com poesia na *University College London*. Suas principais referências foram clássicos gregos, escritos religiosos, sagas épicas. Também se deteve em Blake, Dostoiévski, T.S. Elliot, presentes nos seus estudos etnográficos e teóricos. Porém, somente depois da 2ª Guerra o autor dedicou-se à Antropologia. Para ele, a literatura sempre foi a grande "analista" da cultura humana.

Os apontamentos acima dialogam com *Dramas, campos e metáforas – Ação simbólica na sociedade humana*[8] e o texto "*Ritual*" (2006) de Schechner[9]. O primeiro, pela aproximação com Bakhtin; o segundo, uma espécie de motivador da respondibilidade –

6. . BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 5.ed. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002, p. 04.

7. . BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 5.ed. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002, p. 06.

8. . TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Trad. Fabiano Morais, Revisão téc. Arno Vogel. Niterói: EDUFF, 2008.

9. .SCHECHNER, Richard. Ritual. In: ______. Performance Studies: an introduction. 2.ed. New York, London: Routledge, 2006. Está em andamento a tradução de alguns textos do autor, sob a supervisão do Prof. Zeca Ligièro (UniRio). O trabalho tem sido feito por alunos dele e conta com minha revisão técnica.

aquilo que para Schechner seria fragilidade, em Turner, a partir da visão polifônica, torna-se positiva.

Dos estudos de Van Gennep, Turner articula as dinâmicas teatrais e performáticas do ritual. Porém, a proposição estrutural para a ação ritual – "a preliminar, a liminar e a pós-liminar" – recebem nova roupagem com ele. Fundamentando sua teoria dos dramas sociais, seu foco está na liminaridade, momento social em que a ação dos rituais acontece e provoca transições e transformações. Nesse sentido, mais uma vez nos amalgamamos à *performance* como traduções artísticas capazes de articular todo um conjunto de ações e de elementos ilustrativos do conflito cultural e das tensões daqueles contextos.

A verificação desse tipo de arte aproxima o olhar de Turner ao de Bakhtin, pois se tratam de estudiosos que sempre voltaram suas atenções para momentos culturais fronteiriços. Em determinadas manifestações semânticas da humanidade (festas, espetáculos, *performances* culturais etc.) abre-se o caminho para novas realidades sociais, identitárias e artísticas. Aquilo que Bakhtin chama de cultura de fronteira pode ser aproximado do termo utilizado por Turner: *betwixt and between* (entranhas e entre). O cordel carrega justamente essa movimentação do transe e dos transeuntes, das entranhas de quem canta e do entre-lugar de quem imprime e leva seus livretos por feiras e terreiros, paços e espaços de rexistência.

A geopoesia, em diálogo com Turner, diferencia as culturas tradicionais e modernas a partir do trabalho e das funções rituais – semelhantes e/ou recuperadas na arte, na festa, nos eventos. As atividades liminares são obrigatórias na sociedade e as liminóides aquelas que envolvem o entretenimento popular e todo tipo de arte, envolvendo ações festivas, simbólicas e extra-cotidianas. Além disso, iluminam, com dramas e metáforas, tudo que é liminar. Esse campo limítrofe entre escrita e oralidade, ou simplesmente entre literatura e cultura popular, surge como terreno fértil na geopoesia brasileira para a aparição de um retrato único dos processos de aculturação e de enfronteiramentos, e de suas projeções até nossa atualidade na literatura de cordel.

Entendendo estes parâmetros em acordo com aquilo que Bakhtin denomina cultura oficial e não-oficial, as *performances* que habitam o gênero cordel são compreendidas principalmente fora do esquadro da cultura oficial, pois dialogam com formas de entendimento cultural veiculadas em nossas tradições mais orais e mais corporais.

O estudo que Turner faz da contracultura, ressaltando as medicinas, religiões alternativas, as preocupações com a ecologia e a paz, a sugestão de estilos de vida, diferentes daqueles impostos pela ordem capitalista e, principalmente, a ideia de tolerância, evocam o nosso conceito de raizama:

Neste sentido a análise literária da geopoesia do cordel dialoga com ramificações – oralidade, música, perfomance, pintura detc. O termo "leitor" ganha uma dimensão plural, visto que a recepção compreende uma multiplicidade que varia a partir da realização poética, da métrica, do portador individual da tradição e da recepção em movimento de trocas e comércio popular. Os estudos da geopoesia, provocam assim, uma recepção *interpretadora*[10] e aproxima-se da história literária na perspectiva da representação social. Consciente de que ninguém disse, nem dirá a última palavra, este exercício de crítica polifônica possibilita ao leitor co-participar das variantes dialógicas e monológicas de cada gênero, estilo e época.

Com isto, as expressões são vistas por uma ótica positiva – naquilo que iluminam das visões do seu tempo e de nossa identidade. Ao discutir estas relações dialógicas predominantes e/ou liminares, no século XXI, mesmo que "rituais sagrados e seculares" em locais públicos reforcem "valores burocráticos em voga", não impede que a percepção de que os gêneros e modalidades discursivas se interpenetram e renovem valores arraigados aos "sistemas culturais estabelecidos". Assim sendo, o cordel, com suas marcas de literatura de campo – com seus autores sempre em movimento – evocam a liminaridade e o enfronteiramento como expressão de liberdade. Uma liberdade e/ou aspiração a ela que aparece justamente nos discursos artísticos, no discurso da festa, no corpo carnavalizado.

Trata-se de repensar a *lugosi* (performar, ao invés de falar). Na cultura Ática havia uma distinção: o Aedo cantava, dançava, interpretava e recriava. O Rapsodo apenas recitava, acompanhado de instrumentos musicais ou não. Neste sentido, esta literatura será entendida no campo da *performance* cultural, pois realiza rituais de confrontação com o leitor, dialoga com o efêmero da oralidade, pressupõe a imagem fragmentada, capta os resquícios do cotidiano, envolve dramas, campos e metáforas.

Essa tradição, de certa maneira, teve sua continuidade com os trovadores medievais que entoavam seus versos acompanhados de guitarras e, ainda, nas variantes das novelas de cavalaria e do teatro de improviso no medievo. Expressão importante para a implantação de novas línguas na poesia, visto que até o Séc. XI predominavam o grego e o latim. de caráter popular, o menestrel e suas cantigas entoavam a crônica musical de um período e aportaram no Brasil abordando assuntos cotidianos, políticos e individuais. Ao contrário do épico, a geopoesia de cordel não canta os nobres e os deuses (e seus sistemas etnocêntrico), mas os cantadores recriaram, com suas manifestações orais em festas religiosas e carnavalizadas, expressões e danças, versos e canções – no grande corpo da multidão.

---

10. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 404-405.

A geopoesia propõe a priorização do povo na rua, o espetáculo performático, o discurso da praça e do grande corpo popular, implicando um otimismo crítico e autoconsciente. Esta aproximação se confirma naquilo que denominamos de relações dialógicas predominantes: "Esta liminaridade faculta experiências, pressente processos, modaliza funções (discursos realizados por grupos e indivíduos) e permite mapear estruturas." Neste sentido, "[...] as fronteiras polifônicas permitem entender como os discursos são percebidos, como assimilam e geram cronotopos, a atuação de cada indivíduo em cada papel, e como cada personagem é interpretado – com variantes para os espaços público e privado etc".[11]

Há, também, diversos campos que foram efetivamente enformando nosso cordel: o corredor da navegação e o lusitano cantor; o corredor indígena de cantos bem marcados por pés no chão; o canto de trabalho na lavoura cultivado pelos negros em que a foice determinava cortes na terra e nos modos de versar. Houve ainda diversos corredores de geopoesia que foram se constituindo à medida que a língua se transformava no litoral e a palavra cantada buscava novas formas de se manifestar nas terras de dentro (silva). Ao mesmo tempo os corredores de liberdade – constituídos por povos ameríndios e povos africanos – também cantavam novas formas e novas saudades e aqueles que ficavam fora do acesso às grandes máquinas de imprimir na corte, enformavam seus versos nesses livretos de papel barato e da voz dos ambulantes da geopoesia.

Para a geopoesia, o cordel nasceu da dor, da violência e do desejo de ser voz em livro.

Para a teoria da geopoesia, em *performance*, o cordel congrega a fala e o riso do feirante, a valorização e circulação de material escrito, as heranças de saltimbancos e feirantes. A expressão geopoesia de cordel enforma a consciência de autor e as implicações do instante de enunciação que coincide com a publicação, a venda, a circulação e firmação de uma tradição.

Isso dá um caráter de atualidade ao texto de cordel e reafirma que a língua da geopoesia é tipicamente humanizada. A perplexidade ante a rima leva ao espetáculo, dinamiza a relação verbal com uma audiência interessada e disfarça a persuasão de livro – que existe para ser comprado. Entre a *performance* e a memória geopoética tudo se torna recurso liminar porque conta e canta história, parodia e mascara fundamentos de pensamento sério e autorizado, mas coloca em xeque esse senso privado da palavra – também utilizada para dominar. A liberdade do cordel dialogando com as verdades e com os caminhos para estabelecê-las (ideológicas e literárias). Introduz-se de forma ousada,

---

11. . SILVA JR, Augusto Rodrigues da. Literatura e cultura: o complexo problema do dialogismo e a metodologia do sistema crítico polifônico de Mikhail Bakhtin. In: GEGe - Grupo de Estudos de Gêneros do Discurso. Disponível em: <http://textosgege.blogspot.com/search/label/Augusto%20Rodrigues%20da%20Silva%20Junior>. Acesso em: 13 set. 2010.

livre e alegre, em um campo diametralmente oposto à hierarquia (BAKHTIN, 2002a p. 144-145) o direito ao literário.

O cordel, no Brasil, é a primeira manifestação que arroga o direito à literatura.

Uma vez que o "direito de *performance*" é dado pelo livro-em-corda as marcas da tradição do discurso oral e do discurso da feira irrompem: o exagero e a louvação irônica do produto afirmam uma fama e importância do que é vendido. O nó literário se dá na certeza das aventuras cantadas, por isso transformadas em livro, e que divide com a comida as necessidades básicas do humano: comer, beber e contar histórias.

A atitude dramática, o verso, a valorização pelo acessório é literalmente uma dupla-força carnavalizada e uma opção ética que se estende ao estético: a condição liminar, anseio da fundação de um estilo específico, ao performar, explicita a filiação e forja duplos capazes de constituir uma força transcendente. O cordel, na sua condição de geopoesia, incide nessa capacidade de viver dos séculos passados e apontar para os séculos futuros. O cordelista dialoga ampla e profundamente com o que havia e há de mais valioso nas tradições anteriores e na língua viva. Nos campos da cultura, da filosofia, da história, da religião a sua continuidade implica novas condições históricas e performáticas.

No cordel, aquilo que o cantador desafia começa a ser referendado na prosa discursiva e na conjugação de artefatos que se movem no âmbito da narrativa. Movendo uma linguagem agalopada e agradável, em que a fluência e a cantabilidade são as marcas do estilo, as lamúrias e oscilações, os disfarces e contradições rompem com o fluxo harmonioso da memória dos romanceiros e dos romances de cavalaria.

Por estar ligado a um "enredo", afirma sua ligação estilística com o todo e pelo sentimento de estar publicando – enquanto canta –, a conversa versatória que tem o mesmo caráter do todo do romanceiro. A vocalidade versiva e subversiva também movimenta a memória do diálogo entre uma dupla, o dito popular, a paródia da tradição, o julgo da razão, a coletividade constituindo um coro necessário à constituição do cordel – na corda (bamba), na feira (palco dos acontecimentos).

A autoconsciência de um discurso indefinidamente aberto em que o humano aparece em constante formação e transformação evoca uma prática ruminante do verso que cogita profundamente os temas da tradição e forja novas condições para a existência da arte. As emendas reflexivas e a presença do discurso oral geram um manifesto destronante/aterrissante por determinados temas e figuras históricas e os re-significa ao serem lembrados e desafiados.

Nessa genealogia de fingidores vendedores ambulantes, o cordel é uma maneira de fazer o ouvinte acreditar no que vai ler. O livreto carga sempre o cenário da performance. A

aura de fantasia, sendo uma ameaça às autoridades, é anunciada pelas máscaras de autor, de editor, de impressor, de(do) ilustrador e de quem quer seja que assine a obra. Dentro da problemática dos enunciados, questões fundadoras (e fundamentais) para o literário moderno são trazidas pelo cordel: o pícaro, o pastoral, o romance bizantino, a parataxe, os diálogos (dramático-socrático e filosófico-luciânico) e, principalmente, o modelo dos clássicos romances de cavalaria – entranhados não tão somente para superá-los, mas para evocá-los como formas de penetrar na atualidade da língua viva.

Cada vez mais nos arrabaldes e arredores, subúrbios e agrestes, a geopoesia de cordel constituiu e constitui uma importante topografia das cidades e propiciam a convivência harmoniosa e humana impensável nos dias de hoje nesse espaço da feira. Esses elementos predominam nos cordéis. A personificação de figuras históricas e “mitológicas” desprezíveis e heroicas, profundamente apegadas ao que eram antes, conjugam não só a performação de posturas e hábitos a serem criticados, bem como a mistura de gêneros (elevados e populares). A geopoesia de cordel foi profundamente assimiladora do cristianismo primitivo e da vocalidade da cristandade: o ser ausente era invocado e convidado a um banquete eucarístico realizado no encontro da própria feira ou, posteriormente, depois das trocas e das compras na memória do cantador que habita cada estrofe.

Nesse ritual do cordel de feira o canto e a dança, o instrumento musical e o cenário, o figurino e as variantes entonacionais e voz-em-cena eram permitidos e apontavam para a liberdade. Por outro lado, *performances* populares (*Danças Macabras* e teatralizações paródico-sacras) mantiveram essas festas em forma de Mistérios e Moralidades. Essa noção sobreviveria e sobrevive em diferentes modalidades dramáticas nas cerimônias do “*Corpus Christi*”, Natal e Páscoa. As *Soties* (teatro e culto religioso moralista) foram cultivadas no interior das Igrejas em um ambiente de catolicismo carnavalizado que implica: devoção e festejo, feira e multidão. Os intervalos das missas eram agraciados com pantomimas e breves textos que promoviam missas em uma espécie de diálogo entre o sacerdote e o “coro”.

Desde os tempos iniciais do cristianismo a igreja[12] utilizava representações de cunho didático para transmitir os ensinamentos cristãos. O latim macarronisáva-se em dramas litúrgicos que utilizavam a música e a *performance* para alcançar um número maior de fiéis – visto que o latim ortodoxo muitas vezes não era compreendido. As festas religiosas tinham funções sociais e cada corporação possuía um Santo Padroeiro. Elas permitiam a execução dos dramas que deram origem aos Mistérios ou Milagres falados em vernáculo e representados por grupos itinerantes formados por leigos, artífices e comerciantes.

12. Igreja, no imaginário medieval, designava o edifício, o espaço circundante, as feiras e até mesmo os espetáculos populares. A paróquia congregava a nave, o sino e o cemitério.

Os santos, que já haviam sido humanos, além de duplicarem a condição de um deus encarnado, também tornavam-se personagens daquela realidade, daquele imaginário. O interesse das corporações nas apresentações e festividades era intenso porque elas atraíam muitas pessoas, impulsionavam o comércio e a formação de novas classes urbanas. Os mistérios, as *Soties* e peças cômicas (muitas vezes os gêneros se interpenetrando) eram carnavalizados com a introdução do riso, de diabruras, de mascaradas e música. Desdobrando-se em preces jocosas, homilias paródicas, lendas sagradas burlescas em que uma gama de pessoas dedicava-se às encenações performáticas. Ora contratados pelos comerciantes, ora devidamente escolhidos pela Igreja, os bufões, os malandros, os tolos, os ambulantes, eram os principais heróis cômicos que aproximavam a exegese bíblica ao medo da morte preparando os fiéis (em vida) para um descanso eterno. Enquanto as almas eram salvas diuturnamente, os pecados da gula, da carne e do corpo coletivo-festivo da multidão celebrava o humano.

Tudo isso, contado e cantado pela geopoesia de cordel.

As concepções políticas das ordens que imperaram em cada sociedade, em cada momento histórico, estão permeadas pela relação com os discursos e podem ser plenamente observadas nos documentos, representações artísticas e arquitetura. Essa realidade física e espiritual pode ser presentificada nas estruturas organizadoras do humano e nos êxtases místicos e tinha o poder de dissolver vínculos hierárquicos e cristalizados conduzindo a outros novos. Com isso, uma imaginária popular, mesmo imposta a memória religiosa e hagiográfica sobrevivia graças aos rituais ligados ao comércio e às festas.

A partir disso, facilmente infere-se sobre a importância da praça, da feira e da festa na geopoesia de cordel. Esses espaços para a literatura de campo se realizar utilizou as proibições sérias do clero para compor seus personagens e dizeres. Uma gama de festeiros e libertinos compuseram os folhetos, em meio a guerras e conflitos, problemas econômicos e carestias, épocas de grande mortalidade e de grandes colheitas. Os jogos, as brincadeiras, as risadas altas, pantomimas, injúrias e imagens do corpo (excrescências, protuberâncias, cheiros, odores, urina e fezes) também sempre farão parte das imagens comungadas com louvações ao deus cristão e ao diabo (*tricksters e jockesrs, smarters e tweeters*).

A geopoesia de cordel é um banquete contínuo, onde os personagens agem comendo e bebendo, caminhando e cantando e seguindo as métricas que de tão longe vem vindo. Enformando o apego e alegria às coisas da vida, recordando os processos de violência que fundaram as culturas brasileiras, a feira torna-se um lugar próspero, movimentado, como o ambiente das feiras. Os seres comem, dançam, bebem, amam, trabalham, mendigam, regozijam-se.

Mudam-se papéis, mas as necessidades continuam as mesmas: no país do futuro, uma manifestação do passado presenta-se no presente contínuo da vida e língua vivas. Pensar a geopoesia de cordel é justamente buscar as *performances* de papel dos ambulantes das palavras. O cordel não tem preconceito de temas. Como a geopoesia, está aberto para tudo que é humano. Em tempos de pandemia, diante da invasão da Ucrânia pela Rússia, trazemos para conclusão o encontro de um cordelista de Brasília com um dos maiores pensadores dos países à roda do capitalismo:

Dostoiévski: 200 anos.
Gustavo Dourado

Eis Fiódor Dostoiévski
A dissecar a alma humana
Do funesto ao solitário
De uma realidade insana
Beleza e humanismo
Com uma ação desumana

Os Irmãos Karamazóv
Dostoiévski em ação
Dilemas da humanidade
Com a mente em ebulição
O dinheiro que avassala
Mundos em transformação

Smierdiákov, Raskolnikov
Em estilo arrevesado
De compreensão difícil
O tempo desarticulado
Entre o tosco e o natural
Que soa multifacetado

Tem tensão na narrativa
Com o diálogo cultural
Há interação no romance
Tem a dialógica crucial
O filosófico-religioso
E o psicológico-social

Linguagem cheia de vida
Tem arte, engenhosidade
O movimento do tempo
Com pressa e agilidade
O drama da sobrevivência
Luta, universalidade

Urdidura inteligente
E temática universal
Do Socialismo Utópico
À dominação do capital
O sentimento de culpa
Com os conflitos da moral

A Rússia dos Karamazóv
De subversão, filosofia
O diabo que em pessoa
Na trama mal se anuncia
Justiça que cega, incrimina
Tem bebedeira e orgia

Do evangélico ao satânico
Os ecos da duplicidade
As contradições do ser
A constante dualidade
Vai da pureza à heresia
Conflitos da humanidade

A crítica ao capitalismo
Com desejos de utopia
O socialismo distante
Que o sonho prenuncia
Contradições, paradoxos
Que falam na polifonia

Foi Fiódor Dostoiévski
Romancista-Escritor
Retratou o povo pobre
Com o seu gênio criador
Foi preso e perseguido
Pelo tirano czar-ditador

“O Idiota” e “Os Possessos”
Também de “O Jogador”
“O Duplo”, “Crime e Castigo”
E de “Diário de um Escritor”
De Irmãos Karamazov
Dostoievski é grande autor

“Memórias do Subterrâneo”
“Noites Brancas”,
“Pobre Gente”
“Humilhados e Ofendidos”
A verve de “O Adolescente”
“Memórias da Casa dos Mortos”
Dostoievski ferve a mente

Mestre russo do romance
Leu Vítor Hugo e Cervantes
Byron, Shakespeare, Homero
Schiller e Balzac triunfantes
Leu teatro, mil romances
Foi de Édipo às Bacantes...

Polifonia romanesca
A dor e prisão sexual
Há dicotomia na trama
A peleja do bem e do mal
Com a dialética presente
O romance fundamental.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

SCHECHNER, Richard. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Trad. Augusto R. Silva Junior. rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA JUNIOR, Augusto. Rodrigues. Geopoesia amazonial: raizamas e livros invisíveis. In: Gerson Albuquerque; Agenor Sarraf Pacheco. (Org.). Uwa’Kürü - Dicionário analítico. 1ed.Rio Branco: Nepan Editora; Edufac, 2022, v. 6, p. 34-51.

SILVA JUNIOR., A. R. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. *Cerrados* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB). V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2

SILVA JUNIOR, A. Rodrigues; MARQUES, G. C. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade.* v. 5, p. 232-248, 2015.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. Centroestinidades e geopoesia: casa de morar Niemar é a poesia. In: Ana Clara Magalhães de Medeiros; Karine Leite; Augusto Rodrigues da Silva Junior; Lemuel da Cruz Gandara (Orgs.). *Os parceiros de Águas Lindas*: ensino de literatura pelas letras de Goiás. 1ed. Goiânia: R&F Editora, 2018a, v. 1, p. 53-80.

SILVA JUNIOR, A. Rodrigues. *Geopoesia e Literatura de Campo no Cerrado*: José Godoy Garcia e outros niemares. Dinâmicas Territoriais e políticas sociais no Brasil contemporâneo. Goiânia: Kelps, 2018b. v.1 p. 326-330.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues; BARROS, Eloísa Amorim. Raizamas do Brasil: benções amazônicas no oeste do Pará. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*. n. 63. São Leopoldo: Oikos Editora, 2020. p. 176- 188.

SILVA JUNIOR, A. R. Festejo quilombola: o kalunga, o divino, o verso. In: IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008, SALVADOR. BIBLIOTECA – ENECULT 2008, 2008.

SILVA JUNIOR, A. R. VOZES E VERSOS NA FESTA QUILOMBOLA DOS KALUNGA. Revista África e Africanidades, v. ano I, p. 11, 2008.

Literatura e Performance: dramas, corpos e vozes no período colonial brasileiro. Performances Culturais. 1ed.São Paulo: Hucitec, 2011, v. 1, p. 295-308.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. *Morte e decomposição biográfica em Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras da UFF. Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ).

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas* – ação simbólica na sociedade humana. trad. Fabiano Moraes. Niterói: EdUFF, 2008.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

ANGELITA GOMES FONTENELE RODRIGUES DA CUNHA- Mestre em Letras pelo ProfLetras (UFT-TO, 2020), é professora do ensino fundamental da rede pública do município de Teresina-PI. É piauiense (de Piracuruca), morou na zona rural até os quatorze anos de idade quando teve o seu primeiro contato com o cordel, primeira leitura oportunizada pelos pais quando lhe alfabetizaram. Antes e durante a realização da pesquisa que resultou na produção das memórias dos cordelistas da Cordelaria Chapada do Corisco (COCHACOR), participou de duas edições da oficina de Cordel de Teresina que resultaram nos cordéis coletivos “Não ao feminicídio” e “Democracia”, modelos que adotou para organizar as produções dos jovens estudantes do 8º ano durante a pesquisa-ação realizada em 2020. Além disso, após a realização das oficinas que lhe oportunizaram maior aproximação com as técnicas próprias do texto cordeliano, escreveu o texto “Cordel em Teresina” (2019), um texto que fala sobre sua relação com o cordel, faz homenagem aos seus professores do mestrado, fala sobre a aproximação com os cordelistas participantes da pesquisa e ainda como tornou-se sócia da COCHACOR. https://orcid.org/0000-0002-5224-7887. Contato: angelitafontenele@hotmail.com

ELIANE CRISTINA TESTA - Possui Pós-doutorado em etnopoesia (PPGL/UFT, 2020). Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2015), Mestre em Letras (UEL/PR, 2002). É professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT/UFNT), poeta e colagista. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT/Câmpus de Araguaína) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras-UFT/Câmpus de Araguaína). Tem publicado dois livros de poesia "guizos da carne: pelos decibéis do corpo" (Poesia Menor/ SP, 2014) e "sanguínea até os dentes" (Patuá/SP, 2017). É professora da Universidade Federal do Tocantins-UFT/UFNT, do Curso de Letras. Contato: lialeny@uft.edu.br Instagram: @liatesta_ colagista

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br